

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Jimmy Barbosa Pessoa

Anjos Cansados

O sofrimento de pastores com sintomas da síndrome de *burnout* na
Assembleia de Deus ministério do Belém em São Paulo

MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

São Paulo

2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Jimmy Barbosa Pessoa

Anjos Cansados

O sofrimento de pastores com sintomas da síndrome de *burnout* na
Assembleia de Deus ministério do Belém em São Paulo

MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Dissertação apresentada à banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da
Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Edin Sued
Abumanssur.

São Paulo

2020

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura _____

Data _____

e-mail: jimmybpessoa@gmail.com

P475

Pessoa, Jimmy Barbosa

Anjos Cansados: o sofrimento de pastores com sintomas da síndrome de burnout na Assembleia de Deus ministério do Belém em São Paulo / JimmyBarbosa Pessoa. -- São Paulo: [s.n.], 2020.

122p ; cm.

Orientador: Edin Sued Abumanssur.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) -- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião, 2020.

1. Burnout. 2. Pastores. 3. Assembleia de Deus. 4. Stress. I. Abumanssur, Edin Sued. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião. III. Título.

CDD 200.19

Jimmy Barbosa Pessoa

Anjos Cansados

O sofrimento de pastores com sintomas da síndrome de *burnout* na Assembleia de Deus ministério do Belém em São Paulo

Dissertação apresentada à banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur – PUC/SP

Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos – USP/SP

Prof. Dr. Everton de Oliveira Maraldi – PUC-SP

A todos os pastores assembleianos, que em sua missão dedicam o que tem de mais precioso: as suas vidas.

AGRADECIMENTO CAPES

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento: 88887.313853/2019-00”.

CAPES ACKNOWLEDMENT

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code: 88887.313853/2019-00”.

AGRADECIMENTO FUNDASP

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP), a qual também agradeço a todo o trabalho oferecido por seus colaboradores e colaboradoras, nas áreas administrativas e operacionais, pois reconheço que sem este importante apoio não seria possível realizar a presente pesquisa e produção deste texto dissertativo.

AGRADECIMENTOS

Aprendi no convívio familiar, educacional, militar, religioso e nos últimos anos na vivência do mundo acadêmico, que a gratidão é uma das maiores virtudes do ser humano. E neste pequeno texto, que é fruto de um imenso trabalho, eu tenho muito a agradecer. Primeiramente a Eterna Divindade, por ter me concedido a vida e junto com esta maravilhosa dádiva, acrescentou pessoas que colaboraram imensamente na minha formação e construção como ser no mundo.

Agradeço ao meu pai, Antônio José Farias Pessoa (*in memoriam*), que me trouxe ensinamentos e experiências inesquecíveis e por meio de seu trabalho, eu tive apoio financeiro para suprir meu sustento e de minha companheira, filha e filho na minha formação acadêmica. A minha querida mamãe, o meu muito obrigado, por ser minha companheira em todos os momentos da minha vida, que me ajudou com palavras, ensinamentos, ajuda financeira, abraços e orações que sei que colaboraram e me ajudarão por toda a minha vida.

A minha Ana Mara, que através de seu jeito e beleza encantou meu coração e com o passar dos anos me ajudou a compreender minhas limitações e perseverou por mim nos momentos mais difíceis, estando sempre comigo e me presenteando, com amor e com a minha linda Sophia e meu querido Nicholas, que são parte de minha vida e motivo de buscar sempre lutar por um mundo melhor e mais justo. Ao meu irmão Dimitry e irmã Carolina, que muito me ajudaram para meus estudos e conclusão desta pós-graduação. As minhas tias Mazé e Cristina, que me apoiaram e incentivaram nas minhas ações e atividades religiosas, e educacionais. Ao pastor Heber de Souza, por ser um incentivador do meu trabalho e um amigo.

Ao professor Edin Sued Abumanssur, por seus ensinamentos e orientações que muito colaboraram neste trabalho e na minha formação acadêmica. Aos professores do Programa de Ciência da Religião da PUC-SP: Frank, Wagner, Everton, Suzana, Décio, Londoño, Zeca, Eulálio, Eduardo, Silas, Ênio e Fábio, estes e estas, colaboraram com suas aulas e palestras inesquecíveis, e a secretária do programa, Andreia.

Agradeço aos discentes do Programa em CRE, que me concederam a oportunidade de ser o seu representante no ano de 2020, junto com minha amiga Patrícia. Também agradeço ao professor Gedeon Alencar, que foi o canal para minha chegada na PUC-SP e a professora Brenda, por sua atenção a minha pessoa. Ao professor Esdras Vasconcellos, por sua disponibilidade de me orientar sobre o tema do *burnout* e por inserir-me no seu grupo de orientandos, não estando eu ainda participando formalmente do seu programa. A todos os pastores que participaram das entrevistas e a cada pessoa que me ajudou neste percurso maravilhoso do Mestrado em Ciência da Religião, o meu muito obrigado.

“Ainda que haja medo, cansaço e preocupações. Prosseguir é a alternativa para os que caminham e vivem movidos pela esperança, e assim encontram cura, mudança e liberdade”.

Jimmy Barbosa Pessoa

RESUMO

PESSOA, Jimmy Barbosa. Anjos Cansados: O sofrimento de pastores com sintomas da síndrome de *burnout* na Assembleia de Deus ministério do Belém em São Paulo. 2020. 122 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

O presente trabalho tem como objetivo analisar o sofrimento de pastores da Assembleia de Deus Ministério do Belém em São Paulo, que apresentam sintomas da síndrome de *burnout*. Buscando compreender às consequências no desempenho do trabalho pastoral como na sua vida pessoal, social e familiar. Apresentamos um panorama histórico da Igreja Assembleia de Deus no Brasil e sua implantação no estado e na cidade de São Paulo a partir de textos históricos institucionais e de historiadores que partem de uma pesquisa acadêmica sobre a origem das Assembleias de Deus no território brasileiro e em solo paulistano. Realizamos ainda uma análise sobre a formação do pastor, seu perfil social e o modelo organizacional da AD Belém na capital paulista a partir da lente de Max Weber e de outros intelectuais que estudam sobre o pentecostalismo através de proposta sociológicas. Compreendemos ser essencial discorrer sobre a história e um tratado sociológico do perfil do pastor assembleiano, para maior compreensão do solo em que este pastor desempenha suas funções religiosas e tem sua vida atrelada em todas as instâncias da mesma, pois a labuta pastoral implica na mobilização da vida do ministro pentecostal bem como de sua família. Apresentamos perspectivas teóricas diversas sobre a síndrome do esgotamento trazida por teóricos como: Mézerville, Pereira e Vasconcelos. E procuramos realizar uma cuidadosa análise dos dados coletados por meio dos referências teóricas utilizados. A metodologia desta pesquisa seguiu o método de pesquisa de campo por meio de entrevista semiestruturada com seis pastores da ADMB; e havendo ainda pesquisa bibliográfica para registro de informações necessárias e fundamentais para a preparação de capítulos deste texto. Na conclusão desta pesquisa, apontamos propostas de cuidado com os pastores com base nos resultados obtido pelas referidas análises. Consideramos que o trabalho intelectual realizado para a construção desta Dissertação, é uma preparação do terreno para futuras pesquisas nesta temática e em outros temas relacionados a Psicologia do trabalho, com foco na promoção de cuidado e tratamento no sofrimento psíquico de líderes das Assembleias de Deus no Brasil.

Palavras-chaves: Síndrome de Burnout. Pastores. Assembleia de Deus. Stress.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the suffering of pastors of the Assembly of God Ministry of Belém in São Paulo, who show symptoms of burnout syndrome. Seeking to understand the consequences in the performance of pastoral work as well as in their personal, social and family life. We present a historical overview of the Assembly of God Church in Brazil and its implantation in the state and in the city of São Paulo, based on institutional historical texts and by historians who start from an academic research on the origin of Assemblies of God in Brazil and on the ground paulistan. We also carried out an analysis on the formation of the pastor, his social profile and the organizational model of AD Belém in São Paulo from the lens of Max Weber and other intellectuals who study Pentecostalism through a sociological proposal. We understand that it is essential to talk about the history and a sociological treatise of the profile of the assembly pastor, for a better understanding of the soil in which this pastor performs his religious functions and has his life linked in all instances of the same, because the pastoral toil implies in the mobilization of the Pentecostal minister as well as his family. We present different theoretical perspectives on the exhaustion syndrome brought by theorists such as: Mézerville, Pereira and Vasconcelos. And we try to carry out a careful analysis of the data collected through the theoretical references used. The methodology of this research followed the field research method through semi-structured interviews with six pastors from ADMB; and there is also bibliographic research to record necessary and fundamental information for the preparation of chapters of this text. At the conclusion of this research, we point out proposals for caring for pastors based on the results obtained by said analyzes. We believe that the intellectual work carried out for the construction of this Dissertation, is a preparation of the ground for future research on this theme and other themes related to Work Psychology, with a focus on promoting care and treatment in the psychological suffering of leaders of Assemblies of God in Brazil.

Keywords: Burnout syndrome. Pastors. Assembly of God. Stress.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Assembleia de Deus

ADs – Assembleias de Deus

AD Belém – Assembleia de Deus do Belém

ADMB – Assembleia de Deus Ministério do Belém

ADMM – Assembleia de Deus Ministério de Madureira

CGADB – Convenção Geral dos Ministros das Assembleias de Deus no Brasil

CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus

CONAMAD – Convenção Nacional das Assembleias de Deus de Madureira

CONFRADESP – Convenção Fraternal Interestadual das Assembleias de Deus do Ministério do Belém em São Paulo.

ELAD – Encontro de Líderes da Assembleia de Deus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1. UM BREVE HISTÓRICO DA ASSEMBLEIA DE DEUS EM SOLO BRASILEIRO E NA CIDADE DE SÃO PAULO: DA CONVENÇÃO GERAL, A CONVENÇÃO FRATERNAL E O PERFIL HISTÓRICO DO PASTOR ASSEMBLEIANO.	37
1.1 Assembleia de Deus: A gênese em solo brasileiro	39
1.2 A fundação da Assembleia de Deus em São Paulo	43
1.3 A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil e a relação com os pastores	47
1.4 Um resumo histórico da figura do pastor assembleiano	50
1.5 A convenção Fraternal das Assembleias de Deus em São Paulo e a relação com os ministros filiados	53
2. O PASTOR NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS: UM PANORAMA ORGANIZACIONAL DA ADMINISTRAÇÃO ECLESIASTICA DA IGREJA EM SÃO PAULO E UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER DO PASTOR COM AS TIPOLOGIAS WEBERIANAS.	55
2.1 A figura do pastor nas Assembleias de Deus	56
2.1.1 A figura do pastor presidente de ministério ou igreja, presidente de campo, líder de setor ou área, dirigente de congregação e líder de departamentos nas Assembleia de Deus no Brasil.	58
2.1.2 O pastor presidente, líder de setor, dirigente de congregação e líder de departamento na Assembleia de Deus do Belém em São Paulo Capital.	59
2.2 A estrutura organizacional da Assembleia de Deus Belém em São Paulo	62
2.3 A origem social do pastor nas Assembleias de Deus	63

2.4 A escolha dos candidatos ao ministério pastoral, a formação e preparação no campo de atuação e a prática pastoral e a ordenação.	64
2.5 O pastor nas Assembleias de Deus e sua relação de poder	68
2.6 A figura do pastor como líder nas Assembleias de Deus e as características de dominação carismática e tradicional	69
2.7 O pastor como sacerdote e profeta nas Assembleias de Deus por uma lente weberiana	73
2.8 Uma análise sobre o pastoreio na perspectiva e prática entre o ministério, família e igreja	75
3 A SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i>: DEFINIÇÕES, APONTAMENTOS, CONSEQUÊNCIAS, CUIDADOS E TRATAMENTO DO BURNOUT EM PASTORES ASSEMBLEIANOS	78
3.1 A Síndrome de <i>Burnout</i> , definições e fatores causais	79
3.1.1 Causas da síndrome de <i>burnout</i>	83
3.2. O stress como precursor do <i>burnout</i>	85
3.3 O esgotamento dos pastores assembleianos: um panorama da origem, efeitos e consequências	88
3.4 Do <i>fogo do “espírito”</i> para queimados pelo fogo do esgotamento	89
3.5. A importância do cuidado da saúde mental dos ministros pentecostais	91
3.6. A contribuição da Logoterapia como proposta de cuidado com os pastores: perspectivas teóricas.	94
3.6.1 O cuidado com a saúde psíquica dos pastores: apoio terapêutico	96
3.7 Fortalecidos na fraqueza: A resiliência através das crenças dos pastores como método e perspectiva para a prevenção e o tratamento para superação da síndrome de <i>burnout</i>	97
3.8 Curando às dores: medidas no tratamento da síndrome de <i>burnout</i>	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104

REFERÊNCIAS	115
ANEXOS	120
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	121
ANEXO B - PERGUNTAS TEMAS PARA A REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA NO MODELO SEMIESTRUTURADA COM OS PASTORES DA AD BELÉM EM SÃO PAULO – SP.	122

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Este texto dissertativo teve como campo de pesquisa a historiografia assembleiana, o aspecto sociológico do ministério pastoral e uma análise psicológica com foco especial na síndrome de burnout, para compreender como o trabalho da vida pastoral influencia a saúde psíquica dos pastores e suas implicações para o surgimento de sintomas da síndrome supracitada. Apontando prováveis possibilidades de trabalho e apoio na prevenção e no cuidado de pastores no enfrentamento a síndrome de burnout. O objeto pesquisado desta dissertação foram as consequências da síndrome de burnout em pastores assembleianos e sua correlação de como as demandas do pastoreio agravam a saúde psíquica dos pastores, causando esgotamento físico e mental.

O interesse em estudar essa temática surgiu da decorrência da estreita relação que o autor manteve com pastores da Assembleia de Deus por cerca de onze anos, tanto no desempenho do ministério pastoral, como ainda muito moço nas viagens a inúmeros campos eclesiais (termo usado para explicar e situar o campo de atuação que a respectiva igreja desenvolve seu trabalho), no desempenho da atividade de ensino e pregação bíblica. E nestes lugares, o mesmo teve a oportunidade de ouvir, acolher e aprender com às experiências dos pastores que o hospedavam em suas casas, e muitas vezes após o almoço ou jantar, ou estando conhecendo o campo de trabalho junto com o referido pastor, falavam de suas dificuldades vivenciadas na direção das igrejas, suas tristezas, a solidão sentida em alguns momentos e ausência de apoio fraternal ou ministerial.

Posteriormente já atuando nos trabalhos da convenção estadual da Assembleia de Deus Bela Vista no Estado do Ceará, o pesquisador deste trabalho, inicia ações institucionais de maior proximidade com a pastoral daquele estado. Por meio do trabalho desenvolvido, amplia a relação tanto nos eventos estaduais realizados pela convenção de pastores, como nas assembleias da união de ministros das Assembleias de Deus do Nordeste Brasileiro e nos conclaves realizados pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, onde participou e colaborou de inúmeras assembleias gerais e eventos convencionais.

Todas estas experiências foram ações motivadoras para desenvolver a pesquisa sobre o tema da saúde psicológica dos pastores da Assembleia de Deus. Estando ainda como estudante de psicologia, houve o primeiro contato sobre os conceitos da síndrome de *burnout*, e através de diálogos com o professor e doutor Edin Sued Abumanssur, ficou mais bem compreendido, que o percurso metodológico e científico para iniciar e desenvolver tamanha empreitada

acadêmica teria como ponto de partida ideal, a pesquisa na temática da síndrome de *burnout*. Por ser um assunto que está diretamente ligado a necessidade do cuidado do pastor com sua saúde emocional, física e psíquica.

O tema deste projeto de pesquisa refere-se a figura do pastor descrita na Bíblia como anjo da Igreja, ou seja, o responsável pela liderança e cuidado dos membros. Ao ser descrito o termo cansaço, nos referimos ao esgotamento do pastor como sujeito de liderança e atuação no campo religioso pesquisado, que é a igreja Assembleia de Deus Ministério do Belém em São Paulo (ADMB). A igreja Assembleia de Deus (AD), é fundada no Brasil em junho de 1911, na cidade de Belém do Pará, no Norte brasileiro, através de dois missionários suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, com pouco tempo de fundação a igreja já inicia sua expansão pelo interior paraense e antes da metade da respectiva década já alcança outros estados brasileiros (ALENCAR, 2011).

O trabalho da fundação da igreja assembleiana em solo paulista, teve início no ano de 1924, a partir dos trabalhos realizados pelo missionário Daniel Berg e sua esposa Sara Berg na cidade de Santos. Três anos após o início na cidade portuária do Estado de São Paulo, a igreja Assembleia de Deus é instalada na capital, no ano de 1927, estabelecendo sua primeira congregação no bairro da Vila Carrão. A igreja é fundada e liderada pelo missionário Daniel Berg que além de realizar cultos no salão alugado, mantém atividades de evangelização em bairros e cultos campais (reuniões em calçadas, chamado evangelização ao ar livre, modelo comum nas Assembleias de Deus em todo o Brasil), e assim a igreja segue sua marcha de crescimento (CONDE, 2017; COHEN, 1991).

A igreja pentecostal muda de endereço por algumas vezes, chegando a ser localizada nos bairros do Tatuapé, Brás e no início da década de 1940 a Assembleia de Deus em São Paulo se estabelece na região do bairro do Belém, e a partir dessa data, passa a ser conhecida como ministério do Belém. Espalhando-se por várias regiões da capital, cidade limítrofes e no interior do estado. Havendo também atuação na evangelização dos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (CONDE, 2017; COHEN, 1991).

Na região metropolitana de São Paulo, o ministério do Belém, tem seu crescimento conforme a expansão urbana por conta da industrialização e crescimento urbano de São Paulo. Um dos fatores que contribuíram para a expansão da igreja foi a vinda de migrantes, principalmente nordestinos e nortistas, que já eram convertidos a fé pentecostal, e se mudam para a capital que mais crescia no país em busca de novas oportunidades de vida, com isso a AD Belém, como também é chamada, cresce e se estabelece no passar dos anos como a maior igreja Assembleia de Deus em solo brasileiro.

Neste campo mesclado pelo crescimento urbano de São Paulo, industrialização, êxodo de milhões de pessoas para a cidade paulistana, vindo residir esse grande público nas regiões periféricas da capital, é que está o sujeito pastor ou futuro Ministro (pastor ou evangelista nas Assembleias de Deus no Brasil), que está ou estará à frente da igreja. Esse pastor vem de um histórico de formação educacional simples, muitos (maioria absoluta) não têm nenhuma formação acadêmica, tão pouco teológica ou bíblica. E exercem profissões que não necessitam de maior escolaridade, como pedreiros, operários, porteiros, contínuos, motoristas etc. (ROLIM, 1987).

Se o cenário social dos pastores protestantes e sua origem é simples no sentido intelectual e econômico, a mensagem que eles trazem alcança as massas, chega até os ouvidos dos mais carentes como uma palavra de esperança e apoio, e rapidamente forma-se uma comunidade que busca ajudar “os irmãos em tudo”, desde espiritual a vagas de emprego, atrelado a frase, “irmão ajuda irmão”. A principal figura em uma congregação assembleiana, é a pessoa do pastor, este recebe toda admiração e atenção dos membros, que enxergam nele a figura de “homem de Deus”, que ajuda o fiel em todas às coisas.

Partindo dessa atuação do pastor no campo religioso e nas questões trazidas pelos entrevistados, buscamos neste trabalho, realizar uma análise sociológica do pastorado a partir da lente teórica de Max Weber sobre o pastor, poder e a dominação pastoral.

Neste texto dissertativo, tratamos sobre os conceitos de poder e dominação em uma perspectiva weberiana.

§ 16. Poder significa toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade. Dominação é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis; disciplina é a probabilidade de encontrar obediência pronta, automática e esquemática a uma ordem, entre uma pluralidade indicável de pessoas, em virtude de atividades treinadas (WEBER, 1994, p. 33).

Nos apropriamos das análises de Weber sobre as tipologias de dominação a partir das perspectivas do poder de caráter racional, tradicional e carismático. Fazendo uso destas categorias analíticas de Weber para o manuseio dos dados coletados na produção das análises sobre o poder pastoral em caráter racional, tradicional e carismático.

1. Caráter racional: baseada na crença na legitimidade das ordens estatuídas e do direito de mando daqueles que, em virtude dessas ordens, estão nomeados pra exercer a dominação (dominação legal). ou,

2. Caráter tradicional: baseada na crença cotidiana na santidade das tradições vigentes desde sempre e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições, representam a autoridade (dominação tradicional), ou, por fim,
3. Caráter carismático: baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas (dominação carismática) (WEBER, 1994, p. 141).

Discorrer e analisar a partir de lentes da Sociologia sobre o poder pastoral, é compreender sobre o campo das relações de poder que o pastor assembleiano vivência. Analisando tanto suas funções dentro da congregação, sua liderança no setor que pastoreia e a posição hierárquica onde esse pastor está figurado e quais são às implicações correlacionadas ao domínio pastoral. E fazendo uso destes dados e resultados, compreender se as questões do poder pastoral colaboraram para a incidência da síndrome do esgotamento nos referidos líderes da Assembleia de Deus.

Ainda foram usados outros escritores que tratam do poder e de temas relativos ao pastorado na Assembleia de Deus, seja a partir de dados históricos, análises sociológicas, antropológicas e sobre a relação dos pastores e as igrejas em todos os seus âmbitos. Autores esses que dedicam suas pesquisas sobre o fenômeno pentecostal e as Assembleias de Deus no Brasil, como Gedeon Alencar, Cartaxo Rolim, Marina Corrêa e Paul Freston.

Tratando sobre o principal tema desta dissertação, que são os aspectos relacionados a síndrome de burnout na vida dos pastores da Assembleia de Deus; buscamos trazer uma análise das atividades do trabalho pastoral e o adoecimento de pastores por conta do esgotamento físico e mental que os pastores pesquisados foram submetidos no exercício do pastoreio, e, em alguns casos, potencializados por suas responsabilidades profissionais, familiares e suas questões pessoais.

A síndrome psicossomática de burnout.

A síndrome de *burnout*, deriva da origem de uma palavra inglesa e quer dizer “aquilo que parou de funcionar por total falta de energia”. Também conhecida como Síndrome do Esgotamento Profissional. Faremos uso dos conceitos da CID-10 conceituada no código Z73 e de teóricos que pesquisam o burnout para analisar os resultados coletados nas pesquisas de campo referentes as perspectivas desta síndrome, como as questões relacionadas a estresse e depressão. A CID-10 é uma produção científica, de uso internacional e estatístico, usado por psiquiatras, psicólogos e outros profissionais da saúde, para estudar e tratar de patologias ou transtornos mentais.

A Classificação Internacional de Doenças (CID) foi adotada internacionalmente em 1893 passando a ser utilizada como uma Classificação de Causas de Morte. A partir da Sexta Revisão, em 1948, a responsabilidade pela CID e sucessivas revisões passou para a OMS e esse instrumento estatístico desde então, vem se ampliando bastante deixando de ser apenas uma classificação de causas de morte para se tornar a seguir, também, uma classificação de doenças propriamente dita e de motivos de consulta (LAURENTI, 1994, p. 112).

A CID-10 na sua 10ª Revisão no Capítulo V sobre os Transtornos Mentais e de Comportamento representa um importante avanço na Classificação Internacional das Doenças Mentais. Foi fruto de um grande esforço coletivo internacional[...] no final do século XVIII, Pinel fazia grande revolução do diagnóstico dos transtornos mentais. No final do século XIX, coube a E. Krapelin fazer a segunda revolução. Em nosso ponto de vista, esse Capítulo V da 10ª Revisão da CID da OMS vem a ser a revolução do diagnóstico psiquiátrico deste final de século [...] assim, a proposta da CID-10 é o produto da colaboração, no autêntico sentido das palavras, de inúmeras pessoas e organismos de muitos países (CID-10, 2011, p. ix).

Tratando sobre o *burnout*, Pereira (2013), explica que a síndrome do esgotamento profissional recebe do mais amplo diagnóstico, denominado estresse, até o restrito episódio psiquiátrico de depressão. Entre esses dois diagnósticos, há ainda, uma diversidade de classificações, tais como: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional.

Consideramos que a sobrecarga do pastor em suas atividades, as exigências na vida ministerial, familiar, social e as questões relacionadas a vida pessoal do pastor, geram grandes demandas e acarretam exaustão e esgotamento físico e psíquico. Estas crises ainda acarretam sintomas de depressão que, segundo a CID-10 no código F33, é uma doença psiquiátrica crônica e recorrente que produz uma alteração do humor caracterizada por uma tristeza profunda, sem fim, associada a sentimentos de dor, amargura, desencanto, desesperança, baixa autoestima e culpa, assim como a distúrbios do sono e do apetite (CID-10, 2011).

Compreendemos que o tema tratado é amplo em seus conceitos históricos, sociológicos e psicológicos. Havendo o desafio de atuar em uma área onde o material sobre este assunto é ainda limitado, sendo ainda muito vasto o campo de pesquisa nesta área da Ciência da Religião. Sendo mais uma área de trabalho e pesquisa para o Cientista da Religião, como citado por Belzen (2016), que uma forma de trabalho da Psicologia da Religião, é do preparo de pastores e padres por exemplo, para o cuidado aplicado a pastoral, onde os mesmos fomentam o bem-estar psíquico dos seus fiéis com a capacitação qualificada nesta respectiva área, se estendendo a todos os cuidadores estas perspectivas teóricas e de preparação para acolhimento e aconselhamento.

A síndrome de burnout também está relacionada a stress, que é uma patologia que também traz consequências neurológicas e físicas. O stress afeta o cérebro em nível fisiológico e

condutor, produzindo sintomas psicológicos tais como irritabilidade, fadiga intelectual, dificuldade de concentração, vazios de memória, queda do rendimento intelectual, bloqueios mentais, propensão a sofrer acidentes, confusão e tendências aditivas (MÉZERVILLE, 2018). A síndrome de *burnout*, segundo Pereira (2017), desenvolve-se lenta e silenciosamente por um longo período, sendo mais uma “patologia silenciosa”, que afeta o ser humano em sua totalidade e produz o adoecimento psíquico que pode gerar outras síndromes como de pânico, transtornos compulsivos, doenças físicas e outros malefícios ao bem-estar dos indivíduos.

A importância de estudar a síndrome de burnout, é considerar que inúmeros profissionais das áreas de saúde, administração, economia, organizacional, executivos, operários e pessoas ligadas a todas as profissões têm sofrido por este esgotamento físico e mental, resultado da precarização do trabalho na contemporaneidade. Sendo um tema que tem sido discutido e pesquisado por vários profissionais e vem preocupando empresários e corporações tanto na questão empregatícia como nos resultados de suas empresas (BOMFIM; FILIPPE, 2020).

Foram consideradas cinco justificativas para a presente pesquisa:

1 - A necessidade de se aprofundar no tema proposto, já que os casos de esgotamento de pastores têm levado uma quantidade considerável de desistência do ministério pastoral e adoecimento psíquico e fisiológico;

2 – Os dados obtidos em conversas com alguns pastores, que apontaram em entrevistas e diálogos com o pesquisador, que às questões relativas a saúde psicológica, situações de crises na vida pessoal, familiar e ministerial, as quais pastores dizem ser por conta das demandas do pastoreio, e o aparecimento do estresse, depressão e outras doenças psicossomáticas, tem se agravado nos últimos anos no meio dos pastores da Assembleia de Deus, e não se tem buscado de uma parcela maior da liderança e dos membros, uma atenção a estes problemas;

3 - As experiências do autor e pesquisador do projeto junto aos pastores da Assembleia de Deus em São Paulo e em outros estados brasileiros, e o mesmo ter participado por cerca de onze anos de trabalhos eclesiais e convencionais (atividades vinculadas a Igreja Assembleia de Deus como pastor e como membro da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil - CGADB, que é órgão representante dos pastores assembleianos ligados as Assembleias de Deus Tradicional, chamada de Missão.), que trazem a suas demandas quando sabem que o mesmo é psicólogo e mostrou-se disposto a pensar e tratar da saúde psicológica dos pastores;

4 - Considerando que as pesquisas psicológicas sobre a saúde psíquica dos pastores é ainda um vasto campo de pesquisa e carece de fontes e referências bibliográficas para ampliar e cooperar nas descobertas e aprendizados deste tema;

5 - Buscar produzir um material que auxilie pastores, igrejas e outras pesquisas científicas neste referido assunto. E contribuir como fonte de pesquisa bibliográfica para as necessidades levantadas referente ao tema da saúde psíquica dos líderes religiosos, tanto como perspectiva preventiva e de cuidado psicológico.

Os motivos de escolha da Igreja Assembleia de Deus Ministério do Belém em São Paulo capital, ocorreu por três motivos:

Primeiro, por ser a maior Assembleia de Deus do Brasil, tanto por possuir o maior número de congregações (igrejas filiais espalhadas em toda região metropolitana de São Paulo), em número de pastores em um único campo eclesiástico (termo usado para explicar a circunscrição eclesiástica da área de atuação da referida igreja, tanto na questão ministerial e convencional).

Segundo motivo listado, é que a AD Belém, é o ministério assembleiano que exerce a maior influência nas Assembleias de Deus no Brasil, tanto na esfera da política eclesiástica, como na referência na detenção de capital político eclesiástico, no percurso histórico da relação de poder no arraial assembleiano, sendo já um excelente laboratório para o desenvolvimento de novas pesquisas em projetos futuro.

E, por fim, por ser um campo onde tenho maior alcance e abertura por ser membro da respectiva igreja e atualmente filiado a sua convenção estadual. Havendo assim um contato mais próximo com os pastores e um canal já aberto para a realização de pesquisas de campo.

Destaco também, que no período de pesquisa, tanto no trabalho de campo, leitura do referencial teórico e na produção da dissertação, tomei a decisão de me licenciar das funções pastorais, não estando à frente de nenhuma igreja ou departamento da referida denominação que faço parte. Entendendo que meu distanciamento do objeto, seria de grande importância na busca de produção de um trabalho onde tanto às pesquisas de campo como a produção teórica não viesse a sofrer tanta interferência por ser membro da instituição.

Apontamos como problemas para a produção dessa pesquisa, as seguintes questões:

1- Como o ministério pastoral influencia na saúde psíquica dos pastores no tocante ao desenvolvimento de sintomas da síndrome de burnout?

2 – Quais as variáveis que levam o pastor da Assembleia de Deus a desenvolver a síndrome de burnout?

3 – A figura do pastor tem preparo psicológico para conciliar os trabalhos eclesiais e sua vida pessoal, familiar e social?

4 - Existe um cuidado do pastor com sua saúde psicológica, havendo ações preventivas e possibilidades de cuidado com os pastores que eventualmente sofram da síndrome de burnout?

5 - Como o pastor enxerga as demandas colocada pela Igreja, família e liderança institucional aos pastores assembleianos?

6 - Como o pastor enfrenta as crises no ministério, na família e em sua vida pessoal?

7 - Como o pastor organiza seu tempo e se tem tempo de descanso e repouso?

8 – Qual o cuidado com os pastores que tem sofrido da síndrome de burnout? Quais ações são tomadas tanto pela liderança do ministério como pela igreja?

A partir destas problemáticas, buscamos os materiais teóricos para desenvolver essas pesquisas, iniciamos a organização e formulação de perguntas temáticas, a busca por pastores para serem entrevistados, a garimpagem de textos que tratassem desse assunto e nos apresentasse resultados ou levantamento de hipóteses sobre esses problemas. Construímos um cronograma que contemplasse as propostas de trabalho inseridas na produção do projeto no início da pesquisa. Sempre tendo como norte que a problemática a partir da análise do nosso objeto de pesquisa, são os sintomas da síndrome de *burnout* em pastores da Assembleia de Deus em São Paulo.

Levantamos como hipóteses para as perguntas trazidas na problematização:

1 - Que o esgotamento enfrentado pelos pastores são consequências das demandas exigidas pelos membros, família e dos órgãos superiores a figura do pastor;

2 - Devido a uma ausência de cuidado com a preparação psicológica dos pastores e uma cobrança excessiva tanto externa como interna, ou seja, do próprio pastor, este se sobrecarrega e não consegue lidar com as questões que surgem na denominação, sendo visto pela maioria como alguém “perfeito”, porém o mesmo é uma figura frágil em todo este processo;

3 - Que por haver uma satanização das doenças psicológicas no seio das igrejas, os pastores não falam de suas crises, dores e sintomas das síndromes de burnout, sofrendo silenciosamente essa patologia;

4 - A família, Igreja e os membros trazem demandas que muitas vezes não são possíveis de serem realizadas pelo pastor, e o próprio ministro tem questões pessoais que são difíceis e não consegue resolvê-las, precisando ser acolhido e apoiado;

5 - Não havendo pessoas de confiança para conversar, carecendo de instrução clínica e de apoio psicológico, o pastor se silencia e quando passa a sofrer pelo esgotamento, e vem a sofrer da síndrome de *burnout* e até outras patologias;

6 - A indistinção entre os espaços profissional e privado colaboram para o pastor adquirir o *burnout*.

Através dos problemas levantados e das hipóteses desenvolvidas, elaboramos nossos temas de pesquisas nas entrevistas semiestruturadas, usando como os assuntos para colhimento dos dados através das pesquisas de campo, realizando às entrevistas para coleta de informações que foram fundamentais para análises a partir dos referenciais teóricos.

Na produção desta dissertação, buscamos alcançar os seguintes objetivos:

Objetivo geral

Identificar, descrever e analisar as causas e consequências da síndrome de *burnout* em pastores da Assembleia de Deus Ministério do Belém em São Paulo, tanto no âmbito do pastoreio, como nas questões de sua vida social, familiar, profissional e pessoal. E apontar medidas para prevenção e cuidado com a classe pastoral.

Objetivos específicos

1. Construir o estado da arte, à partir das experiências pastorais, sempre com as considerações de suas subjetividades, às relações eclesiais, práticas sociais e descrevendo quem é o pastor na Assembleia de Deus. Registrando e analisando os aspectos do ministério pastoral, a vida pessoal do pastor, questões familiares, dramas, conflitos internos, esgotamento físico, vivência institucional, social e perspectivas de futuro. Verificando as diferenças e as questões que geram ou são potencializadoras para crises no ministério pastoral;

2. Analisar as demandas do pastoreio e descrever a relação com os sintomas e às consequências da síndrome de *burnout* nos âmbitos pesquisados da vida dos pastores entrevistados;

3. Recolher, tratar e descrever os dados obtidos e analisá-los pela lente da psicologia, sociologia, e Ciência da Religião, a partir dos referenciais teóricos adotados, e na produção de hipóteses, apontamentos e perspectivas científicas sobre a necessidade da prevenção e do tratamento de pastores da Assembleia de Deus frente a síndrome do esgotamento;

4. Contribuir na produção de material para conhecimento, pesquisa e cuidado da figura do pastor. Buscando ser mais uma fonte bibliográfica na área de Psicologia, Psiquiatria, Ciência da Religião e outras Ciências, com valorização do rigor acadêmico e científico, com o intuito de contribuir no estudo deste tema e ser uma fonte de referência na respectiva área de estudo e pesquisa.

5. Ser um material de preparação do terreno para a pesquisa da Tese no Doutorado e futuros trabalhos acadêmicos, com extensão para outras áreas da psicologia do trabalho, com foco na análise e promoção de saúde mental dos trabalhadores.

Consideramos sempre que o fenômeno pentecostal está enraizado em um ambiente onde os dados históricos, as perspectivas dos ministros e as suas falas correspondem a sua formação religiosa e social. Por isso traremos dados das entrevistas e análises sobre a figura do pastor nas AD Belém, desde o chamado ministerial (termo utilizado por pentecostais para os que segundo eles, são escolhidos por Deus para desempenhar o ministério eclesiástico), formação, prática, desafios, história e perspectivas da liderança assembleiana, o percurso ministerial percorrido e as experiências vivenciadas pelos pastores no desempenho do pastorado na Assembleia de Deus na grande de São Paulo.

Metodologia da pesquisa

Foram entrevistados seis pastores, sendo três de tempo integral ao trabalho eclesiástico e três de tempo parcial às atividades da igreja. Explicamos que o pastor de tempo integral a igreja, é o ministro religioso (pastor ou evangelista na Assembleia de Deus), que tem dedicação exclusiva a igreja, não desempenha atividades seculares, ou profissionais além do trabalho junto a congregação. O pastor de tempo parcial, é o que mesmo sendo pastor de uma congregação, setor ou departamento da igreja, mantém seu trabalho que é sua principal fonte de renda, desempenha função dupla, mesmo tendo obrigações de horário, cultos e outras atividades junto a comunidade.

As duas classes de pastores pesquisadas, tem as mesmas obrigações eclesiásticas nas questões ministeriais, além de participarem das atividades da matriz setorial e geral do

ministério, tanto com suas presenças como na prestação de contas e entregas de relatórios, atuam no trabalho pastoral na respectiva função que desempenha. Foram critérios para a escolha dos pastores pesquisados: estarem na liderança de uma congregação ou terem sido pastores titulares de uma congregação; possuir no mínimo cinco anos de experiência no exercício pastoral e serem pastores da Assembleia de Deus Belém em São Paulo.

Dos pastores entrevistados, três pastores lideram igrejas em bairros periféricos da zona oeste de São Paulo, sendo um deles em um município da grande São Paulo, e os outros três pastores pastoreiam na Zona Leste da capital. Quatro pastores são brancos e dois pastores são negros. Todos os entrevistados podem ser inseridos nas classes C ou D, conforme falaram de seus rendimentos.

Compreender as implicações do trabalho pastoral, é antes deter um conhecimento da história de vida dos pastores entrevistados, considerando suas atividades e relações familiares fora da congregação. Se a síndrome de *burnout* é também conhecida como síndrome do esgotamento, consideramos ser importante analisar quais às consequências das atividades do ministério pastoral nestes dois grupos de pastores. Buscando identificar se existe distinções na conduta dos referidos pastores, diferença de responsabilidades e de cobranças da igreja, e se os sintomas de cansaço e esgotamento são mais presentes em um dos grupos de entrevistados.

Na preparação do projeto de pesquisa, levantou-se a possibilidade de serem entrevistados dez pastores, mas considerando a quantidade de informações e o advento da pandemia que impediu a continuação das pesquisas de campo, consideramos que a quantidade de seis pastores seria suficiente para analisar os dados coletados. As entrevistas ocorreram em modelo presencial e posteriormente com o advento da quarentena, foram realizadas entrevistas pelo formato online. Sendo usado aplicativos de vídeo para a realização das entrevistas com os pastores, havendo o registro das entrevistas em áudio e anotações em um diário de campo, por haver pastores que se sentiam mais à vontade apenas com registro por escrito e havendo outros que informaram que às entrevistas poderiam ser gravadas.

As entrevistas tiveram duração de uma hora em média, e os dados analisados neste trabalho foram apresentados com o uso de Pastor e um número para se referir aos entrevistados (exemplo: segundo o Pastor 1). Esta pesquisa seguiu o modelo de análise de conteúdo temática, conforme Bardin (1977), realizar uma análise temática, consiste em descobrir os núcleos de sentido, que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. Nesse procedimento analítico, o que é chamado de núcleo de sentido, é visto como uma unidade de significação no conjunto de uma comunicação que pode ser oral ou escrita.

Consideramos nesta dissertação, que os núcleos de sentidos foram entendidos como ideias-eixo em torno das quais giram outras ideias. Envolve, portanto, a análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens. As linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para compreensão dos problemas ligados às práticas humanas e a seus componentes psicossociais (SEVERINO, 2015).

Esta Dissertação segue o modelo de estudo empírico das religiões, que é um ramo de pesquisa da Ciência da Religião, que tem como tarefa mais importante entender o “tornar-se” das religiões particulares, compreender seu desenvolvimento como o desdobramento dos princípios a elas inerentes (WACH, 2018). Adentrar na pesquisa do campo da Ciência da Religião é compreender que o ambiente religioso é amplo, extenso e abarca as questões sociais em sua coletividade e individualidade, sendo amplo às possibilidades de pesquisa neste campo, conforme explica PINTO (2016, p. 677):

O objeto de estudo da Ciência da Religião é o mundo religioso. Não é só a religiosidade ou as religiões. É o mundo religioso, singular, genérico, suficientemente vago para caberem neste termo a religiosidade, a espiritualidade, os mitos, os rituais, a história, a linguagem, a cultura, as religiões, as pessoas com sua vida religiosa, a moral e a ética religiosa, o simbolismo religioso, enfim, tudo o que se refira a ou que contenha a religião.

Ao apresentar o campo da Ciência da Religião como um campo multidisciplinar, Pinto (2016, p. 678), diz que: “O campo da Ciência da Religião, dada a enorme complexidade e a importância de seu foco de estudo, é, por excelência, um campo multidisciplinar, plural, no qual não há lugar para um tipo de especificidade que encontramos em algumas outras áreas científicas”. Considerando a importância e necessidade de pesquisa da Psicologia da Religião, Rodrigues e Gomes (2016, p. 334), explicam que esta abordagem da religião, é interesse da Psicologia o ser humano na qualidade de religioso, que seja crente ou não, valorizando e considerando suas motivações, desejos, experiências, atitudes, expressões comportamentais etc.). Se as pessoas agem de acordo com o que creem, e a religião é um profundo campo de debate e estabelecimento de crenças (seja na esfera coletiva ou privada), observar o comportamento religioso parece ser imprescindível para a Psicologia compreender os comportamentos humanos como um todo.

Na atuação do trabalho de pesquisa, análise dos dados e produção do texto teórico, a lente de pesquisa da Psicologia Científica da Religião orienta-se pelos critérios de neutralidade, benevolência e juízo psicológico de verdade, numa posição crítica de análise do comportamento

religioso investigado. Valendo-se para isso, de objetivos e métodos eletivos para inventariar comportamentos, explorar significações, compreender relação do fenômeno religioso com outras esferas humanas, conhecer estruturas das experiências religiosas, discernir a atitude religiosa de outras atitudes humanas, desenvolver hipóteses sobre a dimensão religiosa humana (RODRIGUES; GOMES, 2016).

O percurso metodológico adotado neste trabalho seguiu a abordagem qualitativa. Segundo Godoy (1995), esse tipo de pesquisa tem as seguintes características:

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. No trabalho intensivo de campo, os dados são coletados utilizando-se equipamentos como videoteipes e gravadores ou, simplesmente, fazendo-se anotações num bloco de papel. Para esses pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados. A pesquisa qualitativa é descritiva. (GODOY, 1995, p. 62).

A coleta de dados seguiu o método de entrevista semiestruturada. Na construção do roteiro da entrevista foram feitas perguntas semiabertas com o objetivo de conhecer a vivência dos pastores entrevistados. A coleta de dados buscou informações sobre seus históricos de vida, rotina, principais queixas e inquietações sobre suas atividades pastorais e pessoais; assuntos relacionados a igreja, trabalho, família e suas vontades e perspectivas dos pastores entrevistados.

A entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 146 e 152).

Como ainda sugere Triviños (1987), entendimento do termo entrevista semiestruturada é aquele que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, e a partir da amplitude de interrogativas que vão surgindo, e se estruturando hipóteses que surgem com as respostas do entrevistado, estando nos anexos o roteiro de perguntas usadas para a coleta de dados. Ainda acrescentamos que os referenciais da pesquisa do tipo qualitativa com finalidades acadêmicas, como afirma Gaskell (2002), a pesquisa qualitativa fornece dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos

comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. Compreendemos que a importância da entrevista é devido à necessidade de coletar dados que são importantíssimos para a produção de análises, conforme explica Duarte (2004, p. 115):

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados.

Este trabalho também foi elaborado a partir de pesquisas bibliográficas, a pesquisa bibliográfica segundo Severino (2015, p. 134), baseia-se que: “Tais documentos se definem pela natureza dos temas estudados e pelas áreas em que os trabalhos se situam. Tratando-se de trabalhos no âmbito da reflexão teórica, tais documentos são basicamente textos: livros, artigos etc.”. Foram usados textos que tratam sobre a historiografia assembleiana e pentecostal, e livros com análises da Sociologia e pela lente da Ciência da Religião sobre o campo assembleiano, com foco na figura do pastor e sua relação com a igreja, desde sua formação, seu campo de atuação e questões administrativas que tem como objetivo conhecer mais sobre o perfil do pastor da Assembleia de Deus. Utilizamos alguns materiais primários, ou fontes oficiais da igreja AD Belém, para apresentar tantas questões históricas como seu organograma administrativo, modelo de trabalho institucional e projeto eclesialístico, pois é nesse campo que os pastores pesquisados estão em atuação ou estiveram.

Porém destaco, que a maior dificuldade na produção deste trabalho, foi encontrar material bibliográfico sobre a temática escolhida. Sejam livros, pesquisas, artigos ou texto acadêmicos e científicos. Consegui por meio de indicações e pesquisas em bibliotecas e livrarias, o acesso a produções correlacionados com o tema. Sendo pesquisas realizadas com outros grupos religiosos, como com padres católicos e líderes protestantes. Nas questões da síndrome de *burnout* em pastores da Assembleia de Deus em São Paulo, não obtive êxito nenhum na procura por essa temática. E quando encontrado algum artigo sobre a saúde psicológica em buscas *online*, havia muito mais reflexões bíblicas e/ou teológicas, recheadas, nos poucos textos encontrados, de algumas expressões de senso comum ou com intenção de mensagens e pregações, e não de análise científica.

Saliento que este foi mais um desafio que me motivou na produção desta obra, tanto para contribuir como material teórico e de pesquisa, como para ampliar e fomentar as possibilidades

de novas pesquisas sobre o *burnout* em ministros assembleianos, e ainda, discutir essa temática a partir de lentes de outras ciências, como da Psicologia, Sociologia, Antropologia e da Ciência da Religião. Sendo esta uma das maiores contribuições deste trabalho, ampliar as fontes de referências para a pesquisa da saúde mental de pastores da Assembleia de Deus. O qual será editado e transformado em obra literária após a defesa da dissertação e as devidas melhorias e correções, conforme as orientações recebidas.

Considerando que será um material tanto para leitura dos pastores, membros da igreja pentecostal, fiéis de outras denominações, pessoas interessadas no tema e por pesquisadores das mais variadas áreas, com o objetivo da prevenção da síndrome de *burnout* e do cuidado com os que sofrem da respectiva síndrome, ampliando às possibilidades nas perspectivas teóricas, mas também na atuação prática com os pastores das Assembleias de Deus, seja com os próprios ministros, membros, cientistas da religião que tem uma formação na área da saúde e profissionais como psicólogos, psiquiatras, terapeutas, médicos dentre outros. Buscamos fornecer este trabalho como referencial bibliográfico a respeito da síndrome de *burnout* em pastores da Assembleia de Deus, uma vez que existe uma ausência de material de pesquisa como já foi citado.

Produzimos este trabalho em concomitância com entrevistas de pastores que sofrem da síndrome de burnout em outras regiões do país e análise bibliográfica de personagens do movimento assembleiano, para a produção de artigos, capítulo de livro e apresentação introdutória desta pesquisa em eventos acadêmicos com a produção de textos para registro em anais das respectivas apresentações. Salientamos que diante da ausência de material teórico, tivemos sempre o interesse de produzir um trabalho acadêmico que possa alertar a comunidade assembleiana sobre a necessidade de identificar e acompanhar os pastores no apoio psicológico, bem-estar físico e psíquico, na assistência a família e tendo o foco na promoção da saúde mental dos pastores.

Como psicólogo, com base nos resultados obtidos nessa pesquisa, aponto que os indícios sobre a síndrome de *burnout* e o sofrimento gerado pelas consequências desta patologia, interferem na vida do pastor assembleiano, tanto no pastoreio, como em todos os âmbitos de seu convívio, e principalmente consigo mesmo; sejam nas atividades desenvolvidas pela igreja Assembleia de Deus onde o pastor exerce a liderança, no seu convívio familiar ou nas relações interpessoais. As consequências da síndrome conforme os dados obtidos e analisados, prejudicaram seriamente os pastores entrevistados, que sem compreenderem a necessidade de cuidado com sua saúde ou a protelação de buscar ajuda, prejudicaram questões em sua vida psíquica, física, social e em alguns casos, profissional e financeira.

Divisão e organização dos capítulos

A proposta desta introdução é trazer um panorama sobre o percurso do autor, no movimento assembleiano, sua formação acadêmica e experiência pastoral que foram os motivadores iniciais na busca da realização deste trabalho, iniciando a partir da convivência com os pastores da Assembleia de Deus e de suas demandas, anseios e inquietações trazidas ao pesquisador após saberem dos estudos como acadêmico de psicologia na época, e do interesse por ajudá-los e ouvi-los. Apresentamos uma introdução da igreja Assembleia de Deus, a figura do pastor assembleiano, uma apresentação teórica sobre o *burnout*, as lentes de pesquisa para a análises dos dados coletados, a metodologia da pesquisa, as problemáticas, primeiras hipóteses, objetivos e alguns resultados que serão mais bem desenvolvidos nos respectivos capítulos.

No primeiro capítulo apresentamos um panorama histórico da biografia dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, e a vindas dos mesmos ao Brasil. Tratamos sobre a fundação da Assembleia de Deus no Brasil, sua formação histórica, desde a origem em Belém Pará, havendo um resumo sobre a expansão em solo brasileiro com foco na implantação da igreja Assembleia de Deus em São Paulo a partir da cidade de Santos por meio do missionário Daniel Berg e sua família. Em seguida trazemos dados do início da igreja AD Belém na capital paulista e por fim tratamos sobre a história da convenção estadual e geral das Assembleias de Deus no Brasil e discorremos em uma historiografia resumida sobre a figura do pastor na Assembleia de Deus.

O segundo capítulo, traz um panorama sobre a figura do pastor na Assembleia de Deus, explicando sobre os papéis diferenciados dos pastores em suas funções na AD Belém, sobre a origem social do pastor assembleiano, a escolha do candidato ao pastorado, a estrutura organizacional da Assembleia de Deus em São Paulo e o pastor e sua relação de poder nas Assembleias de Deus. A partir de uma análise sociológica através das lentes de Max Weber e com reflexões ainda de teóricos que tratam das relações hierárquicas a partir de perspectivas teóricas da Ciência da Religião.

No terceiro capítulo, buscamos discorrer uma apresentação das perspectivas teóricas sobre a síndrome de *burnout*. Apontamos conceitos teóricos, resultados de pesquisa, dados bibliográficos de pesquisadores que tratam do tema do burnout tanto na perspectiva de trabalho, como nas questões de ministros religiosos. Analisamos os dados a coletados por meio das pesquisas de campo através das entrevistas com os pastores pesquisados. Além de tratar dos dados registrados, ainda apresentamos perspectivas teóricas, ideias e possíveis práticas para o cuidado e prevenção de pastores da Assembleia de Deus, frente aos desafios do *burnout* nas

relações da vida do pastor, as atividades da igreja, questões familiares e suas necessidades pessoais e existenciais.

Neste capítulo ainda trataremos de realizar uma breve apresentação teórica de temas como *stress*, resiliência e a perspectiva da Logoterapia. Conforme aponta Vasconcellos (2017), que o *stress* é um inevitável aspecto da condição humana, seja na característica individual ou pessoal. Tratando sobre a resiliência, Vasconcellos (2017), aponta como uma mobilização intuitiva-inteligente de recursos não-habituais para superar obstáculos. São fenômenos presentes na condição humana em toda a história, correlacionados e integrados, devendo ser estudados em sua integralidade e conjuntividade, onde a revisitação destes temas para análises de dados é fundamental para compreensão e estudo (VASCONCELLOS, 2017).

A perspectiva teórica ou abordagem psicológica chamada Logoterapia, foi desenvolvida pelo psiquiatra Viktor Frankl (2020), tendo como proposta a vontade de sentido, a intenção que guia a técnica. Segundo o pensador da terceira escola vienense, “o papel da logoterapia, consiste em ampliar e alargar o campo visual do paciente de modo que todo o espectro de sentido em potencial se torne consciente e visível para ele” (FRANKL, 2019a, p. 135). A proposta consiste em trazer alguns apontamentos que possam colaborar para promoção de apoio e prevenção na saúde mental de pastores da Assembleia de Deus, a partir de uma apresentação de propostas logoterapêuticas.

Nas considerações finais, discutirei se os objetivos foram ou não atingidos. Um registro sobre causas do *burnout* e seu enfrentamento, pois a síndrome do esgotamento de ministros é dentro do campo religioso destes pastores, e às propostas de apoio e atenção frente a esta síndrome deve também ocorrer dentro do meio religioso destes ministros. Com foco na prevenção e cuidado dos ministros assembleianos mantemos os trabalhos as principais discussões e análises discutidas nesta conclusão da dissertação. E apresentando ainda, novas propostas de trabalho a serem continuadas ou desenvolvidas no tratamento a síndrome de *burnout* junto a classe de pastores da Assembleia de Deus.

Neste trabalho não posso deixar de citar, que no período em que o mesmo foi produzido, entre os anos de 2019 e 2020, ocorreram dois fatos que influenciaram de alguma maneira o referido pesquisador, assim como toda classe, ou maioria do grupo de pesquisadores brasileiros. O primeiro as ações do atual governo nos cortes ou novas propostas de distribuição de bolsas da CAPES e CNPQ (órgãos que tem como missão fomentar a pesquisa brasileira), tais ações geraram reações de insatisfação e preocupação dos pesquisadores e pesquisadoras sobre o desenvolvimento de suas pesquisas. Além de impedir que outras pessoas fossem incluídas em

programas de bolsas para iniciar suas pesquisas, projetos estes que colaborariam imensamente para a ciência.

O outro fato que ocorreu no período da produção da dissertação, foi a presença do coronavírus em uma pandemia mundial no período do primeiro e no segundo semestre do ano de 2020. Este vírus produz a Covid-19, que enfraquece a imunidade principalmente de pessoas mais velhas e também de jovens, prejudicando o sistema respiratório, levando milhões de pessoas no mundo inteiro a óbito, devido a fragilidade da imunidade. Neste período enfrentamos a quarentena, uma forma que os governos encontraram de conter a disseminação do vírus, foi a suspensão de atividades presenciais.

Sendo todo o trabalho concluído por aulas, supervisões e entrevistas através de vídeos e troca de mensagens e telefonemas, assim como a realização da qualificação e Defesa, que ocorreram em formato online. Destaco que mesmo com todos estes empecilhos o trabalho continuou e por práticas de resistências mantivemos a programação e o desenvolvimento da pesquisa.

Mesmo com todos os desafios citados e ainda muitas situações que permeiam todo trabalho de pesquisa, compreendemos que estas barreiras impostas, nos conduzem a transformações e mudanças. E sobre essas novas perspectivas, pensamos como Gabriel Marcel (1961) que a transformação dos seres humanos abre caminho à uma esperança inteiramente nova. E nesta esperança nos apoiamos, estamos firmes, caminhando e prosseguindo na busca para a transformação do Brasil e de toda a sociedade mundial, pela principal estratégia e que gera mais resultados comprovados pela história, que é a educação. O foco desta pesquisa além dos objetivos já mencionados, é ser parte da trincheira que resiste frente aos ataques a produção científica e a desvalorização das Ciências Humanas, declarando que pesquisar é ser resiliente e continuar na produção do saber que transforma pessoas e assim mudamos juntos a história do mundo.

Saliento como principal contribuição e proposta desta Dissertação de Mestrado, a preparação do campo de pesquisa para a produção da Tese no futuro Doutorado e novos trabalhos de pesquisa na temática da Psicologia e trabalho com olhares e contribuições da Psicologia da Religião e de outras lentes de pesquisa. Onde pretendo ir além de abordar a síndrome de *burnout*, mais uma ampliação da temática da saúde psicológica de pastores nos efeitos do stress e nas práticas da resiliência para superação de obstáculos no cotidiano e de situações de cansaço e esgotamento, que exigem novas práticas para vencer estes desafios. Ampliando a discussão para tratar sobre o conceito de angústia e a resiliência, partindo das contribuições da logoterapia no estudo desta temática.

Sendo então o Mestrado, uma etapa na pesquisa e um trabalho com objetivo de preparar o terreno para os novos apontamentos e propostas de pesquisa, organização do material teórico para as análises dos dados que serão coletados nos futuros estudos que disporão de mais tempo, tanto para propostas de entrevistas, aplicação de testes, leitura de textos e produção de material teórico. Todo o trabalho na produção do presente texto dissertativo, serviu para aprofundar a temática do *burnout* e trazer uma introdução de propostas para a prevenção, cuidado e novas práticas no serviço pastoral, sendo um material teórico para basear novas pesquisas e trabalhos acadêmicos e de ensino.

A saúde psíquica é uma busca intermitente e contínua, com ênfase na promoção de saúde mental, seja individual ou coletiva. Toda a sociedade precisa do apoio e oportunidade ao alcance de profissionais que atuam no atendimento psicológico e psiquiátrico, e a classe de pastores é um grupo que assim como outros representantes de matrizes religiosas, cuidam de pessoas e ajudam comunidades, havendo uma grande demanda em suas tarefas, e por isso os mesmos devem receber apoio e atenção psicoterapêutica para manterem sua saúde mental e física, e assim desempenharem com excelência suas atividades e terem qualidade de vida pessoal, familiar e social.

**1. UM BREVE HISTÓRICO DA ASSEMBLEIA DE
DEUS EM SOLO BRASILEIRO E NA CIDADE DE SÃO
PAULO:
DA CONVENÇÃO GERAL, A CONVENÇÃO
FRATERNAL E O PERFIL HISTÓRICO DO PASTOR
ASSEMBLEIANO.**

1. Um breve histórico da Assembleia de Deus em solo brasileiro e na cidade de São Paulo: da Convenção Geral, a Convenção Fraternal e o perfil histórico do pastor assembleiano.

Antes de tratar sobre o ministério eclesiástico dos pastores da Assembleia de Deus, é necessário apresentar uma introdução histórica da origem e fundação da maior denominação evangélica em solo brasileiro. Com objetivo de descrever o campo de trabalho e formação do ministro pentecostal. Este tópico irá tratar do início da Igreja Assembleia de Deus a partir da influência do movimento pentecostal americano, antes tratando sobre o significado do termo pentecostalismo a partir da perspectiva bíblica. Neste capítulo do trabalho, faremos um panorama do princípio da chegada dos missionários suecos ao Brasil, partindo dos Estados Unidos da América, para a cidade de Belém do Pará, como ocorreu a fundação da Igreja Assembleia de Deus em solo brasileiro, o avanço da denominação pentecostal aos demais estados da confederação, com ênfase na implantação da igreja em São Paulo, e também discorreremos sobre a fundação e organização da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB e da convenção regional da Assembleia de Deus em São Paulo.

Como principal fato histórico desenvolvido nesta parte do texto, haverá uma apresentação da história da fundação da Assembleia de Deus no estado de São Paulo e sua organização eclesiástica e administrativa; sendo também citada a fundação e atuação da Convenção Fraternal das Assembleias de Deus do Ministério do Belém, citando nomes de fundadores, locais e alguns fatos que foram preponderantes para a formação, organização e desenvolvimento da comunidade assembleiana em solo paulista. Compreendemos ser essencial esta historiografia no primeiro capítulo, pois consideramos o que alertava Freston (1994), que por não haver uma pesquisa histórica mais apurada do movimento pentecostal a sociologia desse vasto fenômeno é prejudicada.

Abordaremos os fatos históricos, tratando os dados com uma análise sociológica e sobre o fenômeno religioso assembleiano, que iniciará a discussão sobre a figura do pastor e as inúmeras atividades do ministério que exigem do ministro pentecostal grande esforço e trabalho e desgaste emocional e físico. E, assim ocorre um intenso desgaste psicológico, sendo sempre o objetivo na produção deste capítulo, contemplaremos fatos importantes para a compreensão da figura do pastor na Assembleia de Deus. Esta parte do trabalho que trará uma introdução da história da Igreja Assembleia de Deus, busca considerar elementos importantes na construção histórica da igreja, havendo essa preocupação com tais necessidades com base no que explica

Campos (2018, p. 78), “Uma historiografia da pentecostalidade deveria considerar períodos intermitentes que marcam, às vezes, sua latência e, outras vezes, sua manifestação”.

1.1 Assembleia de Deus: A gênese em solo brasileiro

A igreja Assembleia de Deus é fruto do movimento pentecostal americano que teve grande efervescência no início do século 20, a partir de eventos com o tema sobre o batismo no Espírito Santo, escolas bíblicas, seminários de estudos bíblicos e teológicos sobre o falar em línguas (*Glossolalia*) e grandes reuniões que concentravam multidões e marcaram uma época no país mais desenvolvido das Américas. Este movimento se alastrou entre as costas oeste e leste dos Estados Unidos, e juntou americanos, estrangeiros, brancos, negros, orientais e muitos curiosos que buscaram conhecer e/ou registrar este fenômeno religioso.

A rua Azuza, 312, em Los Angeles, no início do século 20, é considerada o marco do nascimento do pentecostalismo moderno (Hollenweger, 1976; Dayton, 1987) tendo como líder principal o “apóstolo negro” (Forbers J.1983:12), J.W. Seymour. Esse filho de ex-escravos havia assistido algumas aulas na *Escola Bíblica Betel*, sob a liderança de Charles Fox Parham, escola na qual o movimento de “línguas estranhas” teve início, em 1901. Parham desafiou os alunos a estudarem o livro de Atos dos apóstolos e, a partir desse estudo, o fenômeno da glossolalia aconteceu e se espalhou (ALENCAR, 2010, p. 29).

O movimento Pentecostal usa nomenclatura, em referência ao fato descrito na Bíblia como Pentecostes, conforme explica Storniolo (2012), “Pentecostes ou festas das semanas era a festa israelita celebrada sete semanas depois da Páscoa, quando terminava a colheita”. Narrado no livro de Atos dos apóstolos, no capítulo 2, onde o autor do livro, relata que conforme Jesus havia prometido e ordenado aos seus discípulos, estes deveriam ficar em Jerusalém, pois do alto seriam revestidos de poder e pregariam a mensagem de salvação até os confins da Terra (BÍBLIA, Mc. 16.15; Lc 24.49; At 2).

No início do século XX, em um momento que a produção da borracha que fomentou a economia e gerou as primeiras atividades de trabalho em grande escala na floresta amazônica está em declínio, porém deixando um legado na construção de ferrovias, galpões, docas nos portos, maior expansão hidroviária e a vinda de americanos e europeus para atuarem na extração do látex e desempenharem outras atividades que necessitavam de mão de obra especializada.

Neste período que antecedia três anos antes da primeira guerra mundial, de mudanças políticas tanto no Brasil como em outras partes do mundo, onde os últimos impérios estavam próximos de terem seu declínio. Na cidade de Belém do Pará, tem início a Igreja Assembleia

de Deus brasileira. Fruto do trabalho de evangelização de dois missionários suecos, que desembarcam na baía do Guajará em 1910, e percorrem as ruas de uma capital que além das águas é ladeada pela floresta amazônica nos seus outros limítrofes e que chega a ser chamada de Paris dos trópicos ou *Paris n'América* (ALENCAR, 2010).

Os missionários que iniciaram esta denominação, chamam-se Gunnar Vingren e Daniel Berg, ambos suecos, conheceram-se nos Estados Unidos em uma conferência em Chicago. Neste evento, segundo Vingren, recebeu o batismo com o Espírito Santo conforme registra em seu diário. Neste período Gunnar Vingren pastoreava uma igreja em Indiana, na cidade de South Bend, e segundo Berg, por uma ordem divina ela veio cooperar com Gunnar no trabalho de cuidado daquela igreja e na evangelização (VINGREN, 2017). O chamado para o Brasil segundo relata Vingren e Berg, ocorreu por uma revelação de Deus conforme eles registraram em seus escritos:

Adolfo Ulldin, recebeu do Espírito Santo palavras maravilhosas, e vários mistérios sobre meu futuro lhes foram revelados. Entre outras coisas, o Espírito Santo falou através desse irmão que eu deveria ir para o Pará [...] O que faltava era saber onde estava situado o Pará. Nenhum de nós o conhecia. No dia seguinte eu disse ao irmão Adolfo: “Vamos a uma biblioteca aqui na cidade para saber se existe algum lugar na terra chamado Pará”. Nossa pesquisa fez saber que no Norte do Brasil havia um lugar com esse nome (VINGREN, 2017, p. 27-28).

Certo dia, o dono da casa onde Gunnar Vingren se hospedava recebeu de Deus uma revelação e profetizou para nós que iríamos para o Pará. Esse nome era uma orientação para nós, apesar de nunca o termos ouvido antes [...] Procuramos então a biblioteca da cidade a fim de pesquisarmos onde estaria localizado o Pará. Descobrimos que o Pará ficava no Norte do Brasil. Visto no mapa, ele ficava tão longe que pensamos não ser essa a direção divina (BERG, 2017, p. 34).

Daniel Berg era um operário, nasceu em Vargön, na Suécia, no dia 19 de abril de 1884. Era de origem de uma família pobre e durante sua infância e juventude passou por muitas limitações financeiras. No ano de 1902, durante a depressão econômica sofrida pela Suécia, embarcou para os Estados Unidos com o intuito de trabalhar e ter uma vida próspera. Permanecendo nos Estados Unidos por cerca de sete anos, retornando para a Suécia por saudades do lar, porém no mesmo ano, 1909, retorna a América do Norte, tendo tido contato com a doutrina Pentecostal na Suécia (ALENCAR, 2010; ARAUJO, 2007; BERG, 2017).

Gunnar Vingren nasceu em 8 de agosto de 1879, na cidade de Ostra Husby, na Suécia. Em 1903 foi para os Estados Unidos, estudou teologia no Seminário Teológico Batista Sueco de Chicago (1909), tendo a experiência de estágio como pastor em várias igrejas, após ser diplomado foi pastorear a Primeira Igreja Batista em *Menominee*, Michigan, sendo pastor de junho de 1909 a fevereiro de 1910. Mas desde sua graduação em Teologia, buscou ir ao trabalho

missionário conforme escreveu em seu diário. Foi transferido para a igreja em *South Bend* em Indiana, por alguns membros da antiga igreja discordarem de sua posição de crer no batismo com o Espírito Santo (Gunnar já acreditava nos dons de falar línguas, conforme ele diz ter aprendido nos estudos bíblicos). Permaneceu em Indiana como pastor até 12 de outubro de 1910, quando vem para o Brasil propagar a fé pentecostal (ALENCAR, 2010; VINGREN, 2017).

Gunnar Vingren e Daniel Berg partem para o Brasil no dia 5 de novembro de 1910, da cidade de Nova Iorque, com destino a Belém do Pará. Viajando de terceira classe, sem conhecer o idioma oficial do Brasil e enfrentado as intempéries da viagem, chegaram às terras Tupiniquins no dia 19 de novembro de 1910. Ficaram em um hotel no primeiro dia, e no segundo dia foram levados para a residência de um pastor metodista, que ao saber que eram batistas, os levou a casa do pastor da Primeira Igreja Batista de Belém do Pará. (VINGREN, 2017).

Após um período testificando na Igreja Batista, os missionários foram desligados da respectiva denominação por pregarem sobre o batismo no Espírito Santo e os dons espirituais, em uma assembleia realizada no dia 13 de junho de 1911, decidiu-se pela exclusão de cerca de 18 membros: os dois missionários, e alguns fiéis que passaram a crer na mensagem pentecostal trazida pelos missionários. Em seguida os missionários junto com este grupo de irmãos e irmãs, iniciam realização de cultos nos lares, em ruas e praças e assim, tem início o trabalhos do movimento pentecostal assembleiano no Brasil, mas precisamente na cidade de Belém do Pará (VINGREN, 2017).

O modelo de trabalho utilizado pelos missionários Gunnar e Daniel, foi o modo operante de fundação das igrejas Assembleias de Deus em todo o resto do país. Homens e mulheres simples, que sem dinheiro, formação acadêmica, curso teológico ou preparação ministerial, partem para lugares longínquos e iniciam congregações e campos eclesiais apenas dirigidos pelo que eles chamam de uma visão. “Dois suecos chegam ao Brasil sem dinheiro, sem falar uma palavra em portugueses, vindo de terceira classe do navio, não tem nenhum conhecido esperando-os — apenas uma ‘visão’” (ALENCAR, 2010, p. 54).

O primeiro nome da denominação pentecostal foi: Missão da Fé Apostólica, fundada no dia 18 de junho de 1911. O primeiro local fixo de cultos situou-se na Travessa 9 de janeiro, 75. Em 1914 houve a escolha por parte dos membros do uso do nome Assembleia de Deus, que foi colocado por Vingren para os irmãos escolherem se usariam os nomes: Igreja Pentecostal ou Assembleia de Deus. Essa conversa ocorreu pela primeira vez na espera de um bonde em um

bairro de Belém do Pará, que é registrada pelas entrevistas de Eliézer Cohem com o membro da Assembleia de Deus, Manoel Maria Rodrigues (ARAUJO, 2007).

O trabalho da igreja iniciou em Belém, e com pouco tempo se solidificou, através do que os evangélicos chamam de desejo missionário, que é a ida a realizar uma tarefa que tem como intuito levar a mensagem pentecostal a vários lugares. Com base nesse propósito, a igreja alcançou outras cidades do interior paraense. Daniel Berg, em 1912, levou bíblias (novos testamentos e evangelhos), até Bragança e outras cidades do interior do Pará para pregar, distribuir e vender algumas literaturas, pois era um colporteur¹ vai (CONDE, 2017). Assim o trabalho se expandiu pelo interior paraense, e devido o aumento de membros, mais casas de oração² são abertas pelo interior do Pará, sendo estas outras frentes de trabalho da Assembleia de Deus.

Em 1914, o primeiro trabalho da Igreja é fundado fora das terras paraenses, sendo no estado do Ceará a primeira fundação da Assembleia de Deus no Nordeste brasileiro, através do esforço de uma mulher chamada Maria de Nazaré. Posteriormente outros estados recebem a mensagem das boas novas (termo usado pelos missionários por ser o significado de evangelho) proclamadas pelos assembleianos. Gunnar vai residir no Rio de Janeiro em 1924, e organiza a igreja Assembleia de Deus na então capital federal. Daniel Berg após ter morado no estado do Espírito Santo, vai para São Paulo trabalhar na implantação da denominação em Santos e posteriormente funda também a congregação assembleiana em São Paulo capital, vindo depois residir em Santo André (ALENCAR, 2010, ARAUJO, 2007, VINGREN, 2017 e BERG, 2017).

A igreja pentecostal Assembleia de Deus, destaca-se na sua história por penetrar nas camadas mais pobres da sociedade e por expandir-se por todo o Brasil conforme a migração e o crescimento urbano. Porém, também ocupa as posições no interior brasileiro e se alastra a todos os rincões das terras deste país que tem um território continental. Realizando um trabalho de proselitismo que se destaca não apenas pelo crescimento na quantidade de novos membros, mas pelo ajuntamento de pessoas que as margens da sociedade encontram na igreja um local para exercer uma posição social que lhes dar voz e vez.

Desde a década de 120 até a contemporaneidade o movimento assembleiano em sua expansão acompanhou a estrada da história brasileira, como a construção de Brasília, onde membro da igreja ao chegarem ao acampamento dos trabalhadores, iniciam uma igreja da

1 Pessoa que colporta, que faz distribuição de literatura, geralmente religiosa de porta em porta. Vendedor de livros.

2 Nome usado pelas Assembleias de Deus por várias décadas nas fachadas de seus templos. Onde se lia: Casa de Oração da Assembleia de Deus.

Assembleia de Deus. Na ocupação e o chamado “povoamento” dos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Acre, que através dos incentivos do governo Federal para a ida de brasileiros para essas terras até então distantes do alcance do estado, igrejas são fundadas pelos novos moradores no mesmo período que estes se estabeleciam na região.

O principal elemento que agrega e movimenta este avanço religioso nos espaços sociais, na perspectiva da congregação assembleiana, é a figura do pastor. Desde a fundação, os membros das Assembleias de Deus, percebem a imagem do pastor como o representante de Deus na terra, conforme o credo católico a respeito de padres. Existindo na figura pastoral a ideia de homem escolhido por Deus (já que às mulheres sempre estiveram com funções subalternas na hierarquia das igrejas assembleianas), esse sentimento do poder da direção do trabalho na pessoa do pastor que está a frente do trabalho, se espalha em todas as áreas da igreja, até por isso seu assento tem destaque no templo (vamos trabalhar isso no capítulo dois).

Mas deve ser salientado que a figura do pastor desde os missionários e os primeiros pastores nacionais, é a identidade do poder na congregação, pois do pastor emana todas as ordens e práticas que deverão ser seguidas pela igreja, sendo a pessoa do pastor necessariamente extremamente exigente e também extremamente exigida. Esta exigência transpõe a necessidade de perceber o pastor como pessoa, alcançando a família e toda sua vida pessoal e social, e sua conduta deve sempre representar o que a igreja espera e deseja. Havendo um forte peso na responsabilidade do ministro assembleiano frente a igreja que lidera e a sociedade que o mesmo está inserido (este é o objetivo de realizar uma digressão histórica e desenvolver uma análise sociológica, para analisar o perfil do pastor e sua vivência social- religiosa, e as implicações na vida deste agente religioso).

1.2 A fundação da Assembleia de Deus em São Paulo

A igreja Assembleia de Deus foi fundada no estado de São Paulo, na cidade de Santos, com um grupo de crentes que se reuniram para realizar cultos. As reuniões tiveram início no dia 5 de maio de 1924, sendo estes crentes oriundos da cidade de Recife, capital de Pernambuco. Este primeiro grupo não era liderado por nenhum pastor, mas decidiram iniciar os trabalhos de evangelização e proclamação da mensagem pentecostal na cidade portuária do estado de São Paulo. Porém no ano de 1924, no mês de maio, o missionário Daniel Berg e sua esposa Sara Berg juntamente com seus filhos desembarcam em Santos e passam a cooperar com a novíça congregação (CONDE, 2017, FAJARDO, 2017).

No ano de 1925, o missionário Jahn Sörhein, foi enviado para atuar como líder da igreja paulista na cidade de Santos. Porém, no mês de agosto, do ano de 1926, o missionário Simon Lundgren e sua esposa Línea Lundgren assumem o pastoreio da Assembleia de Deus em Santos (ARAUJO, 2007). Em 15 de novembro de 1927, é iniciado o trabalho da Assembleia de Deus na cidade de São Paulo, através do missionário Daniel Berg e sua esposa Sara Berg. O primeiro culto ocorreu em uma humilde casa alugada pelo missionário na Vila Carrão, situada na Zona Leste da capital, após a vinda de uma senhora que já havia se convertido a fé evangélica em Maceió, capital do estado de Alagoas. Junto a eles, se somou um grupo de pessoas provenientes da Congregação Cristã no Brasil e de outros credos, tornando-se membros da fé pentecostal pela prática da conversão, assim o trabalho da igreja Assembleia de Deus em São Paulo se solidifica (CONDE, 2017; COHEN, 1991).

No mês de abril de 1928, a igreja mudou para um salão na Avenida Celso Garcia, 1209, logo depois, devido o aumento de membros, mudou-se para o número 946-A do mesmo logradouro. No ano de 1929, a igreja tornou-se pessoa jurídica e muda seu endereço para a Rua Dr. Cândido do Vale, 41. Em 1930, foi construída primeira sede própria, situada na Rua Vilela, 59, no Tatuapé, mas devido as necessidades de maior espaço, a liderança da igreja alugou um salão na Rua Chavantes, 3-A, no bairro do Brás. Esta transferência ocorreu no mês de outubro de 1931, mantendo-se os cultos no antigo templo no domingo no horário das 15h (COHEN, 1991).

Trazendo informações sobre o crescimento da igreja Assembleia de Deus em São Paulo, Cohen (1991), comenta que: “A igreja Assembleia de Deus em São Paulo tem expandido suas congregações em várias regiões da capital, dentre estas, estão: Casa Verde, Ipiranga, Fábrica, Moóca, Mirandinha e Osasco (neste período era um subdistrito de São Paulo)”. No dia 6 de dezembro de 1934, foi alugado um novo prédio na Rua Cruz Branca, 35, onde passou a funcionar todos os trabalhos da igreja. Com o crescimento da denominação, houve a venda do antigo prédio na Rua Vilela no ano de 1937, para se investir em outros trabalhos da igreja e juntar dinheiro para compra de outro prédio próprio. No dia 15 de julho de 1941, inaugurou-se novo templo, localizado na Rua Antonio de Alcântara Machado, 616, no bairro da Quarta Parada, Belém, a partir deste período, a igreja passou a ser conhecida como Ministério do Belém (COHEN, 1991).

Após outros obreiros terem pastoreado o ministério do Belém, assume a liderança da igreja paulistana, o pastor Cícero Canuto de Lima, no dia 4 de outubro de 1945. Com o crescimento da cidade e o processo de industrialização, tanto na capital como na região metropolitana e cidades do litoral e interior, o estado de São Paulo e sua capital com nome

homônimo, passaram a receber grande quantidade de migrantes de todos os cantos do Brasil, principalmente do Nordeste brasileiro, havendo um crescimento gigantesco no número de habitantes e uma expansão dos municípios da grande São Paulo. Concomitantemente, a igreja recebeu crentes assembleianos de todas as partes do Brasil que fomentaram o crescimento da denominação (COHEN, 1991; FAJARDO, 2017).

Devido a expansão do sistema metroviário, a igreja teve que alugar um salão na Rua Dr. Clementino, 200, e o antigo templo foi desapropriado para servir como estação do metrô naquele bairro. Porém, a Igreja adquiriu um terreno na Rua Conselheiro Cotergipe, 273, sendo inaugurado um grande prédio onde funciona a sede atual do ministério, tendo havido antes da inauguração, no dia 18 de dezembro de 1977, um grande evento de batismo promovido pela igreja assembleiana. No dia 6 de janeiro de 1980, devido a uma enfermidade, o pastor Cícero Canuto de Lima foi substituído pelo pastor José Wellington Bezerra da Costa, que exerce o pastorado até a presente data (setembro de 2020), tendo também sido presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil cerca de 30 anos. Em 2019, data da escrita desta Dissertação, a igreja estava nos acabamentos finais da construção de um prédio que abrigaria a nova sede do ministério. Situado na Rua Dr. Fomm, 140, esquina com a Avenida Radial Leste, entre os bairros da Mooca e do Belém.

Na maior capital do Brasil, um fenômeno identificado por Freston (1994), é que a Assembleia de Deus tem como elemento de identidade um *ethos* sueco-nordestino, onde a influência dos missionários suecos e posteriormente dos pastores do Nordeste brasileiro marcam a cultura desta denominação. Podendo ser identificado, confirmado e compreendido na igreja Assembleia de Deus em São Paulo Ministério do Belém (ADMB). O pastor Cícero e o pastor Wellington são os dois líderes de maior atuação no ministério, ambos tem origem nordestina e seguem práticas eclesiais com influência dos costumes exigidos pelos pastores nacionais. Ao exercer a presidência, o pastor Cícero se identificava como um pastor conservador e o mesmo discurso e prática é mantido pelo pastor Wellington, ambos de escolas onde os costumes³ assembleianos são extremamente valorizados.

A igreja assembleia de Deus de São Paulo Ministério do Belém (ADMB), é uma das maiores denominações ligadas as igrejas chamadas de missão no universo assembleiano (termo usado pelas Assembleias de Deus que mantinham vínculo com os missionários estrangeiros e que diferenciava dos pastores ligados a Assembleia de Deus Ministério de Madureira (ADMM),

3 Costumes na Igreja Assembleia de Deus, foram por algum tempo chamado de “Doutrina”, sendo que o significado para os pastores e membros, era seguir à tradições da igreja, como: mulher não usa calça, homem não pode ter barba, não se assiste televisão, não se pinta o cabelo, mulheres não cortam o cabelo, etc.

fundado por um pastor brasileiro, chamado Paulos leivas Macalão no subúrbio do Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1929, que iniciou trabalhos da ADMM, por todo o Brasil).

Tendo se expandido por todo o estado de São Paulo, o ministério do Belém atuou no envio de pastores e apoio financeiro para a implantação de igrejas nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, algumas cidades de Rondônia e sul de Minas Gerais e apoio de evangelização em outras regiões do Brasil e exterior. A igreja possui e seu quadro administrativo cerca de 200 funcionários, que atuam nas áreas de atividades da igreja, setores, administração, manutenção, apoio social e filantrópico, área educacional, musical, atividades e ações que são geridas pelo pastor presidente, diretoria, líderes de departamentos e auxiliares, havendo os respectivos departamentos e setores de trabalho no ministério:

1. ASILAR: Casa de acolhimento/repouso para idosos e idosas.
2. Círculo de oração: Trabalhos organizado pelo departamento Feminino que realiza cultos de oração e trabalhos de visita e evangelização.
3. Secretaria de Missões: Agrega os trabalhos das Secretarias de Missões de todas as igrejas do ministério.
4. Ceifeiros em Chamas: Departamento que cuida da área de missão transcultural que envolve todo o ministério do Belém, tanto capital como interior.
5. Secretaria: É a área responsável pela emissão dos documentos de membros e arquivos das atas, resoluções e documentação dos membros.
6. Assoc. Musical Janh Sorhein: Orquestra musical e escola de música.
7. UMADEB: União da Mocidade da Assembleia de Deus Belém. Realizam atividades com os jovens de toda capital e região metropolitana
8. CAAD: Conjunto de Adolescentes do Ministério do Belém. O departamento que atua com os adolescentes da igreja. Realizam um congresso anual e desenvolvem atividades setoriais em toda região metropolitana.
9. Escola Bíblica Dominical: É responsável pela organização das atividades de estudos bíblicos que ocorrem no domingo pela manhã em todas as igrejas e também oferece qualificação para os professores da escola Bíblica. Agrega todas às faixas etárias que estão na comunidade, por haver salas de aulas conforme a idade dos alunos e alunas. E classe especial para novos convertidos, chamado de discipulado e para pessoas com deficiência auditiva e de fala, assim como aulas em espanhol, inglês e francês para estrangeiros.
10. Departamento Infantil: Realiza trabalhos com às crianças e atividades sociais.

11. Assoc. Benéficiente e Promocional Belém – Livraria. É uma área que atua com ações sócias como doação de cestas básicas, orientações para vagas de emprego e também detém uma livraria que funciona na sede do ministério.

12. Tesouraria: Cuida da parte financeira da igreja. Recebimento e pagamentos.

13. Assessoria: Realiza trabalhos de assessoria e apoio a presidência e diretoria.

14. FAESP: Faculdade Evangélica do Estado de São Paulo. Cuida das atividades de capacitação e formação de obreiros e oferece curso na área de Teologia e formação em assuntos relacionados a aconselhamento, assistência familiar, liderança e cursos Bíblicos.

15. Departamento jurídico: Cuida do patrimônio da igreja, das questões jurídicas que envolvem o ministério e da documentação relativas a questões legais perante órgãos municipais, estaduais e federais.

16. Patrimônio: Organiza todas as áreas de bens da igreja e apoia o departamento jurídico com ações mais operacionais.

17. Departamento de Comunicação: Realiza todo trabalho da TV online chamada de TV AD BELÉM, programas de rádio e radio, divulgação e transmissão dos eventos através da web e produção de programas.

1.3 A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil e a relação com os pastores

A igreja pentecostal crescia e se espalhava pelo território brasileiro em um rápido avanço que exigia dos missionários e pastores estrangeiros um acompanhamento e apoio aos dirigentes destas noviças congregações. Sendo então a data de 18 a 22 de agosto de 1921, a primeira reunião onde pastores da região do Pará se reuniram na Vila São Luiz, no município de Igarapé-Açu, para tratar de questões da evangelização, dúvidas bíblicas-teológicas e sobre o trabalho realizado pelas igrejas (DANIEL, 2004; ARAÚJO, 2007).

Mas a fundação de uma instituição nacional que passaria a reunir os pastores em assembleias e ser organizada a partir de uma convocação, tendo como objetivo tratar de assuntos que seriam pertinentes a todas as igrejas Assembleias de Deus no Brasil, ocorre a partir do ano de 1929. Entre os dias 17 e 18 de fevereiro, onde foi realizada uma reunião convocada pelos pastores nacionais da região Norte e Nordeste, sendo apenas pastores brasileiros que participaram deste encontro, ficando determinado para setembro do ano seguinte, uma convenção geral dos pastores da Assembleia de Deus no Brasil, com a presença da liderança brasileira e estrangeira (DANIEL, 2004; ARAUJO, 2007).

Entre os dias 5 e 10 de setembro de 1930, reuniram-se em Natal, capital do Rio Grande do Norte, os pastores das Assembleias de Deus no Brasil. A reunião teve como temas principais: a autonomia dos trabalhos do Norte e Nordeste aos pastores nacionais, a unificação dos jornais Boa Semente e Som Alegre e a criação de um único jornal, com o nome Mensageiro da Paz. Nesta mesma reunião houve a discussão sobre o ministério feminino, que não foi aceito pelos pastores nacionais e alguns estrangeiros; e a decisão de uma vez por ano ocorrer uma assembleia geral. A convenção geral era chamada também por alguns obreiros de Conferência, Convenção Nacional ou Semana Bíblica, que ficou instituído em 1938, sendo usado este nome, porém no ano de 1946, o nome oficializado foi: Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, ficando conhecida pela sigla CGADB, sendo registrado e oficializado juridicamente (DANIEL, 2004).

Segundo alguns documentos e falas de pastores assembleianos, a importância da Convenção Geral para as igrejas Assembleias de Deus no Brasil é de caráter fortalecedor da unidade doutrinária, comunhão fraternal e da tradição assembleiana. A CGADB possui órgãos em sua organização administrativa, e o que tem caráter importantíssimo para a Convenção Geral, é o trabalho desenvolvido pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus - CPAD, que é o braço de produção literária da denominação. Antes toda a produção literária ocorria como um departamento da Convenção sejam livros, jornais, folhetos, etc. Porém, em 1940 com o propósito de atender as exigências política do Estado Novo, devido à criação na época do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), que tinha como propósito supervisionar o conteúdo veiculado pelos meios de comunicação. Este órgão federal proibiu a circulação de jornais que não fosse devidamente registrados, com isso, foi necessário oficializar e registrar a CPAD (FAJARDO, 2017).

As questões doutrinárias parecem serem as mais pertinentes aos pastores que fundaram a CGADB e a CPAD. Havendo sempre uma preocupação sobre a formação bíblica e teológica dos crentes e principalmente dos novos obreiros. No ano de 1941, a liderança assembleiana, passou a demonstrar preocupação com a formação dos pastores, fato este que mereceu tanta atenção, que foi sugerido em reunião plenária da CGADB, que no ano de 1942, houvesse um mês de estudos bíblicos para os indicados ao pastorado, pois segundo pastores que lideravam a Convenção, havia a necessidade de capacitação dos candidatos ao pastorado para que os mesmo estivessem preparados para exercer o ministério (DANIEL, 2004).

Mesmo com o passar dos anos, os pastores mais antigos, ainda incentivam por parte da liderança nacional, a aquisição das publicações do jornal Mensageiro da Paz, das revistas de estudos bíblicos, da revista o Obreiro (um magazine que traz textos e assuntos sobre o ministério

pastoral), de obras bíblicas e teológicas publicadas pela CPAD. Todo este material é organizado, vendido e divulgado pela Casa Publicadora, sendo a editora de cunho confessional e incentivadora de publicações que reafirmam os princípios doutrinários e do credo da confissão de fé da Assembleia de Deus. Em todos os eventos promovidos pela CGADB, a CPAD está presente, com estandes para venda de materiais e divulgação de obras teológicas, bíblicas e periódicos. E também realizando seus próprios eventos educacionais.

No ano de 1935, inicia um período de organização de lideranças estaduais e regionais nas Assembleias de Deus no Brasil (PESSOA, 2016). Com esta decisão, os líderes da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), e das igrejas Assembleias de Deus no Brasil, reunidos em João Pessoa, de 7 a 15 de setembro de 1935, decidem que haverá lideranças regionais que poderão atuar e ingerir nas igrejas localizadas nas respectivas circunscrições eclesiásticas com o objetivo de avançar o crescimento da igreja em solo brasileiro, sendo aceito por unanimidade esta proposta (DANIEL, 2004).

A partir da decisão de haver um pastor presidente regional ou estadual para cada estado da federação, as decisões referentes a pastores de muitas cidades, passaram a ser resolvidas e tratadas no próprio estado. Apenas os casos que envolvessem invasão de campo, quando um ministério, campo ou convenção abria uma igreja - trabalho - em um estado ou região fora da sua circunscrição eclesiástica, exemplo: A igreja de Madureira abre uma filial no estado do Maranhão, fato que gerou muita repercussão na época. Porém esta tradição e ordem não foi mais mantida. As igrejas Assembleias de Deus abrem filiais onde desejarem.

Questões envolvendo pastores presidentes ou divisão (em muitos casos, os assembleianos usam o termo “racha”, usado para designar um cisma entre liderança da igreja, seja em uma respectiva região, cidade ou estado), eram levados a liderança e ao plenário da Convenção Geral. Podemos citar como exemplo o caso do ministério de Bela Vista no estado do Ceará, onde o pastor Luiz Bezerra da Costa ao sofrer sanções do ministério, solicita autonomia, sendo este caso resolvido pela CGADB em 1964 (PESSOA, 2016).

Com sua composição organizada através de uma Mesa Diretora, conselho Fiscal e outros conselhos e comissões, a CGADB atua com o propósito de unificar a liderança das Assembleias de Deus chamada de Missão em solo brasileiro e no exterior. As convenções estaduais se organizam e com o passar dos anos, vários estados passaram a possuir mais de uma convenção. Em alguns estados a quantidade de convenções filiadas alcança a quantidade de 6 instituições (CGADB, 2019). Estas convenções estaduais são organizações onde agrupam-se ministros ou igrejas. Que se reúnem por algumas vezes no ano para tratar de assuntos pertinentes as Assembleias de Deus no respectivo estado ou região. Atualmente existem muitas convenções de

Ministros que agregam pastores e evangelistas de vários estados, sendo o objetivo destas convenções, o congratulamento fraternal e o apoio ministerial.

Conforme o site da CGADB, na aba convenções, são filiadas atualmente 62 convenções, sendo três destas com atuação no exterior, havendo respectivamente nos seguintes países: Estados Unidos, Japão e Argentina, chegando a quantidade de 80 mil ministros filiados ativos, segundas informações da secretaria da instituição. Porém a numeração de registro dos ministros já ultrapassa mais de 100 mil inscritos, sendo estes dados respectivos a quantidade de pastores e evangelistas que se filiaram a CGADB nos seus 90 anos de história (CGADB, 2019).

1.4 Um resumo histórico da figura do pastor assembleiano

Tratando sobre o pastorado, a Bíblia, que é o manual de fé dos cristãos, apresenta referências no Antigo Testamento sobre a mensagem e o significado de exercer a figura de pastor para cuidar do povo (BÍBLIA, Jeremias 3:15-17). E a partir dos evangelhos nas palavras de Jesus sobre o pastorear o rebanho, ou seja, cuidar dos membros da igreja (Bíblia, Mt 2; Jo 10), às primeiras descrições sobre o dever da figura pastoral aparecem no Novo Testamento. Nos livros que são considerados de autoria do apóstolo Paulo no Novo Testamento, existem três cartas que são chamadas de epístolas pastorais, são: 1º e 2º Timóteo e Tito. Nestes textos, o apóstolo dos gentios, traz instruções aos jovens obreiros que são os destinatários dos escritos sobre o proceder no pastorado e instruções referentes à liderança eclesiástica, como texto que trata o dever do pastor de ser: obreiro aprovado, ministro fiel, ter cuidado com a obra de Deus, etc. (BÍBLIA, 1º e 2º TIMÓTEO).

Havendo ainda em outras epístolas de autoria de Paulo, cartas do apóstolo Pedro, e textos de Lucas, mas precisamente no livro de Atos dos apóstolos; lições sobre o pastorado (Bíblia, Ef 4; 1º Pe 5; At 20). Em alguns textos também é usado o termo presbítero, bispo ou superintendentes como na epístola ao Tessalonicenses, para se referir a pastores (BÍBLIA, Tt 1. 5-7). Ocorrendo também outras citações, que se referiam a liderança de maneira pontual em livros do Novo Testamento. Seguindo uma característica de interpretação bíblica literal e de sentido absoluto do significado do texto bíblico é colocado a função do pastor na Assembleia de Deus como parte dos dons ministeriais, sendo o cuidado com as igrejas, campos eclesiásticos, congregações ou departamentos que compõe os quadros de atuação de cada denominação, uma tarefa designada aos ministros (pastores e evangelistas na Assembleia de Deus).

A liderança das igrejas Assembleias de Deus, iniciam seu trabalho de formação e capacitação de novos obreiros no próprio campo de trabalho, através das orientações e ensinamentos dos missionários e posteriormente pelos pastores brasileiros, que foram pioneiros na denominação pentecostal no Brasil. Os primeiros pastores nacionais são oriundos do Norte e Nordeste, estes são designados para iniciar igrejas das Assembleias de Deus nas cidades que não havia trabalhos da denominação pentecostal. Na maioria dos casos pesquisados, seja por meio de bibliografia oficiais, textos de pesquisas ou entrevistas com pastores antigos (mais de 40 e 50 anos de atuação pastoral), a história da preparação do pastor no meio assembleiano em todo o Brasil segue o mesmo percurso: pastores mais velhos orientavam os novos obreiros que se voluntariavam ou eram convidados para iniciar uma igreja ou liderar uma pequena comunidade, e ao mesmo tempo já os enviavam ao campo de trabalho.

Mesmo aqueles que estavam em grandes cidades, a formação se dava nos trabalhos de evangelização, nas pequenas congregações situadas nas regiões dos subúrbios e redondezas do perímetro urbano, nos púlpitos e nas casas pastorais (a residência do pastor da igreja, durante muito anos nas Assembleias de Deus no Brasil, eram localizadas atrás dos templos). Os pastores eram homens simples no sentido educacional, financeiro e de pouco conhecimento sobre as questões relacionadas ao país. Com isso, a instrução era limitada pelo estudo bíblico, que também era ensinado por pastores que não haviam passado por uma escola teológica ou de formação bíblica. O critério adotado para escolha de obreiros se dava em dois modos: primeiro o que os assembleianos denominam de *chamada ministerial*, que os mesmos dizem ser a escolha de Deus na vida de um obreiro, para o mesmo “exercer o chamado de Deus em sua vida”, como me explicou alguns pastores nas entrevistas realizadas nesta pesquisa, como na produção de outros trabalhos teóricos.

Havia uma segunda forma de saber sobre a vocação pastoral, sendo este um método que perdurou por algumas décadas após a fundação da igreja. Os pastores que me passaram essa informação, contaram-me com muitos sorrisos essas histórias, que alguns realizaram e em outros casos, ouviram dos pastores pioneiros com quem alguns entrevistados conviveram. “Existia uma prática de testar um obreiro, para saber se ele era apto para dirigir uma igreja, esses testes eram para saber se o obreiro era paciente e obediente”, segundo me informou um entrevistado. Ao perguntar como funcionava esses “testes”, o mesmo me respondeu: “Eram ações como solicitar para um obreiro realizar uma atividade braçal, ficar esperando por muito tempo o retorno de um pastor, perguntas para conhecer quais eram as intenções do obreiro e o

que o mesmo entendia sobre ser pastor e situações desse tipo” (entrevista pessoal, pastor A, 2019)⁴.

Comentando sobre essa questão de testar os novos obreiros, temos o seguinte registro: uma das primeiras questões levantadas sobre a escolha do pastor na Assembleia de Deus, era uma prática que havia a anos, conhecida como provar o candidato para saber se o mesmo era apto ao pastorado, sendo já este suposto candidato um presbítero da igreja, como é registrado na Assembleia Geral da CGADB em 1937, como cita Daniel (2004, p. 126): “Um dos princípios eclesiais mais comuns na Assembleia de Deus é o de ‘provar o obreiro’, isto é, só consagrar um obreiro que antes tenha sido submetido pela liderança a situações difíceis para ser avaliado”.

Porém através de pesquisas bibliográficas, foi observado que a preparação dos pastores para a igreja, era já um tema preocupante por parte da liderança desde às primeiras décadas de fundação da igreja (como informamos anteriormente), sendo a proposta de escolas bíblicas para auxiliar na preparação dos candidatos ao ministério pastoral um tema que foi recorrente em algumas assembleias gerais da CGADB. Na convenção de 1935, se colocou a proposta de escolas bíblicas, porém no ano de 1937, após ser levantado o assunto de estudos bíblicos para a preparação ao ministério, foi proposto uma escola bíblica no Rio de Janeiro, que teria duração de 15 a 30 dias para cooperar na preparação dos novos obreiros, havendo a necessidade das igrejas enviarem os candidatas e custearem suas despesas. Posteriormente outros eventos foram realizados para capacitar os candidatos ao ministério pastoral (DANIEL, 2004).

Em uma reunião que ficou denominada como “Terceira Semana Bíblica”, realizada no Rio de Janeiro em 1941, houve orientações sobre a separação e candidatos ao pastorado: foi definido que ocorresse uma reunião de obreiros em cada estado. Em outras assembleias gerais ou semanas bíblicas, foi debatida a necessidade de oferecer instruções aos que almejassem o ministério pastoral (DANIEL, 2004). Com a organização das convenções estaduais, a consagração dos pastores tornou-se uma atribuição dos ministérios locais, que ficaram, posteriormente, organizadas como convenções de igrejas ou de ministros, exercendo o poder e a responsabilidade na formação e nas atividades dos pastores das Assembleias de Deus no Brasil.

4 Este pastor entrevistado, recebe a nomenclatura de pastor A, pelo mesmo ter sido entrevistado em outra pesquisa que realizei paralela a produção da Dissertação.

1.5 A convenção Fraternal das Assembleias de Deus em São Paulo e a relação com os ministros filiados

A Convenção Fraternal Interestadual das Assembleias de Deus do Ministério do Belém em São Paulo - CONFRADESP, teve início a partir dos trabalhos dos pastores que lideraram a igreja Assembleia de Deus em São Paulo, tendo início na década 30, seu registro jurídico se deu no ano de 1983 (CONFRADESP, 2016). Atualmente a CONFRADESP possui 164 campos eclesiásticos filiados e mais 10 ministérios de Assembleias de Deus independentes (outras denominações que não são do ministério do Belém) filiadas, possuindo mais de 15 mil ministros (pastores e evangelistas) como membros e registrados em sua secretaria. A CONFRADESP está vinculada a Convenção Geral dos Ministros das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB, devidamente reconhecida pelo registro de número 13 (AD BELÉM, 2017; CGADB, 2019, CONFRADESP, 2016; CONFRADESP, 2019).

Segundo seu estatuto, a CONFRADESP tem por finalidade:

Promover a união e o intercâmbio entre as Assembleias de Deus filiadas; Atuar no sentido da manutenção dos princípios morais, culturais e espirituais dos Ministros das Assembleias de Deus coirmãs, sempre amparada pela Bíblia; Preservar a unidade doutrinária através de Escolas Bíblicas, Seminários, Literaturas, Evangelização e Obra Missionária; Zelar pela manutenção da ordem nas igrejas filiadas (CONFRADESP, 2016, p. 10-11).

As finalidades da CONFRADESP estão pautadas basicamente na relação fraternal entre as igrejas filiadas e os respectivos ministros, apontando que é a guardiã da manutenção dos princípios morais, culturais e espirituais. Com embasamento bíblico e incentivo da prática dos princípios cristãos através de eventos que fomentem os estudos dos ministros filiados. A Convenção é dirigida por uma Mesa Diretora composta por nove integrantes, divididos em: um presidente, três vice-presidentes, três secretários e dois tesoureiros. Possuindo comissões e conselhos que compõe seu quadro administrativo eclesiástico, porém o órgão supremo da instituição é a Assembleia Geral, onde todas as decisões são apreciadas e votadas (CONFRADESP, 2016).

Apenas os pastores presidentes de campos eclesiásticos, ministérios independentes, líderes setoriais da Assembleia de Deus Belém em São Paulo, e alguns pastores auxiliares de campos eclesiásticos mantém uma relação direta com a Mesa Diretora da Convenção. Os demais pastores e evangelistas sejam dirigentes de congregação, membros de diretoria de igrejas filiadas ou auxiliares das Assembleias de Deus no estado de São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e outros, têm uma relação institucional com a Convenção

Fraternal, porém todas suas demandas pessoais, familiares e ministeriais são resolvidas em tese com a igreja local, ou seja, onde o mesmo exerce sua função pastoral ou ministerial.

No estatuto da CONFRADESP (2016), na parte do sumário ou no escopo do texto, não existe a finalidade de apoio emocional, psicológico ou assistencial familiar aos seus membros. Sendo citado apenas o apoio ao pastor presidente jubilado, que se dará com um acordo nomeado de bilateral, onde o respectivo pastor receberá um valor financeiro, chamado de jubilação, da igreja que o mesmo pastoreava. E de acordo com o estatuto, a jubilação de ministros auxiliares será a cargo da diretoria do ministério local, da Assembleia de Deus em seu respectivo campo eclesiástico (CONFRADESP, 2016, p. 46-48).

A Convenção fraternal reúne-se mensalmente na primeira segunda-feira de cada mês na sede da instituição, na Assembleia de Deus Belém em São Paulo (AD Belém), sendo realizado estudos bíblicos pela manhã e tarde, e celebrações durante a noite, além de reuniões quando necessário com os presidentes de campos filiados. Também realiza eventos de estudos bíblicos e de capacitação de líderes em cidades do interior de São Paulo e dos estados onde possui campos eclesiásticos filiados, chamados de ELAD, que significa: Encontro de Líderes das Assembleias de Deus.

O principal evento é a escola bíblica de obreiros do Ministério do Belém, que tem duração de cerca de quinze dias, e se encerra com uma Assembleia Geral Ordinária da CONFRADESP. Nesta Assembleia se presta contas financeiras, dos conselhos, comissões e assuntos colocados em pauta pela Mesa Diretora da Convenção Fraternal. Todas as permutas de pastores presidentes de campos eclesiásticos e questões de interesse da Convenção são antes levados e discutidos pela direção da Convenção. Conforme colocado por pastores entrevistados, a convenção exerce o poder eclesiástico-convencional perante as igrejas filiadas e os ministros que também fazem parte da instituição. A Convenção Fraternal da AD Belém, é uma instituição que segue os meandros das demais convenções filiadas a CGADB, a relação com os ministros se dá em vínculos institucionais com práticas administrativas e referentes ao processo da administração eclesiástica existentes na Convenção. Não existindo atividades que promovam a saúde mental dos ministros ou apoio emocional e psicológico dos mesmos.

**2. O PASTOR NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS:
UM PANORAMA ORGANIZACIONAL DA
ADMINISTRAÇÃO ECLESIAÍSTICA DA IGREJA EM SÃO
PAULO E UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER
DO PASTOR COM AS TIPOLOGIAS WEBERIANAS.**

2. O pastor nas Assembleias de Deus: um panorama organizacional da administração eclesiástica da igreja em São Paulo e uma análise das relações de poder do pastor com as tipologias weberianas.

O poder se constitui, exerce-se e vivencia-se. Mesmo no ambiente religioso assembleiano onde os pastores e membros “atribuem a Deus todas as coisas”, o exercício do domínio e poder pastoral sobre o rebanho de fiéis é um fenômeno perceptível, e pode ser analisado a partir dos dados coletados nas pesquisas. O poder pastoral nas Assembleias de Deus, pode ser apresentado resumidamente no tema do trabalho de Alencar (2010), onde ele escreve: “Todo poder aos pastores, todo o trabalho ao povo, todo louvor a Deus”. A partir das coletas de dados e análises, observamos que a política eclesiástica perpassa todo o meio pastoral, seja nas questões das escolhas dos pastores que irão pastorear às igrejas, campos e congregações, dos cargos ocupados na igreja, das atividades dos obreiros e membros nas comunidades e todas às outras decisões para serem tomadas e definidas, devem ter a anuência do pastor.

Neste campo religioso-político, existe os conflitos nas relações dos que almejam e disputam o poder. São grupos que se formam dentro da igreja, que possuem interesses em dirigir e controlar os espaços de poder dos ministérios, igrejas, campos, congregações e convenções. Nestas situações, sempre haverá nas Assembleias de Deus a figura de pastores percorrendo estes meandros, e a estes, juntam-se outra gama de pessoas ligadas a igreja que também almejam suas colocações. E no meio destas disputas, apontamos como hipóteses e confirmamos pelas observações, entrevistas e análises, que o pastor é uma figura frágil em todo esse processo e conflito político-eclesiástico. Por isso é fundamental realizar uma análise sobre o exercício do poder pastoral, para assim conhecermos melhor às questões sociais, emocionais, pessoais e institucionais a que o pastor vivencia e estar submetido.

2.1 A figura do pastor nas Assembleias de Deus

As igrejas Assembleias de Deus tem como forma de governo um modelo episcopal, modo operante de administração eclesiástica que concentra o poder na figura do pastor, havendo então nas Assembleias de Deus uma distinção sobre as funções do pastor presidente de ministério, igreja, campo e convenção. O modelo adotado pelos missionários e pastores suecos seguia o modelo congregacional, próximo do modelo Batista que eles vivenciaram na Europa e nos Estados Unidos (CORREA, 2018).

O pastor na Assembleia de Deus além de suas funções pastorais descritas na Bíblia, ainda tem uma série de regras que o mesmo deve seguir, que estão contidas no estatuto e regimento interno da denominação, nos documentos da convenção estadual e nacional, nas resoluções da diretoria de acordo com a função do pastor, e ainda costumes que são regras ministeriais, embora não estejam registradas em documentos oficiais, e tão pouco na Bíblia, mas devem ser seguidas. Um exemplo na AD Belém, é a proibição do uso de barba pelos pastores e obreiros, não está no estatuto e nem no regimento, porém é um costume exigido pela liderança.

As posições exercidas pelo pastor estão divididas em: pastor presidente da igreja e/ou ministério, presidente de campo, líder de setor ou área, dirigente de congregação e responsável por um departamento (significa ser líder dos jovens, adolescentes, Escola Bíblica Dominical – também chamado de Superintendente, setores que compõe a Igreja), em algumas Assembleias de Deus, estes cargos também são chamados de presidentes ou líderes da respectiva pasta de governo da igreja.

Alguns destes pastores exercem a função em modo integral, quando dedicam todo o tempo de suas vidas para o trabalho eclesial, havendo dias de atendimento na igreja e trabalho no campo de atuação que lhe foi confiado. Outros dedicam tempo parcial, conciliando com seus trabalhos, estudos e vida profissional secular (termo usado para as atividades realizadas fora da igreja, ou o que é da vida social e profissional dos sujeitos).

Os pastores na Assembleia de Deus em São Paulo devem ser obrigatoriamente casados, mesmo que antes não houvesse essa exigência nas Assembleias de Deus no Brasil, tendo havido pastores consagrados a ministro solteiros. O mesmo somente mudará a credencial de evangelista para pastor, após contrair núpcias. Em tese o pastor nas Assembleias de Deus em São Paulo e no Brasil, tem em seu histórico ministerial um tempo de serviço ao ministério e de atuação eclesial, seja em serviços junto a congregação ou atividades ministeriais referentes a pregação, mordomia⁵ ou liderança de trabalhos da igreja.

⁵ Segundo a disciplina chamada de Eclesiologia, no tópico de obreiros, ensinado nos cursos assembleianos; Mordomia é um serviço de assistência no momento do culto e todo trabalho de serviço a Deus e ao próximo.

2.1.1 A figura do pastor presidente de ministério ou igreja, presidente de campo, líder de setor ou área, dirigente de congregação e líder de departamentos nas Assembleia de Deus no Brasil.

O pastor presidente nas Assembleia de Deus, é o cargo que estar no topo da pirâmide na escala de poder eclesiástico assembleiano. Esta função também é sinônimo de pastor de igreja no linguajar assembleiano, ou chamado apenas de presidente. Este termo é encontrado nos órgãos de divulgação das Assembleias de Deus no Brasil no ano de 1957 (CORREA, 2018, p. 186). Antes se falava sobre o pastor presidente em uma perspectiva institucional nas questões da convenção geral e dos transmisses administrativos e burocráticos exigidos pela justiça as denominações evangélicas. Porém, este termo passa a ser usual no meio dos obreiros e membros da igreja, se estendo das atas da convenção para o tratamento nas assembleias convencionais, antes sendo adotado apenas o termo irmão ao se dirigir ao outro em uma sessão convencional (obtive essa informação através da leitura de atas e cartas escritas por pastores na década de 30, 40 e 50, do século XX).

Com o passar do tempo, a forma de tratamento de presidente, passa a ser usada nos púlpitos, alcançando então a igreja, os membros das Assembleias de Deus, que também passam a tratar o pastor presidente como “O pastor”, ou o presidente da igreja ou ministério e convenção. Esta expressão pastor presidente tem sua origem com a fundação das convenções estaduais em cada estado ou região, e pela emancipação das igrejas, que passam a ser conhecidas pelo respectivo campo eclesiástico. Havendo a necessidade de se organizar cada instituição legalmente, o termo é usado na documentação das igrejas e também recebe menção nas resoluções e documentações afixadas nos flanelógrafos (mural de divulgação e afixação de documentos e cartazes nos templos), nos respectivos templos sedes das igrejas (templo central em alguns estados) e das congregações, constando os comunicados e atividades a serem realizadas no respectivo campo assembleiano ou convenção.

O pastor presidente exerce o poder central do respectivo ministério ou convenção das Assembleias de Deus, o mesmo tem o poder de indicar sua diretoria e auxiliares, e, em muitas Assembleias de Deus, o pastor presidente tem cargo vitalício⁶ - na maioria das igrejas - com exceção das convenções estaduais ou regionais, que tem em seu processo de escolha para comporem a mesa diretora o escrutínio secreto de cargo a cargo ou a votação em modelo de

⁶ Cargo é ocupado pelo pastor presidente até sua morte, invalidez ou situação moral que o desqualifique para o cargo, caso não ocorra nenhum destes três casos, o mesmo não tem prazo para encerramento de seu mandato.

chapa, vencendo o candidato mais votado ou a chapa com mais votos. O modelo de escrutínio ocorre em maioria dos casos nas convenções estaduais e na geral, nas igrejas Assembleias de Deus, o presidente quando é jubilado, indica seu sucessor e o mesmo em maioria absoluta dos casos, é aclamado presidente (PESSOA, 2016).

O presidente de um ministério, além de ter a influência ou prerrogativa para indicar seus pares na diretoria ou mesa diretora, que são os cargos de vice-presidentes, secretários e tesoureiros ou diretores administrativos, ainda indica os membros que irão atuar na parte administrativa e operacional de assessoria da liderança da igreja. Designando ainda os cargos de assessoria do presidente, secretaria e tesouraria adjunta, líderes de departamentos, setores ou áreas e todos os órgãos que fazem parte do ministério. O presidente responde por todas as questões da igreja, preside as Assembleias Gerais, analisa e traz o parecer final nos casos mais delicados (embora reúna a diretoria, o peso da decisão é do presidente) e mesmo com o parecer dos conselhos e comissões que compõe a denominação, a última palavra parte do presidente e da mesa diretora da instituição.

A figura do pastor presidente é a representação do poder na esfera administrativa e eclesiástica das Assembleias de Deus. Fazendo uso da tipologia desenvolvida por Weber (1994), podemos analisar que o poder do pastor presidente é garantido pelo exercício do carisma e por uma dominação burocrática, que nas Assembleias de Deus ocorre por meio do estatuto e regimento interno da denominação pentecostal, que é o manual de regras constituído juridicamente com base nas leis vigentes do Brasil e que legitimam este modelo de governo. Os pastores presidentes, exercem uma relação de poder sobre os membros e os demais pastores, evangelistas e obreiros dos respectivos ministérios, campos e convenções.

2.1.2 O pastor presidente, líder de setor, dirigente de congregação e líder de departamento na Assembleia de Deus do Belém em São Paulo Capital.

Todas as Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Brasil tem um modelo semelhante em sua organização e administração. Como governo eclesiástico é episcopal, as convenções são lideradas por pastores que presidem grandes igrejas (o termo *grande* significa igrejas com milhares de membros e centenas de congregações/filiais). A organização segue o mesmo organograma administrativo, com presidente, diretoria, pastores auxiliares, dirigentes de congregação etc. Porém o modelo do ministério do Belém possui suas diferenças pontuais, que são marcas do próprio ministério e estão atrelados a sua história institucional desta Assembleia de Deus.

O pastor presidente o ministério do Belém na cidade de São Paulo possui as mesmas características do governo eclesiástico das demais Assembleias de Deus no Brasil. Porém, mesmo sendo a capital paulista uma cidade cosmopolita e marcada pela efervescência cultural, palco de muitos movimentos de luta e resistência nas questões políticas e sociais. O ministério do Belém conserva um padrão rígido em comparação a outras igrejas assembleianas no Brasil, sendo ainda a prática dos costumes assembleianos muito falada e exigida pela liderança. Como os obreiros não usarem barba, às mulheres não usarem calças, os jovens irem de terno em algumas reuniões, a proibição do uso maquiagens etc. E a palavra do presidente tem poder como de uma bula papal comparando-se com a igreja católica, pode até não está escrito, mas serve de base para pregações e práticas dentro da igreja.

O presidente na Assembleia de Deus Belém tem uma característica no estatuto do ministério que é ímpar nas Assembleias de Deus no Brasil filiadas a CGADB. O atual presidente, pastor José Wellington Bezerra da Costa, é presidente três vezes. Presidente da Igreja Assembleia de Deus em São Paulo Ministério do Belém; presidente do Ministério do Belém, pois todas às demais igrejas ligadas ao ministério do Belém estão sujeitas a autoridade do pastor presidente do ministério, seja no interior de São Paulo ou nos estados de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, onde existem igrejas filiadas ao ministério Belém, às mesmas estão sob a direção do atual pastor presidente conforme diz o estatuto.

As igrejas do interior de São Paulo, Sul de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, são autônomas, possuem seu CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica), diretoria e departamentos, mas usam o estatuto padrão do ministério e qualquer alteração deve ter anuência do presidente do ministério do Belém. E o pastor José Wellington é também presidente da CONFRADESP, que é a Convenção Fraternal Interestadual das Assembleias de Deus Ministério do Belém em São Paulo.

Na presidência da igreja em São Paulo, o pastor exerce o poder decisório nas questões de permuta de pastores setoriais (troca de pastores), dos pastores que ocuparão os respectivos cargos na administração, departamentos do ministério e conselhos da igreja. E todos os projetos, ações, atividades e trabalhos que usam o nome do ministério e envolve toda a igreja tem a anuência do pastor presidente. O pastor presidente representa a igreja junto aos órgãos públicos, sejam nas questões administrativas e financeiras. O pastor presidente também lidera o templo sede do ministério, tanto na direção dos cultos como na nomeação dos cargos que serão ocupados nos departamentos da igreja sede, que tem sua atuação junto aos membros que se congregam na sede da igreja, sendo chamado pelos ministros e obreiros de “O Belém”, quando fazem referência do templo sede.

Os pastores que compõe a diretoria do Belém, são pastores que também lideram setores na capital ou região metropolitana. Desempenhando atividades semanais no ministério do Belém, tem dedicação integral junto a igreja, representam o pastor presidente quando necessário, participam das reuniões da diretoria e atuam nas questões do ministério conforme suas atribuições orientadas no estatuto da igreja.

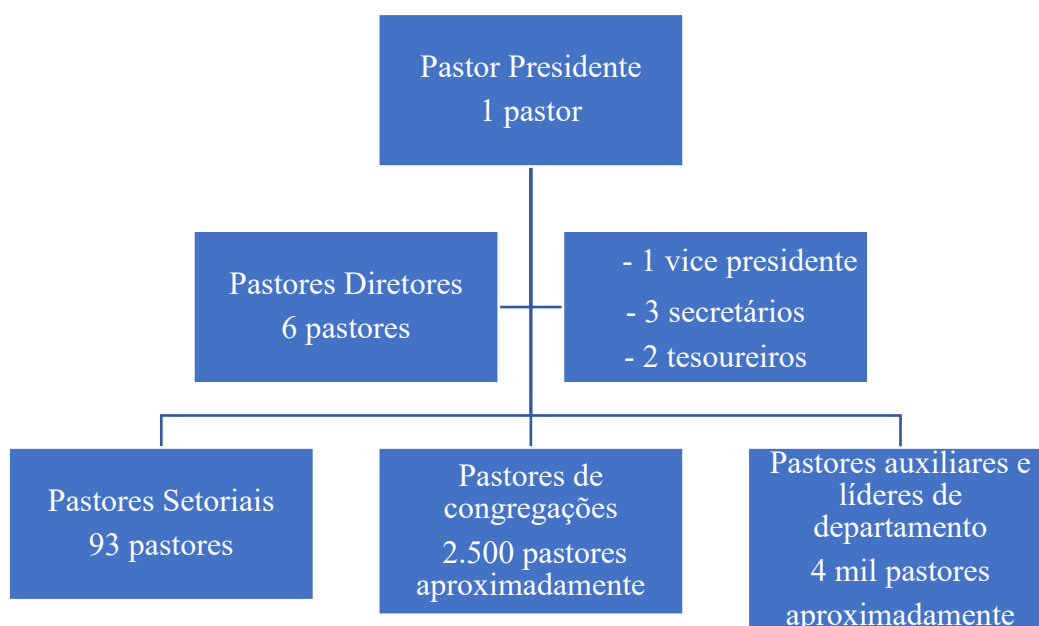
Existe o cargo de pastores setoriais na Assembleia de Deus do Belém em São Paulo, estes pastores têm sob sua liderança um grupo de filiais, ou seja, congregações. Normalmente o setor é organizado em uma circunscrição eclesiástica determinada pelo presidente e diretoria. Podendo ser um conjunto de bairros, ou apenas um bairro, uma cidade ou duas ou mais cidades. Estes setores têm uma administração padrão, determinada pelo ministério, tendo que prestar contas junto a secretaria e tesouraria geral do ministério do Belém.

Pastores que dirigem às congregações, desempenham às atividades relacionadas a congregação, dirigem cultos, celebram cultos de santa ceia⁷, ações de graças, que podem ser de aniversário, formaturas ou datas comemorativas, e ainda casamentos, cultos fúnebres, apresentam crianças (os assembleianos não batizam crianças, este é um modo de repetir a prática registrada nos evangelhos, sobre a apresentação de Jesus no tempo com 40 dias de nascido (BÍBLIA, Lucas: 2.22-40), batizando apenas acima de doze anos e que tenha participado do discipulado, que é uma atividade de estudos bíblicos e sobre as doutrinas da igreja).

Os pastores dirigentes ainda indicam quem irá cuidar dos departamentos da congregação, seja na parte de secretaria, tesouraria ou nos trabalhos com jovens, adolescentes, mulheres etc. Os pastores que lideram departamentos ou são auxiliares, são cargos em maioria das vezes do campo, ou dos setores, como: co-pastores, sendo auxiliares direto do pastor setorial, superintendência da escola bíblica dominical, evangelismo, missões, jovens, adolescentes, música ou orquestra e cargos administrativos.

⁷ Celebração dos pentecostais referentes aos mandamentos de celebrar a santa ceia, registrados em Mateus 26; Mc 14; Lc 22; Coríntios 11. Que representa o memorial do sacrificio de Jesus Cristo na cruz pelos pecados e que é o motivo da oportunidade de salvação para todos os que creem segundo os cristãos pentecostais.

Seguindo uma ordem hierárquica, a posição exercida e a quantidade de pastores na Assembleia de Deus em São Paulo, ministério do Belém, segue o seguinte organograma:



2.2 A estrutura organizacional da Assembleia de Deus Belém em São Paulo

O modelo assembleiano de organização e administração eclesiástica tem suas características extremamente semelhantes no caráter organizacional e institucional em todos ministérios. Esta dinâmica que definem o modelo a ser trabalhado, dirige o processo administrativo a ser desenvolvido na instituição. Segundo Maximiano (2000, p. 25) “Administrar é o processo de tomar, realizar e alcançar ações que utilizam recursos para alcançar objetivos”. O trabalho administrativo na Assembleia de Deus Belém em São Paulo está correlacionado com o significado de ação, gestão, governo e regência, havendo práticas correlacionadas a outras ações que tem ligação direta com as práticas da administrativas de instituições, organizações e empresas e associações seculares.

A igreja Assembleia de Deus em São Paulo Ministério do Belém – ADMB, tem sua estrutura com modelo administrativo eclesiástico conforme o modo de operação adotado pelos pastores nacionais assembleianos. Todo o trabalho realizado pelo ministério segue orientações da sede do ministério, que é a matriz da instituição, onde fica o pastor presidente e ocorrem as reuniões com a diretoria e todos os encontros dos obreiros do ministério pelo menos uma vez ao mês. Na ADMB, existem cultos ou reuniões para os membros quase todas as noites, havendo os cultos oficiais, que na sede são nas terças, quintas e domingos na parte noturna, e outras reuniões nos demais dias da semana na parte da noite e também durante o dia.

O pastor presidente tem o cargo vitalício, escolhendo uma nova diretoria a cada biênio (mandato de dois anos), em uma reunião de ceia, normalmente, que é concomitante com a Assembleia Geral do ministério, que recebe a homologação da igreja. A diretoria da AD Belém é constituída de: presidente, um vice-presidente, três secretários e dois tesoureiros. Havendo o cargo de secretário adjunto que é nomeado pelo presidente. A igreja possui cerca de 2.500 congregações, que está organizada em 93 setores, havendo em seus quadros mais de 500 mil membros (AD BELÉM, 2017). Estes setores são tipos de sedes regionais ou locais, estes agregam uma quantidade de congregações que atuam com as filiais daquele bairro/região, para o crescimento da igreja e maior organização da mesma.

Existem duas reuniões que agregam os pastores do ministério do Belém, a primeira reunião é na primeira segunda-feira de cada mês, que reúne a pastoral do interior do estado e da região metropolitana e de outros estados que possuem igrejas filiadas a CONFRADESP. Ocorrendo durante todo o dia, com a presença de ministros e obreiros dos campos eclesiais filiados a CONFRADESP. No período da noite a reunião conta com a maioria do público de obreiros e membros da igreja de São Paulo. O campo eclesial do Belém, em São Paulo, agrega cerca de 40 cidades da grande São Paulo e municípios limítrofes, abrangendo uma área que alcança da capital paulista a divisa com o estado de Minas Gerais. Na terceira segunda-feira do mês no período noturno ocorre a reunião de obreiros da AD Belém campo eclesial de São Paulo, que conta com a participação de pastores da capital e região metropolitana exclusivamente.

Nesta reunião, os pastores e evangelistas e obreiro recebem instruções e comunicados da presidência e das atividades do ministério, ainda no primeiro domingo do mês ocorre a ceia geral do ministério, que conta com a presença dos pastores setoriais e de grande quantidade de membros e obreiros da AD Belém de São Paulo e do interior. Nas sedes dos setores e nas congregações são também realizadas as atividades de cultos semanais, reuniões, ceia do setor e eventos que tem cunho bíblico, teológico, administrativo e ligados aos departamentos.

2.3 A origem social do pastor das Assembleia de Deus

A igreja Assembleia de Deus teve uma entrada maior na periferia das grandes metrópoles e nas cidades do interior, sendo que estas regiões periféricas das grandes cidades e as então longínquas vilas e cidadezinhas do sertão e litoral brasileiro, tinha em sua grande parcela da população, homens e mulheres iletrados, alguns analfabetos e/ou limitados no quesito educacional. Eram pessoas que trabalhavam como pedreiros, serventes, costureira, diarista,

motorista, doméstica, carregador, porteiro, pintores, agricultores, cortadores de cana e outras profissões braçais ou que exigiam mais esforço físico.

Enquanto os presbiterianos, os batistas e outros se dirigiam às camadas médias e de alguns recursos, os pentecostais foram diretamente às camadas empobrecidas — aos pedreiros, sapateiros, chapeleiros, alfaiates, motoristas, trabalhadores rurais, empregadas domésticas, gente de pouca qualificação profissional e de reduzida instrução. É desta camada social que ele vai retirar pessoas para os cargos de pastores e auxiliares (pastor é o cargo mais elevado) (ROLIM, 1987, p. 24-25).

Mesmo na atualidade a maioria dos pastores que dirigem congregações ou setores ainda reside em bairros mais periféricos, de classe média e alguns poucos moram em bairros mais nobres. Os pastores entrevistados que residem em bairros de classe econômica mais alta, todos destacaram que exercem uma profissão, como foi relatado por alguns: “Não dependo da igreja para se manter financeiramente”. Alguns possuem investimentos por conta de seus trabalhos antes de dedicarem suas vidas integralmente a igreja, como casas alugadas, pontos comerciais e investimentos em contas, etc.

No quesito grau de escolaridade, a maioria dos entrevistados possui ensino médio, outra parcela tem algum curso técnico e a minoria formação superior. Outros pastores possuem graduação em teologia, porém sendo cursos no formato Educação à Distância (tendo realizado o curso por correspondência ou online) ou semipresencial, ocorrendo uma ou duas aulas ao mês. E, na maioria dos casos, cursos livres. Com base nas conversas com pastores e obreiros, a origem social dos pastores da Assembleia de Deus é ainda predominante com candidatos que saíram de classe menos abastadas e de locais muitas vezes de vulnerabilidade, com uma história de superação econômica e de terem vivenciado tempos de muitas dificuldades financeiras.

2.4 A escolha dos candidatos ao ministério pastoral, a formação e preparação no campo de atuação, a prática pastoral e a ordenação.

Por décadas a grande maioria dos pastores assembleianos não gozaram de formação teológica ou até mesmo bíblica em uma perspectiva sistemática, intensiva ou extensiva. Sendo marca do pastor assembleiano a ênfase no discurso que “o pastor deve buscar em Deus o alimento para o rebanho, o pão para a igreja vem do céu”, diziam e ainda falam alguns pastores. Pastores mais antigos, ao serem indagados como preparam-se ou preparavam-se para a pregação, muitos respondem: “Pela oração e leitura da bíblia”. Sendo uma comunicação com

destaque na oralidade, discursos simples e que alcançou e alcança as camadas populares que as Assembleias de Deus fincaram com maior ênfase suas estacas.

Os pentecostais não tiveram escola para formar pastores. A formação vinha pela prática dos cultos, da aprendizagem simples da leitura da Bíblia, aos domingos, e da própria pregação. A maioria dos seus adeptos não possui curso médio para receber ensinamento mais elevado. Mas tinha uma coisa interessante, tinha uma cultura popular oral, era canalizada para o pentecostalismo e não era absolvida pelas outras igrejas protestantes (ROLIM, 1987, p. 25).

Ao longo dos seus primeiros anos de vida, as ADs não tiveram institutos bíblicos, seminários ou faculdades — e não sentiram falta deles. A formação dos obreiros se deu exclusivamente pela prática. Prática experiencial, comprovadamente eficaz. Tão eficaz que a igreja nasceu, cresceu e se consolidou sem a educação formal, ou sem a “fábrica de pastores” (ALENCAR, 2013, p. 110).

Do início da igreja até os anos de 1980, a oportunidade de cursos de teologia era uma raridade no universo assembleiano. Poucos cursos existiam, havendo em São Paulo os mais conhecidos, onde jovens de todos os estados do Brasil e até de países vizinhos, deslocavam-se para estudar Bíblia e Teologia, destacam-se: o IBAD (Instituto Bíblico das Assembleias de Deus), fundado em 1958, com sede em Pindamonhaga e a EETAD (Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus), que surgiu em 1982, em Campinas. Porém pouco alunos podiam se deslocar até o IBAD ou a EETAD para dedicar-se aos estudos bíblicos integralmente, e ainda a maioria dos alunos eram jovens. Sendo a marca histórica uma formação baseada na leitura bíblica e na escola do pastor presidente, como alguns mais antigos em conversas informais me relataram: “Me formei na escola do pastor A ou na escola do pastor B”.

O princípio para a consagração de novos pastores em tese geral na história das Assembleias de Deus, parte das instruções bíblicas como pré-requisitos para a ordenação contidas nas instruções do apóstolo Paulo para Timóteo:

Ser o bispo irrepreensível, marido de uma só mulher, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avarento; que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia (porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?). Não neófito, para que, ensoberbecendo, não caia na condenação do diabo. Convém, também, que tenha bom testemunho dos que estão fora, para que não caia em afronta e no laço do diabo (BÍBLIA, 1º Tm 3. 2-7).

Observa-se que as exigências para o pastorado em uma perspectiva bíblica são extremamente altas, e com requisitos que envolvem questões pessoais, familiares e sociais, mesmo que em alguns casos alguns desses critérios não seja observado com maior zelo por uma

convenção ou liderança de um ministério. A membresia que compõe a igreja, exige isto do pastor como obrigatórias para que o mesmo permaneça como líder do rebanho, e tais exigências levam pastores a terem uma forma de vida que supera até as exigências bíblicas como alguns relataram em conversas, exigindo assim do pastor e de sua família uma conduta de vida que aumenta demasiadamente a carga do pastorado para a figura do pastor, tornando assim o pastor uma figura muito frágil no exercício da liderança da igreja.

Segundo foi coletado nas pesquisas, existe em muitas congregações e na sede do ministério, um curso de formação de obreiros, trabalho este que foi desenvolvido e iniciado a poucos anos, porém é destacado pelos pastores entrevistados como interessante e fundamental para os que aspiram ao ministério pastoral. Este trabalho é realizado pela FAESP, que é a Faculdade Evangélica de São Paulo, órgão do ministério do Belém, que oferece os cursos de Teologia na sede do ministério e em alguns setores. Os cursos extensivos e os núcleos de cursos teológicos em sedes de setores e congregações ampliam a possibilidade de estudo e capacitação dos obreiros e membros, todo o preparo do aspirante ao pastorado é um momento que o faz ser visto como uma figura especial e iluminada pelos membros da congregação e até por outros obreiros, pois enxergam no estudante de teologia um sujeito que estuda as sagradas letras e detém um saber divino e sacro.

Os pastores assembleianos tem uma formação histórica baseada em primeiro lugar na relação com o pastor que o indica, se não houver uma relação pessoal, de confiança e lealdade do indicado ao indicando, mesmo que o noviço ou o antigo obreiro seja qualificado, tenha formação teológica, experiência e outros atributos, o primeiro a ser observado é a relação do mesmo com o pastor que o indica para a consagração pastoral. Demonstrando que a exigência do pastor é com base em uma condição de confiança e proximidade entre o pastor e o indicado. Analisando a partir da lente weberiana, constatamos uma relação de reconhecimento do indicado, por parte de quem indica, como bem explica Weber (1994, p. 160) “Segundo qualidades carismáticas: ao “profeta” correspondem os “discípulos” [...] ao “líder” em geral, os ‘homens de confiança’ [...] o reconhecimento é um dever”. A perspectiva da liderança sobre os novos ministros é que os mesmos tenham sentimento de agradecimento e de reconhecimento de quem o indicou ao pastorado.

Conversando com um pastor que lidera uma região que possui muitas igrejas e dezenas de pastores estão sob sua liderança, ao tratarmos sobre a formação do pastor, este me informou: “Os obreiros que desejam ser consagrados ao pastorado, antes devem ser obreiros fiéis ao ministério e ao pastor que o indica, sendo assim, mostram que são agradecidos e reconhecem a pessoa que os indicou ao santo ministério”. A relação do pastor e os candidatos a consagração

pastoral está estabelecida no domínio carismático, onde a relação de obediência ao pastor presidente ou setorial é fator preponderante para que os obreiros que estão no cargo de presbíteros ou evangelistas, alcancem o pastorado.

Na igreja Assembleia de Deus em São Paulo, a ordenação ou consagração de pastores segue os seguintes procedimentos: após um período de estudo em um curso médio em teologia (antes chamado de básico), ou bacharel em Teologia, e, em muitos casos havendo o candidato ao ministério ter exercido as funções de auxiliar, diácono e presbítero (cargos esses que são consideradas etapas no ministério, sendo o de auxiliar a função mais operacional, como portaria, auxílio na segurança e outras ações, em seguida em ordem crescente a função de diácono, que serve a ceia e auxilia as atividades como recolher ofertas e na manutenção da ordem dos cultos e o cargo de presbítero que é um auxiliar do pastor, estando já autorizado para celebrar ceias e dirigir cultos e realiza outras atividades).

O pastor da igreja conversa com o respectivo candidato ou candidatos, traz orientações, realiza reuniões e indica os mesmos para serem aprovados pelos respectivos corpos de obreiros, também chamado de ministério, e, em seguida pede a aprovação dos membros, em um culto de ceia ou de reunião. Posteriormente são submetidos ao CRIVO, que é a Comissão de Seleção de Candidatos à Ordenação e Consagração de Ministros do Evangelho (CONFRADESP, 2016), sendo o órgão responsável para exame da documentação exigida pela Convenção para a consagração de ministros.

Na CONFRADESP todos são consagrados ou ordenados a Ministro, e a diferenciação entre pastor e evangelista está na credencial, sendo que conforme a necessidade e orientação do presidente da igreja, presidente de campo ou líder de setor, é orientado a troca de credencial de evangelista para pastor. Mas, como em todas as Assembleias de Deus e as demais convenções estaduais, o cargo ou função de pastor é cobiçado e desejado por aqueles que aspiram o ministério e com base em escritos do apóstolo Paulo, alguns obreiros indagados sobre o motivo do desejo do pastorado, respondem: “o que deseja o episcopado excelente obra deseja” (BÍBLIA, 1º Timóteo 3.1). Conforme os dados colhidos, o percurso ministerial na Assembleia de Deus Belém, é também um tempo que exige demasiado trabalho e dedicação dos respectivos obreiros que almejam o pastorado.

Consideramos ainda que o processo de formação do pastor na prática da igreja Assembleia de Deus em São Paulo, que foi campo de pesquisa para a coleta de dados, é marcado por alguns elementos como já explicados, como a relação de proximidade com o pastor que o indica, a experiência como cooperador, diácono e/ou presbítero (cargos que fazem parte do quadro de oficiais religiosos na igreja). Sendo elementos preponderantes também, a fidelidade

como dizimista, fator este considerado segundo os entrevistados como primordial para a liderança da igreja e convenção fraternal e sendo necessário haver uma carta escrita pela esposa do candidato, que fale sobre o marido e sua relação em casa com a mesma, filhos e filhas e seu proceder na vida social.

2.5 O pastor nas Assembleias de Deus e sua relação de poder

Tratar sobre o pastor nas Assembleias de Deus no Brasil, é analisar e descrever a figura de maior importância na igreja — inclusive mais que a igreja e/ou convenção em muitos casos —, e que o poder emana e converge em sua personalidade. Havendo então na mão do pastor o poder de guiar a congregação em todas as decisões que este compreender ser as melhores e ideais, exercendo um domínio sobre o povo através de elementos administrativos e relações de poder. Compreendemos os conceitos de poder e dominação neste trabalho a partir das definições fornecidas por Max Weber, onde:

§ 16. Poder significa toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade. Dominação é a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis; disciplina é a probabilidade de encontrar obediência pronta, automática e esquemática a uma ordem, entre uma pluralidade indicável de pessoas, em virtude de atividades treinadas (WEBER, 1994, p. 33).

Mesmo sendo a igreja uma comunidade que segundo os seus membros e liderança a direção pertence a Deus e suas normas são as orientações bíblicas, podemos perceber através de análises históricas e sociológicas, como apontadas e compreendidas a partir de Durkheim (2003), que a religião é uma produção social, ou uma representação coletiva. E sendo uma produção social, como bem analisa e considera Bordieu (2007), as relações de poder e dominação se estabelecem e atuam através de forças políticas e de poder em todos os espaços da comunidade e instituição, sendo este um campo com uma estrutura organizada em uma divisão de classes dos líderes e dos liderados.

As igrejas Assembleias de Deus no Brasil, em geral usam como conceito de administração ou governo eclesiástico, o episcopado. Esta forma de governo tem como base principal que a decisão final pertence exclusivamente ao pastor presidente, líder da respectiva igreja/campo, ou congregação, sendo o mesmo o responsável pelas decisões que serão tomadas pela igreja, seja na forma litúrgica dos cultos, na presidência das reuniões e assembleias gerais ou nas ações realizadas pela comunidade religiosa nos espaços internos ou nas atividades externas. Esta

característica administrativa, é o formato de uma política eclesiástica histórica na maior igreja pentecostal brasileira, desde a figura de um presidente regional, que lidera uma igreja em um estado e/ou convenção estadual/regional, o pastor que preside um campo eclesiástico, líder de setor ou área e um dirigente de congregação, a perspectiva mantida e já desenvolvida pela comunidade é ter na figura do pastor a responsabilidade pelas decisões finais referentes a igreja.

Conforme apontam os membros assembleiano e a liderança da denominação, o pastor é o anjo da igreja, logo nele estarão as decisões mais sábias e necessárias para o bem-estar da congregação como está na Bíblia no texto que afirma: “obedecei vossos pastores” (BÍBLIA, Hb 13.17). Além dessa característica de poder atribuída ao pastor com respaldo bíblico como aponta os pentecostais, existe a concepção do líder pentecostal como uma figura do povo, alguém que está a frente da Igreja e que lidera o rebanho.

2.6 A figura do pastor como líder nas Assembleias de Deus e as características de dominação carismática e tradicional

Como a maioria das instituições, organizações ou grupos, a figura do líder ou de uma liderança é função ou cargo de grande relevância, onde a posição do líder exerce uma dominação sobre os liderados e faz uso do poder outorgado para dirigir a corporação conforme sua visão, interesses, perspectivas e objetivos, ao tratar sobre a dominação e obediência partimos dos conceitos os quais:

Chamamos “dominação” a probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de determinado grupo de pessoas. Não significa, portanto, toda a espécie de possibilidade de exercer “poder” ou “influência” sobre outras pessoas. Em cada caso individual, a dominação (“autoridade”) assim definida pode basear-se nos mais diversos motivos de submissão: desde o hábito inconsciente até considerações puramente racionais, referentes a fins. Certo mínimo de vontade de obedecer, isto é, de interesse (externo ou interno) na obediência, faz parte de toda relação autêntica de dominação (WEBER, 1994, p. 139)

Ao tratar sobre a dominação e seu caráter, Max Weber apresenta três perspectivas que ele chama de tipos de dominação legítima, e ele afirma que sua vigência de legitimidade pode ser:

1. Caráter racional: baseada na crença na legitimidade das ordens estatuídas e do direito de mando daqueles que, em virtude dessas ordens, estão nomeados pra exercer a dominação (dominação legal). ou,
2. Caráter tradicional: baseada na crença cotidiana na santidade das tradições vigentes desde sempre e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições, representam a autoridade (dominação tradicional), ou, por fim,

3. Caráter carismático: baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas (dominação carismática) (WEBER, 1994, p. 141).

Explicando estas três características de dominação, nas questões relacionadas a obediência e a motivação para submeter-se as ordens de cada tipo de dominação, Max Weber diz que:

No caso da dominação baseada em estatuto, obedece-se à ordem impessoal, objetiva e legalmente estatuída e aos superiores por ela determinados, em virtude da legalidade formal de suas disposições e dentro do âmbito de vigência destas. No caso da dominação tradicional, obedece-se à pessoa do senhor nomeada pela tradição e vinculada a esta (dentro do âmbito de vigência dela), em virtude de devoção aos hábitos costumeiros. No caso da dominação carismática, obedece-se ao líder carismaticamente qualificado como tal, em virtude de confiança pessoal em revelação, heroísmo ou exemplaridade dentro do âmbito da crença nesse seu carisma (WEBER, 1994, p. 141).

Este conceito do tipo de líder carismático é presente nas análises realizadas com os pastores da Assembleia de Deus do Belém, onde as características de confiança pessoal, a figura do pastor como um herói e exemplo na sociedade de amor, trabalho e homem de Deus, permeia toda fala dos membros e dos próprios pastores. Weber (1994), explica que este termo do conceito de carisma (graça), foi tomado da terminologia do cristianismo primitivo, um termo apropriado para tratar sociologicamente da liderança religiosa cristã e suas relações de poder junto a comunidade que lideram.

Porém, deve ser considerado que a figura do pastor assembleiano além de uma dominação carismática como princípio analítico na categoria weberiana, também tem em suas práticas os conceitos da definição de análise da dominação tradicional, que segundo Weber (1994, p. 148), é “uma dominação tradicional quando sua legitimidade repousa na crença na santidade de ordens e poderes senhoriais tradicionais (‘existente desde sempre’). Determina-se o senhor (ou os vários senhores), em virtude de regras tradicionais”. Podemos encontrar elementos deste conceito na ideia do pastor como detentor do poder e da ordem primeira e última da igreja.

Quando perguntado para um pastor sobre como o mesmo toma suas decisões? Este respondeu em primeiro momento: “Eu oro e busco seguir a direção que acredito ser a melhor para a igreja e ser a vontade de Deus para o trabalho (o termo trabalho é usado para falar sobre a igreja)” (PASTOR 1, entrevista pessoal, 28. jun. 2020). Comentando sobre a decisão final, o entrevistado diz: “Por mais que seja colocado pelo entrevistado que existem decisões que antes foram tratadas em reuniões com outros membros da diretoria e alguns outros pastores, obreiros

e em alguns casos a presença de membros, a palavra final é a do pastor” (PASTOR 1, entrevista pessoal, 28. jun. 2020).

Esta fala esteve presente também em conversas com outros pastores, que verbalizaram com outras palavras, mas o objetivo era expressar a autoridade pastoral como cargo inquestionável. Em alguns casos os mesmos termos foram usados, um pastor colocou que a autoridade pastoral deve ser definida pela confiança do membro que “o pastor é o homem colocado por Deus para dirigir os trabalhos, como tem sido em toda história da AD em São Paulo e no Brasil” (PASTOR 4, entrevista pessoal, 30. jun. 2020). Esta perspectiva de relação de poder entre o pastor e a igreja pode ser considerado em perspectiva analítica a partir de uma explicação sobre o conceito de dominação tradicional, onde se entende que:

Não se obedece a estatuto, mas à pessoa indicada pela tradição ou pelo senhor tradicionalmente determinado. As ordens são legitimadas de dois modos:
a) em parte em virtude da tradição que determina inequivocamente o conteúdo das ordens, e da crença no sentido e alcance destas, cujo abalo por transgressão dos limites tradicionais poderia pôr em perigo a posição tradicional do próprio senhor;
b) em parte em virtude do livre-arbítrio do senhor, ao qual a tradição deixa espaço correspondente (WEBER, 1994, p. 148).

Esta dominação que tem seus fundamentos em tradições desde a origem da igreja e definiram a prática da administração eclesiástica assembleiana, tem uma força que ultrapassou momentos políticos na história do Brasil e manteve-se firme até este tempo contemporâneo. Partindo de análises de Paul Freston (1994), nas Assembleias de Deus ocorreu um processo de poder que ele chama de *ethos* sueco-nordestino, onde características da cultura da época no nordeste brasileiro e com ênfase na forma nordestina de ser assembleiano, rompeu limites geográficos, políticos, sociais e históricos e alcançou grande parte do Brasil, e as práticas de poder pertencente ao pastor tornou-se regra e doutrina.

Estas características foram a base para a construção de grandes ministérios, convenções e o poder centralizado na pessoa do pastor, sendo então mantido as práticas de pastorado masculino, vitalício, poder centralizado na figura do pastor presidente, onde o mesmo não exerce apenas o poder; ele é, em si o poder (ALENCAR, 2010). Podendo perceber esta característica do poder na pessoa do pastor em todas as instâncias da igreja. O presidente detém o poder do ministério, o presidente de campo eclesiástico a centralidade do poder na questão das congregações, o pastor que lidera um setor, detém a liderança das atividades das filiais em sua área de atuação e o dirigente de uma congregação, no pastoreio dos membros e dos departamentos da respectiva comunidade. Sendo todos interligados, com as diretrizes emanadas da sede, sempre com a bênção do pastor presidente.

A figura do pastor como o líder que mantém uma postura imutável, detentor único de uma ordem divina, com uma presença que impõe respeito, de prática moral inquestionável, dons divinos e outras virtudes, foi durante décadas uma marca absoluta da figura do pastor assembleiano para os membros e para a comunidade onde existe a igreja. Mesmo com muitas mudanças, esta prática ainda é presente em muitos púlpitos, templos e igrejas das Assembleias de Deus em São Paulo e no Brasil, estas características da percepção da figura do pastor por parte dos membros e da comunidade pode ser identificada na tipologia carismática definida por Max Weber, na análise deste tipo de dominação,

Denominamos “carisma” uma qualidade pessoal considerada extracotidiana (na origem, magicamente condicionada, no caso tanto dos profetas quanto dos sábios curandeiros ou jurídicos, chefes de caçadores e heróis de guerra) e em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como “líder”. O modo objetivamente “correto” como essa qualidade teria de ser avaliada, a partir de algum ponto de vista ético, estético ou outro qualquer, não tem importância alguma para nosso conceito: o que importa é como de fato ela é avaliada pelos carismaticamente dominados - os “adeptos” (WEBER, 1994, p. 158-159).

A presença do pastor entre a igreja e junto a comunidade é um atributo destacado pelos entrevistados e observado em cultos que participei. A prática de orar pelas pessoas; de escutar as queixas e demandas dos membros; da membresia ter o pastor como uma figura que resolve ou ajuda resolver todos os problemas; e ter na pessoa do líder religioso pentecostal as qualidades que são eficazes para a vida da pessoa ser mudada, é o principal elemento que fortalece a dominação carismática do pastor frente a congregação ou rebanho como é chamado a igreja. Por isso que em muitas falas dos pastores entrevistados quando perguntados sobre o que eles entendem do ser pastor? Alguns dos pastores responderam frases idênticas: “O pastor tem que ter cheiro de ovelha, tem que está no meio do rebanho, tem que conhecer os membros que fazem parte do seu campo de trabalho” (PASTOR 1; PASTOR 3; PASTOR 5, entrevistas pessoais, 2020). É uma relação estritamente carismática, o pastor não precisa ter título, formação ou conhecimento amplo de leis, basta ter uma noção das questões de justiça e assuntos sociais ou o assunto necessário, e assim, o ser pastor, é o suficiente para os membros, pois é alguém escolhido por Deus e os liderados confiam no líder.

As palavras do pastor, suas ideias, ou profecias, tornam-se regras imutáveis e são consideradas como a verdade, embora não tenha respaldo bíblico ou um consenso na denominação, esta prática, ocorre com os assembleianos e outras igrejas evangélicas, um exemplo são os costumes como mandamentos bíblicos, ou profecias que falam de bênção ou

obediência. Considerando isso, podemos trazer uma relação analítica a partir da lente weberiana, que explica que: “a profecia carismática se converte, apesar da advertência do apóstolo para ‘não reprimir o espírito’, inevitavelmente em dogma, doutrina, teoria, regulamento, disposição jurídica ou conteúdo de uma tradição que vai se petrificando” (WEBER, 1999, p. 332).

O carisma do pastor é conquistado pela sua relação com o povo, os membros seguem a palavra pastoral, pois o líder religioso evangélico é o apoiador dos membros, é o socorro da viúva, dos órfãos, da família, que auxilia as pessoas em suas necessidades financeiras, conjugais e pessoais. O pastor escuta, acolhe e cuida a partir de suas crenças religiosas. Toda esta concentração de poder, demanda de cuidado com os membros, amplia o trabalho pastoral, gerando cansaço, fadiga e exaustão psíquica, emocional, física e espiritual. Sendo importante analisar que as obrigações pastorais, sustentam a manutenção do poder carismático do pastor assembleiano. Onde ele é consciente de suas responsabilidades e que o povo o segue por ter nele um porto seguro para as tempestades da vida.

2.7 O pastor como sacerdote e profeta nas Assembleias de Deus por uma lente weberiana

O pastor nas Assembleias de Deus em São Paulo e no Brasil, exerce a função de sacerdote, ministro ou obreiros da obra de Deus como chamam os líderes e membros assembleianos. Weber faz uso de tipos como meio de produção de uma explicação sociológica, tratando sobre a distinção do profeta, mago e sacerdote nas relações de poder na comunidade. Ao pensar sobre isso, o sociólogo alemão escreve que: “Distingue-se os sacerdotes, como capacitados por seu saber específico, sua doutrina fixamente regulada e sua qualificação profissional, daqueles que atuam em virtude de dons pessoais (carisma), e da prova destes por milagre e revelação pessoal” (WEBER, 1994, p. 296).

Discorrendo sobre a figura do profeta, segundos o conceito weberiano que diz: “Por ‘profeta’ queremos entender aqui o portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandamento divino” (WEBER, 1994, p. 303). O conceito do mago é colocado pelos que fazem uso de artes mágicas, estão unidos em uma corporação fechada, numa casta hereditária, um saber ou educação para um despertar, se aspirando uma reencarnação por crenças e em parte um ensino empírico da arte mágica (WEBER, 1994).

Ele faz esta consideração por entender que o sacerdote está em uma posição onde de um lado está os magos, e, de outro, os profetas (WEBER, 1994). Ao tratar sobre esta característica

Weber (1994), considera que na religião cristã, inclui precisamente a qualificação mágica, ao entender que as questões de milagres são um fator presente no discurso e crença do ministro cristão. Desenvolvemos neste ponto a possibilidade de realizar uma análise das ações místicas que são uma característica presente na história assembleiana, que produz em suas reuniões discursos de crença nos milagres, no falar em línguas, a oração da fé que cura, liberta e opera milagres, são elementos místicos imbuídos nas mensagens e práticas da igreja pentecostal.

Podemos apontar o pastor da ADMB como uma figura que pode ser analisada a partir destas perspectivas de ser percebido como um sacerdote que tem sobre si uma áurea de autoridade, um carisma acolhedor e de características até messiânicas e a capacidade de buscar agregar às pessoas não apenas na igreja, mas em torno de si. O pastor como fator motivador para realização de atividades, está nos cultos e reuniões e desenvolver trabalhos na igreja.

Mesmo com a preparação e capacitação teológica e bíblica, o destaque do pastor na Assembleia de Deus é motivado pela capacidade mística, é ser um instrumento de Deus para entregar a mensagem divina ao povo, como falam os pentecostais assembleianos. É a percepção dos pastores serem detentores de dons espirituais que curam, revelam e abençoam ao povo. Estas qualidades são exigências da igreja com todos os pastores, que devem estar orando por pessoas enfermas, com problemas familiares, financeiros, sentimentais ou espirituais. E, estes, através do pastor creem que serão agraciados com a solução de suas causas. Nestas circunstâncias, o pastor além de atuar com questões de sua vida pessoal, social e familiar, ainda necessita possuir dotes míticos para demonstrar ser revestido de autoridade divina. E segundo pastores entrevistados, para a igreja, “o pastor não pode possuir problemas” e deve sempre “demonstrar que está bem e não pode ficar triste, não tendo ninguém para falar dos seus problemas” (PASTOR 1, entrevista pessoal, 28. jun. 2020).

O pastor assembleiano é um sacerdote religioso que tem em sua base de autoridade a Bíblia, que conforme os assembleianos interpretam os textos, o pastor é o anjo da igreja, O estatuto e regimento interno, servem para validar as atribuições do líder, para dar autoridade de uma dominação que emana todas às ordens, distribuir todos os cargos e exercer o poder no modelo episcopal. A força da tradição, que autoriza o pastor a exercer esse governo sobre a igreja e às relações corporativistas, que apoiam o sujeito pastor, na ADMB podem ser ordens convencionais, ministeriais ou de outros pastores importantes do ministério que falam com o presidente e diretoria por aquele ministro. O pastor na AD Belém além de exercer os dons, tem uma missão que chamam de divina, exercendo assim o poder na congregação juntos aos ministros subordinados e nas atuações da igreja ou convenção. Esta direção do pastor, não é conseguida de modo individual, mas mantida por obreiros, ou pastores, que são dirigente de

congregações, que acompanham o líder setorial e/ou pastor presidente, apoiando nos projetos trazidos e nas atividades desenvolvidas.

2.8 Uma análise sobre o pastoreio na perspectiva e prática entre o ministério, família e igreja

Mesmo o pastor sendo detentor de um poder quase absoluto na igreja Assembleia de Deus do Belém, o mesmo é uma figura frágil entre as relações de poder existente entre o pastor e sua função. Quanto maior o poder do pastor na igreja, mais aumenta suas articulações de poder e as exigências para com sua pessoa. O ministério exige tomada de decisões que muitas vezes não contemplam a família ou até mesmo o pastor em um primeiro momento. Em falas de pastores percebe-se que a necessidade da igreja pela presença do pastor em todas as atividades, e sua disposição de estar em todos os trabalhos e assistência aos membros ou atendendo outros pastores. Para os pastores, é uma obrigação no cargo que exercem para a cultura criada do pastor que tem que atender ao povo, ter a ausência em seu lar e nas atividades e eventos familiares.

Uma questão extremamente comentada na atualidade no universo assembleiano, é a relação entre a família do pastor presidente, os pastores subordinados e a membresia da igreja. Pois o assunto mais pautado quando se trata sobre esta relação, é a influência da esposa, filhos e/ou filhas, genros/noras e netos e netas nas questões da igreja, seja na administração ou sucessão; os pastores entrevistados em algum momento tocam neste assunto quando são perguntados sobre o futuro da igreja. De forma genérica, alguns entendem que seja normal a sucessão do pastor por seu herdeiro familiar, mas alguns outros compreendem que existem falhas neste processo quando ocorre uma influência familiar e que não é uma direção do Espírito Santo. Este assunto é delicado para os pastores e muitos preferem não falar sobre o respectivo tema.

O que caracteriza o pastor como detentor de um carisma que lhe outorga o poder junto a igreja e que detém o capital político eclesiástico para indicar o sucessor, e este indicado ter aceitação pelo menos em um primeiro momento, é o carisma que detém junto a comunidade religiosa. Apropriando-se de uma das análises sociológicas de weberiana sobre a sucessão, compreendemos como bem apresenta Weber (1994, p. 162), que: “Por designação do sucessor pelo portador anterior do carisma e reconhecimento pela comunidade”. Ainda salienta que: “A legitimidade torna-se então uma legitimidade adquirida por designação” (WEBER, 1994, p. 162).

Todas estas demandas trazidas tanto pelo ministério, família ou igreja, estão relacionadas ao trabalho pastoral, que é uma situação do presente, as preocupações com as necessidades da

família, tanto no atual momento como posteriormente, já que não existe um plano previdenciário concreto no ministério e as suas próprias demandas pessoais, que o levam a sentir também ansiedade, temor e outras preocupações como alguns entrevistados trouxeram em suas falas. A manutenção de uma pessoa como indicado, além de ser uma preocupação com a igreja, é também, uma garantia de sua jubilação e cuidado com a família, caso venha a faltar.

Este poder do pastor não é de concepção territorialista ou por ação da instituição governo político na Assembleia de Deus. É algo onde sua existência se estabelece direto com o povo, com as pessoas, suas vivências sociais e o movimento dos agentes destas comunidades.

O poder do pastor é um poder que não se exerce sobre um território, é um poder que, por definição, se exerce sobre um rebanho em seu deslocamento, no movimento que o faz ir de um ponto a outro. O poder do pastor se exercer essencialmente sobre uma multiplicidade em movimento (FOUCAULT, 2008, p. 168).

Ao considerar as necessidades do trabalho pastoral, alguns entrevistados, relataram sobre o cuidado do pastor com rebanho, que chamam de: exercer um pastoreio com excelência, com cuidado do rebanho. Foucault (2008), faz uso de uma tipologia para explicar sobre uma característica de dominação social, ao chamar e conceituar o que é um bom e um mau pastor. Enquanto o mau pastor pensa o pasto como seu lucro, onde o interesse é no que a ovelha pode oferecer e não na ovelha como vida. O bom pastor tem seu olhar apenas para o rebanho, seu pensamento está somente nas ovelhas, e nada mais. E deste interesse apenas na ovelha nasce uma postura do pastor como servo da ovelha.

Creio que vemos surgir aí, esboçar-se aí um poder cujo caráter é essencialmente oblato e, de certo modo, transicional. O pastor está a serviço do rebanho, deve servir de intermediário entre ele e os pastos, a alimentação, a salvação, o que implica que o poder pastoral, em si, é sempre um bem (FOUCAULT, 2008, p. 171).

Fazendo uma análise a partir dessa tipologia foucaultiana, podemos elaborar uma reflexão nas falas de entrevistados que buscam ou buscaram no ministério exercer um pastoreio com excelência, dedicando tempo demais a igreja, para assim ser visto como um bom pastor, e em alguns momentos faziam uso de textos bíblicos como “o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas (BÍBLIA, João 10:11). Em referência aos bons pastores que são dados por Deus para apascentar o rebanho e as consequências dos maus pastores que não cuidam das ovelhas (BÍBLIA, Jer. 3; 23). Estas preocupações acarretam mais preocupações aos pastores, aumentando assim o fardo sobre si e os que estão em seu ciclo familiar. Podemos então apontar que o pastor detém o poder, mas a igreja determina o tempo de trabalho e dedicação do pastor à congregação, e com base em depoimentos, experiência e observação, o tempo que o pastor deve oferecer, é toda sua

vida. E, ao não cuidar de sua saúde física, mental e emocional, ele é sensível para adquirir em um momento de sua vida no exercício do ministério, a síndrome de *burnout* e outras doenças psicossomáticas, como stress e depressão.

**3. A SÍNDROME DE BURNOUT: DEFINIÇÕES,
APONTAMENTOS, CONSEQUÊNCIAS, CUIDADOS E
TRATAMENTO DO *BURNOUT* EM PASTORES
ASSEMBLEIANOS**

3. A SÍNDROME DE BURNOUT: DEFINIÇÕES, APONTAMENTOS, CONSEQUÊNCIAS, CUIDADOS E TRATAMENTO DO *BURNOUT* EM PASTORES ASSEMBLEIANOS

Neste capítulo, buscamos discorrer uma apresentação das perspectivas teóricas sobre a síndrome de *burnout*, apresentando conceitos teóricos, resultados de pesquisa, dados bibliográficos de pesquisadores que tratam do tema do *burnout* tanto na perspectiva de trabalho, como nas questões de ministros religiosos. Analisamos os dados coletados por meio das pesquisas de campo através das entrevistas com os pastores pesquisados. Além de tratar dos dados registrados, ainda apresentamos perspectivas, ideias e práticas para o cuidado e prevenção de pastores das Assembleias de Deus, frente aos desafios do burnout nas relações da vida do pastor, as atividades da igreja, questões familiares e suas necessidades pessoais e existenciais.

Realizamos uma introdução teórica sobre os temas do stress, resiliência e a perspectiva da Logoterapia como proposta de apoio aos pastores no enfrentamento da síndrome de burnout e promoção de saúde mental. Compreendemos que este capítulo é um texto que serve como preparação do terreno para novas pesquisas sobre a temática Psicologia do Trabalho e os ministros assembleianos. Assunto este que propomos continuar a investigar e realizar estudos e produzir materiais teóricos e buscar desenvolver resultados de métodos de intervenção futuramente. E neste texto dissertativo, iniciamos nossas pesquisas bibliográficas e análises a partir de lentes teóricas e leituras iniciais sobre o assunto pesquisado.

3.1 A Síndrome de *Burnout*, definições e fatores causais

A síndrome de *burnout*, é uma palavra de origem inglesa e quer dizer: aquilo que parou de funcionar por total falta de energia. Também conhecida como Síndrome do Esgotamento Profissional, segundo os conceitos da CID 10, que é o manual internacional com registros de patologias e doenças, que tem como significado na sua sigla em português, Classificação Internacional de Doenças, ou, de Transtornos Mentais e de Comportamento (CID 10, 2011). O *Burnout* está conceituado no código Z73, sendo a síndrome de *burnout*, relacionada a stress e depressão (CID 10, 2011).

Apontando sobre essa relação entre a síndrome do esgotamento e o stress, Vasconcellos (2017, p. 286), explica que:

Se antes as pesquisas apontavam tão somente para os efeitos deletérios do stress sobre a saúde física (doenças cardiovasculares, diabetes, hipertensão), com o surgimento da síndrome de *burnout*, descobrimos o dano que eles geram na dimensão emocional da vida do ser humano: depressão, pânico, despersonalização, exaustão emocional, distanciamento social.

Compreender a necessidade de estudar a síndrome de *burnout*, é adentrar no trabalho de compreensão de processos psíquicos dos indivíduos, que está relacionada às suas vivências sociais e atreladas às questões de suas atividades e obrigações familiares, profissionais, interpessoais e de suas próprias necessidades existenciais.

De acordo com literaturas utilizadas, a palavra *burnout*,

Teve origem com os atletas anglo-saxões que utilizam este termo para significar “estar queimado”. Na literatura científica de tipo psicológico, foi introduzido pelo doutor Herbet Freudenberger, em 1974, para referir-se à situação que experimentam aqueles profissionais que trabalham em algum tipo de instituição ou atividade particular cujo objetivo é servir às pessoas (MÉZERVILLE, 2018, p. 42).

Ao explicar esta síndrome, Pereira (2017, p. 28), diz que:

Pela palavra “Burnout” designa-se a síndrome que extrai as forças afetivas do sujeito, produzindo o enfraquecimento pessoal e de realização no trabalho. Em sua origem, a palavra inglesa *Burnout* é o resultado da junção de burn (queima) e out (exterior), caracteriza-se como um sofrimento psíquico acumulativo, fruto de desgaste orgânico, principalmente nas relações afetivas interpessoais no trabalho, provocado pela exaustão de comportamento “hétero” ou autoagressivos. Usa-se também *worn-out* para designar coisas gastas ou pessoas exauridas ou cansadas.

Consideramos ainda, a definição apresentada por Vasconcellos (2017), que explica que o *burnout* foi concebido na década de 1970, como síndrome do esgotamento e exaustão emocional. O *burnout* representa a cronificação de uma situação altamente stressante para a qual o aparelho psicológico não conseguiu um *coping* eficaz. Tratando-se de uma expressão de sofrimento, geralmente associada ao trabalho, com consequências biopsicossociais negativas para o indivíduo, acarretando adoecimento, distúrbios de ordem relacional, prejuízo à qualidade de vida e ao serviço prestado pelo profissional (VASCONCELLOS, 2017).

Segundo Pereira (2017), a síndrome de *burnout* se desenvolveu lenta e silenciosamente por um longo período. Sendo mais uma patologia silenciosa que afeta o ser humano em sua totalidade trazendo consequências físicas e psicológicas. Os pesquisadores Herbert Freudenberger, e sua colega Gail North, dividiram o processo em 12 estágios, que podem se

sucedem, alternar-se ou ocorrer ao mesmo tempo (PEREIRA, 2017). Estes estágios do desenvolvimento da síndrome de *burnout* são:

1) necessidade de se afirmar profissionalmente; 2) intensificação de esforços no afã de alcançar reconhecimento; 3) descaso com às próprias necessidades; 4) recalque de conflitos com a profissão e instituição; 5) reinterpretação de valores, estabelecendo primazia aos relacionados com o trabalho; 6) negação de que esteja tendo problemas; 7) reclusão social, passando a viver apenas o trabalho; 8) mudanças evidentes de comportamento no âmbito institucional e privado; 9) despersonalização ou rompimento do contato consigo mesmo e com os outros; 10) vazio interior, que passa a ser compensado com medicamentos, drogas, álcool; 11) depressão, indiferença, desesperança; 12) esgotamento profissional ou colapso físico e psíquico (VASCONCELLOS, 2017, p. 291).

Outros teóricos e pesquisadores desse tema apresentaram suas contribuições com outras propostas de análises dos sintomas da síndrome de burnout, como Edelwich e Brodsky, que na década de 1980, desenvolveram outra teoria para explicar a síndrome de burnout. Segundo Gil-Monte (2006 *apud* Pereira, 2017), são apontadas quatro fases na síndrome de sofrimento psíquico no trabalho:

1. Entusiasmo: É a fase de excesso de entusiasmo dos indivíduos, onde ocorre uma grande ilusão amorosa e expectativas irreais sobre o trabalho;
2. Estancamento: caracteriza-se pela mudança de foco de outros interesses: amigos, família, viagens para conhecer lugares, para dedicar-se ao trabalho;
3. Frustração: nessa fase ocorrem dúvidas e perguntas recorrentes sobre se vale tanta dedicação ao trabalho que está executando, se existe o sentido em colaborar demais quando estes não auxiliam em nada. Os obstáculos crescem demasiadamente e decrescem as forças e energias vitais para transpô-los. Podendo nessa fase aparecer problemas emocionais, fisiológicos e comportamentais;
4. Apatia: é um mecanismo de defesa frente à angústia de frustração. Neste período os trabalhadores fazem o mínimo de suas tarefas, evitam inovações, mudanças ou novidades. Desejam a estabilidade como sinônimo de estagnação e morte.

Na entrevista com o pastor 1, informou sobre o cansaço que sofria em ter que relacionar o trabalho secular (termo usado para se referir ao serviço profissional desempenhado na empresa que trabalhava, de onde provia seu sustento), com as atividades na congregação eu pastoreava, o mesmo descreve que:

Chegava correndo em casa, me arrumava e já ia para a congregação. Não tinha tempo de jantar antes do culto, e quando ia jantar depois do

culto era ruim para mim também. Tudo isso esgota o pastor, esse stress me trouxe manchas, cansaço e cheguei a ter vergonha de representar o pastor setorial pelas manchas que tive no rosto devido ao stress, fiquei doente (PASTOR 1, entrevista pessoal, 28. jun. 2020).

Os relatos do pastor sobre a demanda de trabalho no seu serviço e na igreja, revelam como todas as atividades que precisava desempenhar para ter êxito na congregação e ainda está mantendo o sustento da sua família ao dedicar-se ao seu trabalho no período da manhã e tarde, foram fatores causais para o adoecimento do referido pastor. Neste instante, o pastor de fato chegou ao esgotamento, sofreu da queima de suas forças e de sua energia. O Pastor 1 (entrevista pessoal, 10. dez. 2019), diz que: “Todo o trabalho realizado era com dedicação e amor a congregação, fazia com o desejo de ver a obra crescer”. Essa dedicação intensa, era iniciada com os anseios altruístas e caridosos, onde todo o esforço canalizado naquela congregação, seja nos trabalhos de visita aos membros, nos cultos, nas reformas do local de reunião da comunidade religiosa e nas demais atividades, são marcados por virtudes e sentimentos de coletividade e de cuidado com o próximo, mesmos os trabalhos de caridade e de cuidado com o próximo estão sujeitos ao esgotamento físico, mental e emocional.

Considerando sobre as definições da síndrome de burnout, Almada (2019), comenta o histórico analítico e que é explicado por um exemplo concreto da queima de um palito fósforo, da teoria da síndrome do esgotamento:

Freudenberger estava convencido de que as pessoas idealistas, ingênuas, otimistas, em suma, “boas”, se entregavam a seu trabalho excedendo as próprias possibilidades pela necessidade inconsciente de terem uma imagem positiva de si mesmas. Essas pessoas poderiam ser comparadas a fósforos que primeiro, quando riscados, se acendem vivamente em seguida, sustentam uma chama fraca por pouco tempo e, finalmente, se apagam. Sabemos muito bem quão inútil é um fósforo queimado (ALMADA, 2019, p. 26-27)

Este esgotamento enfrentado por todos os profissionais que se dedicam sem limites e cuidados aos seus afazeres profissionais, representam um perigo para o trabalhador em todas suas instâncias físicas, mentais, psicológicas e espirituais. Todo seu ser é comprometido, os trabalhos consomem suas forças, e sua energia vital é queimada não apenas pelo trabalho, mas por sua ausência de cuidado com sua saúde e de priorizar seu bem-estar e dos que fazem parte de suas relações interpessoais, como a família, parentes e amigos. No caso dos pastores da Assembleia de Deus, a síndrome do esgotamento tem avançado em meio a esta classe de trabalhadores, por não haver um cuidado de instrução e orientação sobre como deve ser o regime e rotina de trabalho deste líder religioso e ainda por terem grande demanda relacionada as questões emocionais e psicológicas, os ministros religiosos se submetem a difíceis atividades

diárias, que exigem de seu emocional e de esforço contínuo com pouco apoio da liderança e de compreensão dos liderados sobre a necessidade de descanso e cuidado com o pastor.

3.1.1 Causas da síndrome de *burnout*

Os fatores causais para o adoecimento devido a síndrome de *burnout* estão normalmente ligados ao trabalho e responsabilidades das atividades desempenhadas por todos os sujeitos que compõe a sociedade. E, havendo um comprometimento de realizar estes serviços, todos as pessoas envolvidas realizam movimentos para alcançarem esses objetivos e terem êxito em seus projetos, e com isso, os sujeitos se submetem a processos que exigem extrema dedicação, horas de produção que o impedem de descanso, ausência de alimentação adequada e com um período curto para as refeições, envolvendo ainda, poucos cuidados com a saúde física e psicológica. Conforme aponta Mérzeville (2018, p. 41),

Toda atividade pressupõe alcançar êxitos e objetivos, muitas vezes exigentes e difíceis de serem atingidas, esperados do trabalhador ao longo do tempo. Da mesma forma, os efeitos da frustração acumulada em muitos trabalhos podem produzir consequências devastadoras nas diferentes dimensões do ser humano. Isso pode levar a cair numa situação conhecida como síndrome de desgaste ou *burnout*, ou também chamada síndrome de queimar-se pelo trabalho, desgaste ocupacional, esgotamento profissional, síndrome do cansaço emocional e outros.

Nas entrevistas realizadas, fora registrado que os pastores assembleianos traziam em suas respostas em unanimidade que: as demandas da igreja, os trabalhos secular, às responsabilidades familiares e a vida pessoal do pastor, eram importantes nas questões da saúde mental e psicológica dos pastores da Assembleia de Deus. Em algumas das entrevistas ficou mais notório nas falas dos pastores, de como às demandas da igreja colaboram para o adoecimento psíquico quando esses pastores não têm um apoio e uma estrutura para realizarem seu trabalho com dedicação integral à igreja, pudemos constatar isso com os dados coletados na entrevista com os pastores de tempo parcial.

O Pastor 1 (entrevista pessoal, 28. jun. 2020), que tem um trabalho secular e pastoreou congregações por mais de 10 anos, e no período da entrevista fazia cerca de alguns meses que estava se tratando em casa por conta do adoecimento devido o excesso de trabalho, consequência das atividades secular, trabalho na congregação e suas responsabilidades familiares. Ao ser indagado se os trabalhos da igreja influenciam no adoecimento dos pastores, respondeu:

Sim, os trabalhos da igreja influenciam no adoecimento psíquico dos pastores. Pois devido os trabalhos do setor, as questões que temos que resolver na congregação, como dificuldades nos departamentos, sejam de jovens, senhoras, obreiros. Como situações que geram conversas, brigas, ciúmes e invejas. Tudo isso são questões que o pastor tem que resolver. Seja a igreja grande ou pequena, os trabalhos existem”. (PASTOR 1, entrevista pessoal, 28. jun. 2020).

O pastor 3, comentando sobre as demandas enfrentadas pelo pastor nos trabalhos da congregação, comenta que:

Em uma congregação não tem um calendário de trabalho, todos os dias é algo novo. Se faz um calendário para os eventos, mas não para os trabalhos para o pastor realizar, sempre tem serviço, aconselhar, visitar, ajudar um necessitado, um casal, um jovem. O povo assembleiano aprendeu a levar tudo para o pastor. É muito trabalho e assim, tudo na igreja é somatizado, O trabalho do pastorado é muito complexo” (PASTOR 3, entrevista pessoal, 09. mai. 2020).

Todos estes dados coletados e registrados, revelam como as atividades do ministério são ampliadoras e acrescentam uma carga extremamente pesada para o pastor no exercício do pastorado e influenciam na sua vida pastoral, familiar e pessoal. As demandas que surgem no trabalho do pastor, são situações variáveis, amplas em muitos casos, por envolverem mais de uma pessoa, às vezes casais e famílias inteiras e questões que o pastor atua em que toda a comunidade onde está situada a congregação tem conhecimento do respectivo caso, e a preocupação para que tudo se resolva bem, para que não ocorra nenhum mal-estar, levam o pastor além de buscar meios de resolver os problemas, ainda ter que lidar com toda ansiedade, anseios, medos e problemas trazidos pelos membros para que o mesmo ajude na busca de uma solução.

O adoecimento dos ministros religiosos, é um fator correlacionado com as demandas do trabalho e ainda pela ausência da preparação dos pastores para as questões que serão enfrentadas no desempenho do ministério pastoral, onde o mesmo tem uma visão do pastorado quando exerce uma função de obreiro, líder de departamento ou membro. Porém, ao assumir o pastorado de uma congregação, sente temor e preocupações pelas situações trazidas ao mesmo, sentidas por sua família e os problemas que têm que resolver. Como bem aponta um entrevistado: “Sobre ser pastor, tinha uma visão diferente, após assumir a primeira igreja senti algo amedrontador” (PASTOR 3, entrevista pessoal, 09. mai. 2020).

Conforme Dejours (2018, p. 139),

O medo aumenta com a ignorância. Quanto mais a relação homem/trabalho está calcada na ignorância mais o trabalhador tem medo. São mais duramente atingidos os que são novos no trabalho, totalmente desarmados face um mistério e a um risco mais indefinido”.

Às preocupações a respeito do pastorado descrita por esse entrevistado e por outros, apontam como a necessidade de orientações antes do exercício na liderança de uma igreja, é fundamental para a promoção da saúde psicológica dos pastores e na contribuição de um pastorado que pode contribuir melhor com a membresia e a instituição religiosa.

Ao ser perguntado ao entrevistado como ele percebeu que não estava bem e se houve algum evento que o levou a buscar ajuda médica ou profissional, o Pastor 1 (entrevista pessoal, 10. dez. 2019), conta que:

Certo dia eu estava indo ao trabalho dirigindo o meu carro, e já sentia muitas dores de cabeça, mal-estar no corpo, ficava irritado e sentia muito cansaço, sentindo algo ruim dentro de mim. Eu só lembro que parei o carro na marginal e fiquei ali, e esqueci o que iria fazer, não sabia para onde ia, não lembrava o nome de ninguém, nem da minha esposa. Até que uma pessoa foi até a janela, perguntou se eu estava bem. Eu lembro de dizer que não, em seguida este rapaz, junto com outras pessoas empurrou o carro para um posto de gasolina, pois eu fiquei parado dentro do carro, suando e com dor de cabeça. No posto ele pediu meu celular e ligou para minha esposa, no início ela nem acreditou. Pois eu perguntei quem era, depois eu perguntei se havia alguma maneira de eu ir para casa, e ela disse que havia o nome casa salvo no GPS, eu fui seguindo o GPS para o endereço de casa e ao chegar a minha família já me levou no médico.

O adoecimento dos pastores se agrava pelas altas demandas de trabalho, responsabilidade nas atividades do pastoreio, trabalho secular, assistência a família, ausência de experiência nas obrigações do pastorado, conflitos pessoais e a falta de apoio na assistência a saúde psicológica e emocional. Ao enfrentarem todas às dificuldades que circundam sua existência, o pastor revela como é uma figura frágil neste processo. Assim como o Pastor 1, outros pastores entrevistados demonstraram que o momento que buscaram ajuda foi quando não tiveram mais condições de exercer o pastorado, chegaram ao limite, apresentando sintomas que ficaram evidentes a urgência de um apoio médico e psicológico. As percepções dos resultados encontrados confirmam às perspectivas da necessidade de serem desenvolvidos trabalhos de prevenção para um cuidado eficaz no tratamento e apoio de pastores que sofrem da síndrome de *burnout*.

3.2. O stress como precursor do *burnout*

Os seres humanos sempre estiveram submetidos a situações de stress em todas as épocas e períodos, o stress sempre permeou a sociedade. Todas às gerações tiveram o desafio de enfrentar um meio ambiente complexo e estressante, sendo extremamente difícil, escapar dos

efeitos psicológicos e fisiológicos das dificuldades do viver do cotidiano (MÉZERVILLE, 2018).

O termo stress pode ser entendido como o estado que uma pessoa sofre frente à muitas exigências as quais deve responder num período limitado, quando a pessoa se dá conta e não dispõe de tempo suficiente para cumprir suas tarefas, começara a experimentar sensações físicas, pensamentos e emoções desagradáveis, quadro ao qual chamamos “estar estressado” (MÉZERVILLE, 2018).

Segundo Morris (1992), as principais fontes de stress são a pressão, a frustração e o conflito (*apud* MÉZERVILLE, 2018). Essas circunstâncias de pressão, frustração e conflitos fazem parte dos sentimentos de um pastor assembleiano, quando ele se sobrecarrega de serviços e atividades no trabalho pastoral; por não conseguir atender a agenda e os inúmeros pedidos dos membros que lidera ou da liderança que exige sua participação nas atividades do ministério e resultados no setor ou congregação que lidera, o mesmo sente-se pressionado.

Surgindo frustração por não conseguir exercer o pastorado perante as exigências da igreja e da liderança, e por não conseguir tempo para cuidar de si mesmo, como descanso, tempo com a família e para si próprio. Gerando então conflitos, a partir de pensamentos e emoções relacionados ao grau de satisfação com o trabalho, ausência de ajuda e compreensão dos líderes, liderados e da família, e uma busca por solucionar todos esses problemas por meio de mais trabalho. Não percebendo suas necessidades de cuidado com sua saúde psicológica e fisiológica.

Os efeitos psicológicos do stress são:

O estresse afeta o cérebro em nível fisiológico e condutor, produzindo sintomas psicológicos tais como irritabilidade, fadiga intelectual, dificuldade de concentração, vazios de memória, queda do rendimento intelectual, bloqueios mentais, propensão a sofrer acidentes, confusão e tendências aditivas. A permanência desses efeitos pode levar a transtornos psíquicos ainda mais graves, como depressão, os transtornos do sono, esquizofrenia, ansiedade, angústias, fobias e transtornos de alimentação (MÉZERVILLE, 2018, p. 31).

Nas questões relacionadas ao stress no trabalho, que tem relação com a síndrome de *burnout*, observamos que devido às atuais condições da vida profissional e da cultura do trabalho na perspectiva neoliberal, onde às exigências e demandas são altíssimas para todos os profissionais, os sintomas e os efeitos do stress e da síndrome de *burnout* tem aumentado exponencialmente em pessoas das mais variadas áreas do mercado de trabalho. Incluindo neste espectro, os ministros religiosos, conforme Bomfim e Filipe (2020), profissionais das áreas executivas e administrativas, têm sofrido por este esgotamento físico e mental, resultado da

precarização do trabalho na contemporaneidade. Sendo um tema que tem sido discutido por vários profissionais, e preocupado empresários e corporações tanto na questão empregatícia, como nos resultados de suas empresas.

Explicando sobre o termo Stress, Serra (2011, p. 12), diz que: “O termo stress provém do verbo latino *stringo*, *stringere*, *strinxi*, *strictum* que tem como significado apertar, comprimir, restringir”. O stress no ministério pastoral é resultado das tarefas que oprimem o pastor e este não consegue recorrer a um apoio para respirar e ter apoio nas soluções de seus próprios problemas. Embora o pastor possa contar com a ajuda de alguns membros da igreja para resolver alguns dos conflitos, dificuldades e a realização de projetos. Existem situações trazidas ao pastor que o mesmo terá que resolver sozinho, ampliando suas tarefas e responsabilidades, sendo um peso emocional-psicológico que produz forte pressão para o pastor e o mesmo terá como resposta uma tensão. Trazendo um exemplo mais simples de um dos pontos do conceito de Tensão, Serra (2011), discorre na seguinte perspectiva:

Em relação ao conceito de stress há uma influência importante trazida dos princípios da engenharia exposto por Robert Hooke no século XVII. Ao levantar uma questão prática – de como as estruturas construídas pelo homem, tais como as pontes, devem ser projetadas para resistir a cargas pesadas e aos efeitos de ocorrências naturais (ventos, tremores de terra e outras forças da natureza) – referiu que a análise do problema deve ter em conta três fatores essenciais. Um deles a carga, que diz respeito a força externas, tais como o peso. Outro, o stress (a pressão) que a carga desencadeia na estrutura da ponte em que está aplicada. Um último, a strain (tensão) que constitui a resposta da estrutura, ou seja, a deformação que é produzida pela ação conjunta da carga e do stress (SERRA, 2011, p. 12-13).

Porém, Serra (2011), ainda explica que tratar sobre o stress, é ampliar às análises e percepções sobre este fenômeno, pois não se pode tratar este tema apenas em uma perspectiva linear. Pois o ser humano é um ser pensante, que se envolve em processos de avaliação. Embora desenvolva um estado de tensão quando sente uma carga excessiva, o processo não acaba aí, não fica estático. Existe uma interação de duplo sentido que se estabelece entre o indivíduo/meio ambiente e o meio ambiente/indivíduo que vai determinando as consequências e a evolução da resposta. Devendo ser considerado que as circunstâncias que envolvem o stress podem ser de natureza física, psicológica e social.

Na pesquisa com pastores, é preciso considerar que o stress é o resultado das demasiadas atividades desempenhadas pelo pastor que exercem uma pressão em sua integralidade. Sendo necessário ampliar a compreensão a partir deste histórico de vida do ministro religioso além da fronteira ministério pastoral. Considerando os fatores externos e internos que são de importância para este sujeito pastor, e como estas interferem em suas ações e percepções sobre

a vida pessoal, familiar, religiosa e social. Levando em consideração os fatores causais do stress do pastor pelas pressões exercidas contra sua vida e suas influências na conduta e práticas no seu cotidiano e obrigações pastorais e seculares, como o trabalho e cidadão na sociedade em que vive.

3.3. O esgotamento dos pastores assembleianos: um panorama da origem, efeitos e consequências

Um dos apontamentos sobre a origem da síndrome do esgotamento desenvolvido por pastores da Assembleia de Deus em São Paulo, consideramos a carga horária tripla realizada pelos pastores como um dos fatores causais de sintomas da síndrome de *burnout*. Como diz o Pastor 5 (entrevista pessoal, 01. jun. 2020), “O pastor tem jornada tripla, igreja, trabalho secular e cuidado familiar. E por estar muito atarefado não consegue fazer um trabalho sem deixar a desejar”. O entrevistado aponta como a alta demanda de atividades em sua vida, limita a capacidade de conseguir o êxito ideal nos trabalhos realizados e tais preocupações provocam preocupações que alimentam a busca exaustiva em realizar ações na igreja que ajudem a fazer o trabalho crescer.

A necessidade de se auto afirmar no ministério como processo potencializador da síndrome de *burnout*, pode ser observado em registros das entrevistas realizadas. Onde os pastores entrevistados (todos os 6 pastores), dizem que no início do trabalho na congregação você busca mostrar resultado, fazer o melhor, arrumar o que precisa ser feito, visitar as pessoas que estão ausentes da congregação, pregar bem, estudar, orar, jejuar, atender aos membros, procurar ajudar no que for possível, pois busca alcançar resultados tanto para que a congregação cresça, quanto para que a direção geral do ministério reconheça seu trabalho.

Constatamos que na busca por divulgação do seu trabalho e no interesse de mostrar resultados para a membresia, direção do ministério e o meio social de pastores, obreiros e membros que o cercam na denominação. Isto ainda somado aos seus interesses, aspirações e perspectivas pessoais e às influências familiares, os pastores dedicam-se demasiadamente em uma busca desenfreada e sem limites nos resultados que possam colaborar para ele exercer posições e cargos ainda mais elevados. Constituindo uma díade, que é: exigências da instituição e aspirações do próprio pastor na carreira eclesiástica. Esta dedicação intensa colabora no adoecimento psíquico de ministros com a síndrome de *burnout*.

Como aponta Mézerville (2018), no exercício do sacerdócio, existe uma autoexigência, pressa excessiva, perfeccionismo ou a crença de que as pessoas valem pelo que fazem, e não

pelo que são. Sendo necessário superar estes estigmas de utilitarismo e autorrealização pós-moderna, não vivendo se auto-pressionando, com condutas de auto exigência, presa e perfeccionismo (MÉZERVILLE, 2018).

Considera-se ainda que estas exigências do ministério e da igreja (membrosia), que também querem resultado do pastor. O qual este consiga cumprir as tarefas da instituição tanto no aumento de renda, número de pessoas na congregação, informações detalhadas, com explicações sobre o relatório financeiro ou questões administrativas. Não existindo um apoio ou assistência para saber como o pastor está, como estão seus filhos e/ou filhas, esposa e a própria congregação. No caso, se a igreja precisa de algo, não existindo um interesse nem de saber como aquela filial se encontra (uma queixa que a sede do setor ou ministério não se preocupa em saber como está a filial e o pastor dela). A maneira que são realizadas todas estas cobranças fazem com estas questões burocráticas tornem-se nocivas, e colaborem no adoecimento dos pastores dirigentes de congregações.

Quando os pastores sofrem com seus problemas eles não são procurados para receber ajuda. O ministério não está se preocupando com os pastores. O ministério está preocupado com dinheiro. Quando fui procurado foi para ser cobrado. Falar que a renda caiu, que você fez uma reforma e está gastando muito. Fui procurado apenas para questões financeiras. Nunca fui procurado para ser escutado, perguntar saber como estava minha família e minha vida pessoal (PASTOR 5, entrevista pessoal, 01. jul. 2020).

As consequências das altas demandas de atividades vivenciadas por estes ministros, são pastores que apresentam sintomas da síndrome de *burnout* e com isso não conseguem desenvolver seus trabalhos na congregação e suas vidas na esfera familiar, social e do trabalho secular, passam a sofrer terríveis dificuldades. Onde o pastor e sua família sentem na pele os resultados da exaustão física, mental e psicológica sofrida pelo pastor no exercício do pastorado, as quais causam desgastes em todas às instâncias da vida do ministro pentecostal que desempenha o pastorado.

3.4. Do fogo do “espírito” para queimados pelo fogo do esgotamento

Se um dos significados do *burnout* é estar queimado pelo “fogo do esgotamento” (Mézerville, 2018). Os pastores da Assembleia de Deus são usuários desta expressão ao tratarem sobre suas mensagens e credos com ênfase ao batismo no Espírito Santo (ser batizado com fogo), em uma referência ao registro do livro de Atos dos Apóstolos, onde se usa a expressão: “línguas repartidas, como que de fogo” (BIBLIA, At. 2.2). Sendo uma expressão

usada pelos Assembleianos ao se referirem o batismo no Espírito Santo, que trata sobre a descida do Espírito Santo, sendo parte do credo assembleiano (SILVA *et al*, 2017). Alguns pastores entrevistados e em reuniões assistidas pelo pesquisador, era comum ouvir expressões e mensagens onde eles dizem: “É preciso que o pastor seja cheio do fogo do espírito”⁸. A relação da palavra fogo e o movimento pentecostal, é presente no discurso dos pregadores desde os primórdios do movimento de santidade que influenciou o despertar missionário e o chamado avivamento pentecostal do século XX, surgido nos Estados Unidos e que se espalhou por várias do mundo (HYATT, 2018).

Porém, esta mensagem de fogo pode servir como uso de um trocadilho em nossa pesquisa, ao chegarmos no século XXI, e encontrarmos pastores *queimados* pelo stress, e pelo esgotamento por conta do trabalho do pastor e ausência de cuidados com a saúde mental dos ministros pentecostais e de outras vertentes religiosas em geral. Podemos apontar que se a crença doutrinária dos pastores assembleianos cita o fogo como um elemento natural para explicar um registro do livro canônico de Atos, e confirmado no credo doutrinário. Encontramos a relação da palavra inglesa *burn* (queima), para se referir aos pastores que estão queimados pelo fogo do trabalho pastoral. E, estas situações que produzem o esgotamento são acompanhadas de sintomas que dificultam ou impedem a realização do trabalho eclesiástico.

Em uma das entrevistas realizadas, o Pastor 3 (entrevista pessoal, 09. mai. 2020), comenta que: “O meu corpo sentiu, eu engordei, tive problemas de pele. Tive início de trombose, estava fazendo Uber por estar desempregado, e não cuidava da minha saúde, os problemas de pele era por conta do stress”. Outros dados coletados sobre os sintomas da síndrome do esgotamento, foi a entrevista com o pastor 1 (entrevista pessoal, 10. dez. 2019), que disse: “Sentia dores de cabeça, fiquei com manchas na cabeça, não dormia bem, ficava irritado com qualquer coisa e tive problemas de esquecimento”.

Alguns dos sintomas da síndrome de *burnout*, registrados nas entrevistas foram: esquecimento, sudorese, cansaço extremo, dores de cabeça aguda, manchas na pele, aumento ou perda de peso excessivo, dificuldades de aprendizagem, alteração brusca de humor, problemas de relacionamento, dificuldade de concentração, ansiedade exacerbada, esquecimento, tremores, sono durante o dia e/ou insônia. E o cansaço registrado pelos pastores nas entrevistas do Pastor 1 e 3, tornaram-se crises psíquicas que tiveram interferência em sua saúde mental e fisiológica. Como bem aponta Seligmann-Silva (2011, p. 525): “O quadro

8 Informação oral registrada em maio de 2020. Cf. (SILVA, Org., 2017).

clínico da síndrome do esgotamento profissional apresenta como manifestação central uma exaustão que eclode de modo aparentemente brusco, sob forma de uma crise”.

A exaustão sofrida pelos pastores entrevistados, o fizeram perder por um momento a condição ideal ou necessária para o desempenho do ministério. Destes entrevistados, dois foram buscar ajuda médica: o Pastor 1 teve que se ausentar da direção da igreja por um período; o Pastor 3 teve dias de descanso e diminuiu o ritmo de trabalho, dedicando um tempo para sua saúde e seus familiares. As consequências da *queima* por conta do trabalho exaustivo, é fator que adoece o trabalhador fisicamente, mentalmente e emocionalmente. Trazendo consequências que necessitarão de cuidados e apoio na esfera clínica, social e espiritual. Havendo uma necessidade de ampliar todo o cuidado do pastor, a partir de lentes da saúde que contemplem todos os aspectos do ministro religioso. Valorizando sua fala e compreendo que sua percepção tem da vida em si, do enfrentamento da síndrome do esgotamento e de seus anseios frente ao ministério, vida pessoal, familiar e social.

3.5. A importância do cuidado da saúde mental dos ministros pentecostais

Os pastores da Assembleia de Deus em São Paulo e em todo o Brasil, fazem parte de um grupo conservador no meio religioso brasileiro, onde os costumes são colocados como uma exigência divina, com práticas que se tornam mandamentos e obrigatoriedades nesta classe. Quando se trata de práticas voltadas para a saúde mental, observa-se ainda uma resistência por parte de pastores mais velhos e que carecem de maior informação sobre psicologia, psiquiatria ou áreas afins. Um exemplo, é a fala de um pastor entrevistado, que ao ser perguntado sobre qual sua opinião sobre o adoecimento mental de pastores, o mesmo responde: “Irmão, esse negócio de depressão, tristeza ou estar doente da cabeça, é falta de oração, a pessoa não está bem com Deus, é o que eu penso” (PASTOR 4, entrevista pessoal, 30. jun. 2020).

A fala do respectivo entrevistado, reflete bem a percepção que muitos pastores ainda possuem sobre a necessidade de ensiná-los a respeito da importância com o cuidado da saúde mental. Esta compreensão limitada sobre a necessidade de cuidado com os pastores no tocante a saúde psicológica, decorre de uma ausência de saber sobre o conceito de saúde, onde os mesmos recorrem a ajuda médica quanto a necessidades fisiológicas, porém, possuem estas falas de negacionismo no que se refere a apoio psicológico e psiquiátrico. Esta compreensão da necessidade de valorizar a importância no cuidado mental, se inicia a partir da percepção sobre o trabalho e seus desdobramentos na vida dos sujeitos. Como bem aponta Seligmann- Silva (2011, p. 35):

Há, porém, uma outra instância social que, na atualidade, passou a ser examinada com maior atenção quanto a seu papel no processo saúde-transtorno mental. Essa instância é o trabalho, que, em diferentes circunstâncias, preside à constituição de formas de desgaste mental e mal-estar, cujo estudo sistematizado configura, por sua complexidade, um território especial de pesquisas. O trabalho, conforme a situação, tanto poderá fortalecer a saúde mental quanto a vulnerabilizá-la e mesmo gerar distúrbios que se expressarão coletivamente e no plano individual.

Vários fatores aumentam as exigências no trabalho desenvolvido pelos ministros pentecostais e que podem influenciar no esgotamento, sendo mais urgente ainda a necessidade do apoio e assistência terapêutica. A orientação de um profissional da saúde, além de contribuir na promoção de prevenção, cuidado e tratamento clínico-terapêutico, fornece instruções que terão grande valia para o pastor na organização do seu tempo de trabalho, métodos de relaxamento, assistência familiar e apoio psicossocial. Os pastores da Assembleia de Deus em São Paulo entrevistados, apresentaram dificuldades em situações de cuidado familiar, organização de modo de trabalho da assistência fornecida aos que buscam ajuda e um melhor cronograma para a organização e separação das atividades da igreja e de sua vida pessoal, familiar e social.

Ao perguntarmos para os pastores de tempo parcial sobre como eles organizavam seu tempo nas demandas de suas responsabilidades na congregação e no trabalho secular⁹, e se havia um tempo para descansar, as respostas de alguns entrevistados foram às seguintes:

“Todos os pastores deveriam ter dedicação exclusiva aos membros, e haver uma reciclagem para o apoio pastoral. Um apoio para a vida secular do pastor o faria ter uma dedicação maior e melhor para a igreja” (PASTOR 1, entrevista pessoal, 28. jun. 2020).

Pastor 3 (entrevista pessoal, 09. mai. 2020) testemunha que: “No dia que eu me sentei para brincar com minha filha, a menina chorou. Depois de 2 anos e meio, é que fui brincar com ela, isso ocorreu, após um curso que é chamado: ‘Pais para toda vida’. Aí percebi que cuidava de todas as crianças da congregação, mas não cuidava da minha filha”.

Um pastor que enfrentou um divórcio, após toda a situação que ocorreu com o mesmo, este um dia conversando com o Pastor 3, disse ao mesmo: “Minha esposa, me falou: eu não sou casada com um marido, mas com um pastor” (entrevista pessoal, 09. mai. 2020).

⁹ Usa-se este termo para falar de seus trabalhos profissionais. Também se referindo a serviço material por explicarem suas funções na igreja como trabalho espiritual.

Esta crise da ausência da organização do tempo de assistência familiar, cuidado com si próprio e interação social como um sujeito na sociedade, se despiando da função de pastor por um momento e sabendo que mesmo como ministro religioso, o sujeito pastor deve e merece um momento de repouso, descanso, descontração e espaço de intimidade familiar. São situações que afetam os pastores, e produzem maior desgaste no trabalho do pastor em si, como um dos principais fatores do desgaste mental, emocional e físico dos pastores.

O exercício sacerdotal se tornou cada vez mais difícil e complicado. As exigências crescentes da demanda social incrementaram o esforço, a tensão e a sobrecarga diária que o sacerdote deve enfrentar. A relação com os fiéis, o contato com os que sofrem ou morrem, a responsabilidade pela saúde espiritual de terceiros, uma jornada de trabalhos e horários que se estendem muito mais que a de qualquer outro cidadão, o enfrentamento de situações muitas vezes insolúveis, a situação de solidão em que muitos deles vivem, além de situações organizacionais inadequadas, disfuncionais e até não equitativas formam um panorama frequente nessa coletividade (MÉZEVILLE, 2018, p. 77).

O cuidado com a saúde mental dos pastores é uma ação necessária para que este tenha condições de fornecer o apoio ideal e necessitado pela igreja, e assim realizar com alegria a vocação do ministério. Segundo o Pastor 1 (entrevista pessoal, 28. jun. 2020), disse que um pastor do seu setor, que exerce a função de pedreiro, certa vez chegou na congregação que dirigia, e era um dia de culto de ensino, e disse o seguinte: “Irmãos, hoje o que eu tenho para oferecer a igreja é: areia, cimento e tijolo”. O pastor falou isso, pois passou o dia trabalhando e não teve tempo para estudar a Bíblia e poder fornecer a Igreja um ensino mais substancial naquela noite, e, se o pastor já estava cansado por conta do trabalho, a situação de falar isso no púlpito, é um ato de pedido de compreensão pelo cansaço sentido por seu corpo, mente e psicológico.

A assistência que os pastores pentecostais precisam no apoio psicológico e a importância do trabalho terapêutico com esta classe, visa ampliar a percepção sobre o que é o cuidado psicológico em todas suas instâncias e suas nuances, como apoio na orientação sobre uma organização de vida, nos aspectos de tempo, atividades de trabalho secular e serviço pastoral, assistência a família e o cuidado com si próprio. A valorização e incentivo do trabalho terapêutico, fornece ao pastor cuidado, saúde e bem-estar para si e para o meio familiar, social, comunidade religiosa e sua construção de perspectivas pessoais e coletivas.

3.6. A contribuição da Logoterapia como proposta de cuidado com os pastores: perspectivas teóricas

O campo da Psicologia no âmbito terapêutico e seus mecanismos de atuação clínica são amplos e variados. Dentre estas áreas, abordagens e ciências, temos a Logoterapia, que é uma teoria de trabalho com proposta terapêutica a partir da busca do sentido da existência e a valorização dos credos, da presença da divindade e do sentido do ser, da liberdade e valorização da integralidade do ser humano (FRANKL, 2011; FRANKL, 2019a; FRANKL, 2020). Essa construção é desenvolvida pelo psiquiatra Victor Frankl, sendo conhecida como a terceira escola vienense de proposta e atuação teórica, clínica e terapêutica (ALMADA, 2019; FRANKL, 2020).

A proposta da Logoterapia tem sua base a partir de Viktor Frankl (1905-1997), um homem que sobreviveu a duas guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945), e na Segunda Guerra, teve a dolorosa experiência de ser prisioneiro em um campo de concentração (FRANKL, 2019). Como bem apresenta Almada (2019), Viktor Frankl se auto definiu como aquele que encontrou o sentido da própria vida ajudando os outros a descobri-lo. Sua experiência de vida transcorre ao longo de quase todo o século XX, e suas experiências enriquecem suas pesquisas e propostas teóricas. Discorrendo em uma breve apresentação sobre o terapeuta fundador da chamada terceira escola vienense de psicoterapia, Almada (2019, p. 65), escreve às seguintes palavras:

Se imaginarmos que um sobrevivente dos campos de concentração expressará em seu rosto sinais de sofrimento e de justificados ressentimentos, com Frankl teremos uma surpresa: sua expressão facial denota um bom humor inquebrável. Se pensarmos que um palestrante famoso com mais de trinta títulos de doutor honoris causa e fundador de uma escola de psicoterapia irá nos cumprimentar com ar de superioridade acadêmica e doutoral, agradavelmente descobriremos que não é assim; pelo contrário, ele se apresentará com a humildade de quem sente que pode aprender com o outro.

Viktor Frankl, elabora uma abordagem de trabalho com foco na valorização da experiência do outro, nas possibilidades de aprendizados integrados e na busca do sentido da vida a partir dos significados das experiências vividas. A Logoterapia compreende e contempla o sentido do ser e reconhece que a influência da crença ou da religião na construção humana é uma realidade. Porém, a Logoterapia trata da alma e não de perspectivas relacionadas a salvação da alma. Como explica Frankl (2011, p. 73), “O alvo da psicoterapia é a cura da alma (*Seelische Heilung*), ao passo que o alvo da religião, por seu turno, é a salvação da alma (*Seelenheil*)”.

Mesmo contemplando a perspectiva da divindade, do espiritual no sentido da existência, “a Logoterapia se baseia em afirmações sobre valores tomados como fatos, não em julgamentos sobre fatos tomados como valores” (FRANKL, 2020, p. 92). A proposta psicoterapêutica da Logoterapia é a valorização da fala, da experiência percebida pela consciência, da compreensão que os seres humanos constituem uma unidade nas dimensões biológicas, psíquicas e espiritual (ALMADA, 2019).

Apresentando outras perspectivas teóricas da Logoterapia, Almada (2019), comenta que a vontade da pessoa é livre para escolher realidades mais ou menos significativas para a vida, não sendo discutidos um relativismo moral situacional. Frankl pensa em valores objetivos universais, que se articulam numa hierarquia. Na compreensão da dimensão espiritual, explica que esta marca o específico do ser homem ou mulher. A pessoa deve ser conhecida e amada nessa dimensão. Comenta que a busca do sentido da vida pode ser frustrada e reprimida, sendo chamada essa situação de vazio existencial. Muitas são suas causas, embora o espírito não fique doente, ele se deixa conduzir pela existência (ALMADA, 2019).

Considerando outros conceitos trabalhados pela Logoterapia, aprendemos que:

O ser humano transcende-se a si mesmo em favor de outro ser humano que necessite dele, mediante a virtude do amor. Transcende também ao realizar uma tarefa ou aderir a um valor. Ser pessoa significa ser autotranscendente [...] podemos nos distanciar das preocupações com risadas e humor. O homem por causa da liberdade da vontade, pode distanciar-se de qualquer situação e também de si mesmo. Ele é capaz de elevar-se acima de qualquer fenômeno condicionante [...] A liberdade, segundo Victor Frankl, está intimamente ligada à responsabilidade; de fato o homem é “livre de...” seus condicionamentos, ao mesmo tempo em que é “livre para...” ser responsável pela ordem e realização de valores [...] Nossa existência presente não está condicionada somente pelo passado, mas também pelo que desejamos ser no futuro. Frankl propõe fundamentar a certeza do sentido da vida no passado, que ele apresenta como realidade eterna, indelével e, portanto, não transitória (ALMADA, 2019, p. 72-73).

A Logoterapia amplia a discussão e o trabalho terapêutico para o que chamamos de dimensão espiritual do ser humano,

A logoterapia convida a psicologia a considerar a dimensão espiritual e oferece uma prática de psicoterapia voltada para o sentido da vida visto como a motivação fundamental do homem. Para o tema que nos ocupa, o desânimo profissional, temos de considerar a maneira com que a existência encontra sentido no trabalho e de que forma a dimensão espiritual se manifesta nele (ALMADA, 2019, p. 76).

O trabalho realizado a partir da abordagem logoterapêutica com pastores, pode ser compreendido como uma ferramenta útil e que fornece novas possibilidades a partir de uma lente científica nas propostas teóricas deste material analítico, e na realização de atividades de

terapia que podem colaborar na prevenção e tratamento de ministros pentecostais frente à síndrome do esgotamento. Compreendemos que as propostas da Logoterapia na valorização do sentido da vida e da percepção da dimensão espiritual do ser humano, é um ponto fundamental para obter êxito nos diálogos e no desenvolvimento das atividades psicoterapêuticas com os sujeitos pastores.

3.6.1 O cuidado com a saúde psíquica dos pastores: apoio terapêutico

O cuidado pastoral tem dois sujeitos inseridos. O primeiro e mais importante, é o próprio pastor em si. É o cuidado do pastor com sua saúde física e psíquica. O pastor exerce a função de presbítero, de pastorear, uma atuação que tem em sua práxis, métodos e operações ímpar e única do trabalho do pastor. Parafraseando Guimarães (2017), ser pastor é um modo de ser, uma maneira de viver que comporta ao mesmo tempo buscar a Deus e dá-lo sem medida. Onde o cuidado é o objetivo da vida clerical.

Nos primórdios do cristianismo, o Apóstolo Paulo parece trazer uma alerta ao escrever para pastores que estes devem “Cuidai de vós mesmos” (BÍBLIA, At 20:17-38). Esta obra de cuidar de si mesmo, pode ser colocado neste texto como um desafio que ao ser vencido conduz o pastor a aperfeiçoar seu trabalho com o rebanho, pois pastores que se cuidam e são cuidados, cuidam melhor da igreja, dos que buscam ajuda e daqueles que necessitam de ajuda, independente da área de sua vida.

Este cuidado com os pastores, é cuidar da vida. E da vida em uma perspectiva de cuidado com os cuidadores, ou seja, cuidar dos que cuidam da vida. Essa é a missão dos pastores, cuidar de vidas. E pensar no cuidado com os seres humanos, é pensar no cuidar em todas as esferas da vida. Conforme escreve Pereira (2017, p. 25-26),

Cuidar da vida é cuidar do ser humano, integrando e compatibilizando as várias dimensões: corporal, espiritual, social, cultural, de lazer, política, ambiental e geracional. Vida que se aprimora, para si e para o outro. Vida que clama saúde física, psíquica e espiritual. Vida que exige cuidado e ternura constante.

Uma das dificuldades no trabalho com pastores é a individualidade, ou a ausência de relacionamentos de confiança que é mencionada nas entrevistas dos pastores que participaram do trabalho de campo. Um exemplo, é a fala do Pastor 3 (entrevista pessoal, 09. mai. 2020), que explica:

A ausência de ter amigos, de conversar sobre meus problemas, sem temer de ser espiritualizado o que estou passando, é uma necessidade que sinto no ministério. Eu

não tenho amigos para conversar sobre o que passei ou passo na igreja. Você é a primeira pessoa com quem estou conversando”.

Esta prática de realizar trabalhos sozinho ou de não construir vínculos que gerem intimidade com abertura para conversar sobre seus problemas foi um ponto observado nas entrevistas, os motivos como medo de se abrir com os pastores por teme ser mal interpretado, não ser compreendido, e não confiar nos pastores que fazem parte do seu ciclo para falarem de suas necessidades.

Devido essas circunstâncias, propomos uma proposta de trabalho e apoio aos pastores através de ações coletivas, ampliando a rede de cuidados coletivas, grupos de apoio entre os próprios pastores, levando aos mesmos uma compreensão e valorização da importância da existência do apoio entre os próprios pastores como mais um instrumento de auxílio na ajuda ao acolhimento, prevenção e tratamento da síndrome de *burnout*. Acrescentamos ainda como proposta, a capacitação de pastores ou membros que tem formação em Psiquiatria ou Psicologia, para o cuidado com os pastores por meio de trabalhos clínicos, servindo tanto como apoio individual, como ampliação da necessidade do trabalho terapêutico como meio para tratamento da síndrome de *burnout* e outras patologias que necessitam de assistência clínica para a promoção de saúde mental dos ministros pentecostais.

3.7. Fortalecidos na fraqueza: a resiliência através das crenças dos pastores como método e perspectiva para a prevenção e o tratamento para superação da síndrome de *burnout*

Tratar sobre a resiliência no ambiente religioso, é antes perceber uma situação muito importante no contexto dos líderes religiosos pentecostais. Que o seu trabalho desenvolvido na igreja não é parte de suas vidas, é a sua própria vida. Pois suas percepções é que estes só realizam esta tarefa porque foram escolhidos por Deus para realizá-las. “Os religiosos não vivem o que fazem como um simples trabalho; toda a sua vida está em jogo no que fazem” (ALMADA, 2019, p. 91). Consideramos ainda essa afirmação com base nas entrevistas realizadas, onde todos os seis pastores entrevistados, unanimemente, falaram sobre o chamado pastoral como uma vocação divina e este ser o principal motivo para estarem e continuarem no ministério de pastor.

A origem do termo resiliência, segundo explica Garcia (2008), é que:

Resiliência é um termo próprio da física e se refere à capacidade dos corpos responderem a choques, golpes ou pressão, comprovando a resiliência do material frente ao impacto. Mede a capacidade do corpo para recuperar-se, retroceder e

reassumir sua forma e tamanho original depois de ser comprimido, apertado, dobrado ou esticado.

Tratando sobre uma das possibilidades de compreensão do conceito de resiliência para a perspectiva da Logoterapia, Garcia (2018, p. 26), comenta que:

Na teoria logoterapêutica de Victor Frankl [...] todo ser humano tem um potencial para resistir e conta com fortalezas em seu interior que lhe permite superar situações adversas à medida que elas vão se apresentando ao longo da vida. Mais recentemente, às investigações realizadas sobre resiliência proporcionam elementos para entender, dar sentido, aprender a fortalecer e enfrentar satisfatoriamente as experiências adversas.

Este potencial presente em cada ser humano pode ser percebido na própria vida Frankl, que superando às amargas experiências do campo de concentração, tratou de resignificar as experiências de dor, como uma descoberta o sentido da vida. No trabalho com pessoas que desempenham o ministério pastoral, podemos apresentar novas formas de percepção da experiência vivida como possibilidade de reaprendizado no exercício do pastorado e na superação do esgotamento por novas práticas na direção da igreja e no cuidado com os membros a partir do aprender a cuidar mais de si próprio.

Um elemento importante para a existência da resiliência em pastores da Assembleia de Deus, é a crença em Deus como força e motivo para superação dos obstáculos e da própria situação da síndrome do *burnout*. Sendo um elemento de sentido da vida diante das crises e problemas do cotidiano e no próprio exercício do ministério. Esta fé em um Ser absoluto, pode ser compreendido como o sentido da vida que este sujeito pastor encontrou para realizar e se manter firme ou resiliente no desempenho do ministério pastoral. Este sentido segundo Frankl (2019a), pode ser motivo de tensão, mais esta tensão é um motivo prévio na busca por saúde mental na vida dos seres humanos, pois o que o ser humano necessita para compreender o sentido da vida é a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente.

Esta crença em Deus, os fazem enfrentar os desafios, às lutas e dificuldades, crendo na ação divina como promotora de solução para as adversidades enfrentadas e com base em suas crenças superadas. Podemos verificar que mesmo com as situações trazidas pelos entrevistados de estarem queimados pelo esgotamento e os sintomas da síndrome de *burnout*, os pastores encerraram suas falas que relatavam seus sofrimentos, com as afirmações de suas crenças e práticas de fé de sua religião, o pastor 1 (entrevista pessoal, 10. dez. 2019) afirma: “Só não fiquei pior pela ajuda de Deus”. Nos dados coletados do Pastor 3 (entrevista pessoal, 01.jul. 2020), diz: “Eu comecei a entender eu deveria mudar a partir de um sonho, onde Deus me falou que eu deveria me cuidar e também cuidar de minha família”.

Constatamos que a crença dos pastores é um elemento essencial para eles, tanto para o sentido da vida, para a superação das crises e para a mudança de si mesmos. Onde suas falas apontam para Deus como um guia e motivador da existência e sentindo-se agraciados por terem sido escolhidos para cumprirem essa missão. Entendemos que as perspectivas religiosas são um tema que pode servir como ponte ou porta para a realização de um trabalho preventivo e no tratamento ao enfrentamento da síndrome de *burnout*. Considerando a possibilidade da importância da crença religiosa na promoção da saúde mental, Lotufo Neto, Lotufo Jr e Martins (2003, p. 111), comentam que: “A religião pode auxiliar uma pessoa a superar suas dificuldades e estresse”. A compreensão da importância da percepção do credo religioso como um importante aliado para o trabalho terapêutico, ampliam às possibilidades de promoção de saúde mental em todas às áreas e abordagens terapêuticas.

A resiliência do ser humano parte da busca de sentido, conforme explica Frankl (2019), os pastores assembleianos encontram sentido em suas vidas na missão religiosa que realizam, e nas entrevistas podemos constatar que suas percepções sobre a vida são com base neste sentido do transcendente, que existe um limite na vida terrena, nas coisas ou no que cerca seu corpo e suas ações, mas suas obras no ministério pastoral têm efeitos eterno e lhe fornecerão dádivas para a eternidade. Tratando sobre essa percepção do sentido neste conceito de fé, Frankl (2019b, p. 62),

A finitude do espírito humano faz com que somente lhe seja acessível, em cada caso, um sentido particular. O sentido do todo excede a capacidade perceptiva do homem, e à “procura de sentido” só pode corresponder um conceito-limite, como o “supersentido”. Neste ponto, o saber cede diante da fé. Pode ser demonstrado casuisticamente que a fé no supersentido é o que há de mais evidente e natural, tão logo caminho lhe seja previamente facilitado pelo exercício da reflexão, o “esforçar-se do conceito”.

O sentido da vida pode ser contemplado na percepção do sujeito sobre suas escolhas e atos no mundo. Os pastores entrevistados da Assembleia de Deus Belém em São Paulo, demonstraram em suas falas sobre o sentido da vida e sua compreensão do mundo a partir de um campo religioso, mas também de suas necessidades, crises e perspectivas. Compreender a tarefa do pastor como uma relação integral no seu histórico de vida, é perceber que suas lutas externas, que é relativo às dificuldades que enfrenta no trabalho com a igreja, no trato com a família e nas relações interpessoais, e às dificuldades internas, está significando os seus medos, preocupações, ansiedade, angústia, sentimentos e emoções. São vivenciadas, vencidas e experienciadas pelo pastor a partir de seu campo de fé, vida, amor, liberdade e aprendizados.

Se a busca de sentido é a principal força de motivação do ser humano (Frankl, 2019a), podemos apontar que a busca dos pastores no sentido de sua missão, pode ser a fonte de origem para que estes construam sua resiliência. Seja no êxito do desempenho da missão religiosa ou nas crises que estes enfrentam no ministério, como a síndrome de *burnout*. A resiliência no ministério pastoral é construída na sua experiência ainda como membro, como um pastor bem fala: “Minha formação ocorreu no próprio campo de trabalho, foi exercendo às funções de auxiliar, de obreiro que fui aprendendo sobre ser pastor, saber suportar as dificuldades e como resolver os problemas” (PASTOR 2, entrevista pessoal, 08. mai. 2020).

É a experiência que também alavanca a resiliência no ministério pastoral, estas também resultado das crenças de que o que o pastor vivenciou fora a vontade de Deus para seu aprendizado, e assim os pastores entrevistados apontam para Deus como o que prepara para enfrentar às adversidades e saberem superá-las. Como bem aponta Frankl (2019a), que o resiliente tem uma filosofia de vida na qual todas as experiências pessoais têm significado e promovem esperança, onde mesmo nos momentos desagradáveis da vida, existe um significado que gera sentido e mudança.

A perspectiva pastoral assembleiana aponta para Deus como ser supremo que escolhe pastores e os envia para sua obra (referindo-se à igreja), e estes escolhidos por Deus, são homens vocacionados, que estão no cuidado do rebanho, na luta e labuta do ministério. Suas mãos carregam uma vara e cajado no sentido espiritual para estes pastores, e sua missão envolve perseverança, combater o bom combate como diz Paulo, e vencer todos os obstáculos pela igreja. A crença que existe nestes pastores é com base na missão pela igreja, eles não buscam um sentido na vida em si, para encontrar um sentido na missão divina que entendem terem sido chamados, e assim, suas vidas ganham sentido, cumprindo a vontade de Deus, que aponta para uma vontade de sentido, relacionada a resiliência no trabalho pastoral.

A esperança demonstrada pelos pastores na crença em Deus é algo constatado em suas falas, sejam nos elementos de crença, quando tratam sobre a Bíblia, sobre experiências milagrosas que estes chamam de testemunhos, ou de perspectivas místicas, como vida eterna e galardão que receberão por seu trabalho. Esta fé que é geradora de esperança é mais uma prática de resiliência desenvolvidas pelos pastores. Frankl (2019a), aponta que o apoiar-se numa forte esperança é um elemento presente na vida do resiliente. Outra prática que faz parte da vida do resiliente é ter grande disciplina segundo Frankl (2019a). Os pastores entrevistados falam de vida consagrada, determinação em cumprir vida de oração e consagração no seu dia a dia e de manter leitura diária dos seus textos sagrados.

Observamos que a resiliência do pastor da Assembleia de Deus está além de questões materiais, bens ou reconhecimento humano. Suas práticas de resiliência, estão na crença de vida eterna, recompensa divina e fidelidade de Deus. Podemos apontar que esta prática de vida, está na contramão do mundo consumista e baseado na troca de favores e de ganhos financeiros. Os pastores acreditam no que tratam como chamado de Deus, e assim vivem uma vida que é resistente às crises e ao sistema, pois vivenciam uma filosofia de vida em resistir por acreditar e não pelo que estão a ganhar. Sendo a crença e fé os elementos essenciais para a resiliência do pastor assembleiano.

3.8. Curando às dores: medidas no tratamento da síndrome de *burnout*

Articulando perspectivas no tratamento com pastores da Assembleia de Deus em São Paulo, que sofrem da síndrome de *burnout*. Apontamos iniciar a explicação sobre a necessidade de apoio psicológico para o tratamento no enfrentamento da síndrome de *burnout* a partir de textos bíblicos que trazem orientações sobre a importância do cuidado com a saúde espiritual, física, emocional, familiar e de relacionamentos saudáveis nas relações interpessoais dos pastores. Consideramos essa estratégia de atuação clínica, por percebermos que nas entrevistas realizadas, os pastores fizeram uso da Bíblia em algum momento para falar de suas questões pessoais, familiares, sociais, ministeriais e seus anseios e necessidades.

Ainda apontamos esse método inicial de trabalho por haver dentro do seio assembleiano uma sacralização dos textos bíblicos, onde no credo da Assembleia de Deus, as escrituras são consideradas “a Palavra de Deus”, e estas transmitem ao fiel, ensinamentos e práticas que podem instruí-lo como deve ser seu proceder na vida terrena (SILVA et al, 2017). Porém consideramos que estas instruções transcendem o conceito religioso, e alguns dos ensinamentos registrados no texto sagrado dos cristãos, são úteis para a promoção de bem-estar emocional, espiritual e social na carreira de qualquer pessoa.

Falando sobre o cuidado pastoral, o apóstolo Paulo escreve para Timóteo e Tito, instruções que ficam conhecidas como as epístolas pastorais. Suas palavras não são instruções sobre uma ação contra algo, mais orientação com método de prevenção para a saúde e capacitação no exercício da liderança para o jovem ministro religioso. Mesmo sendo ainda noviço, dispondo de uma melhor condição física, o apóstolo dos gentios sabia às consequências espinhosas do trabalho sacerdotal, e por isso traz recomendações para os jovens obreiros por muitas vezes nas epístolas:

Texto/Referência Bíblica	Orientação
“Tem cuidado de ti mesmo”. 1º Timóteo 4.16	Paulo escreve sobre a necessidade do cuidado de Timóteo em sua vida como líder espiritual frente aos muito desafios que teria que enfrentar.
“Mas dado à hospitalidade, amigo do bem, moderado, justo, santo, temperante”. Tito: 1. 8	Orientações paulinas se baseiam em ter bons relacionamentos, ser justo, moderado nas ações do cotidiano, separado das questões mundanas (conceito de se afastar das práticas do sistema corrupto, cf. Tg. 1.27), e temperante, saber agir com calma, gera prática de vida com equilíbrio e sobriedade.
“Não bebas mais água só, mas usa um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas frequentes enfermidades”. 1 Timóteo 5.23	As instruções paulinas neste texto ampliam a visão apenas espiritualista do credo de cura de uma enfermidade. Sendo uma citação que revelam como mesmo nos primórdios da igreja, os cristãos compreendiam que na medicina havia métodos eficazes para tratamentos de doenças.

Estes textos bíblicos, são exemplos de como o trabalho de apoio a pastores assembleianos pode ter um método iniciado a partir das instruções do texto considerado sagrado para os líderes e membros da Assembleia de Deus em São Paulo. Iniciando estas instruções, cabe ao pesquisador, psicólogo, psiquiatra, médico ou profissional da saúde que trabalha com este grupo de religiosos, valorizar as crenças destes pacientes e compreender que o trabalho com pessoas que atuam no campo espiritual/religioso, é mais eficazmente realizado a partir de lentes que façam os profissionais enxergarem suas crenças, credos e símbolos, textos e/ou objetos sagrados, como instrumentos para o desenvolvimento no trabalho de promoção de saúde mental, física e emocional.

Tratar da síndrome de *burnout* é pensar sobre as questões de saúde mental. Segundo Gonzalo Adis, conforme cita Mézerville (2018), quando se pensa na saúde mental do indivíduo, se pensa na forma em que o indivíduo se ajusta a seu mundo, na forma em que o sujeito se relaciona consigo mesmo e com os outros, e no modo peculiar de resolver seus problemas no cotidiano. Levar uma reflexão da necessidade do cuidado com a saúde mental e da promoção da saúde como um todo, é uma necessidade para o ministro e todo seu meio, como a Igreja, família e sociedade. O cuidado com os ministros pentecostais é levá-los a consciência da importância da sua missão por uma perspectiva social e científica, além da abordagem espiritual já tratada.

Um desafio que deve ser enfrentado e superado em trabalhos com os ministros religiosos, é gerar a conscientização do amor-próprio, existindo um sentimento em muitos ministros assembleianos que dedicam-se muito tempo aos outros, falando do amor de Deus pelas pessoas, que a Igreja é lugar para essas pessoas serem tratadas, porém sua vida parece não fazer parte deste grupo até o momento que suas forças físicas, emocionais e psicológicas se esvaem, e assim, a necessidade de auxílio e assistência dos pastores é sentida pelos mesmos, porém se houvesse uma percepção do cuidado antes do surgimento de sintomas da síndrome do esgotamento, o trabalho poderia ser muito mais proveitoso e com resultados que alcançariam os pastores e seus membros que seriam cuidados de uma melhor maneira pelos líderes pentecostais.

Os sacerdotes devem amar-se e cuidar-se como aquilo que são, ministros do Senhor com uma missão essencial na Igreja, para que assim possam viver o amor misericordioso de Jesus Cristo e ser capazes de se comover diante de cada um desses “pequenos” do Reino, com o objetivo de guiá-los como rebanho para a luz do Senhor” (MÉZERVILLE, 2018, p. 16).

Os cuidados com os pastores pentecostais é um desafio que implica uma nova frente de trabalho nesta luta para promover a saúde mental neste mundo marcado pelo adoecimento dos trabalhadores e trabalhadoras devido aos altos apelos de consumo, utilitarismo e ganhos exacerbados e concentrados apenas no ter, sem reflexão ou valorização do ser, sem percepções da importância de pensar a existência e a vida como perspectiva e apoio na promoção de bem-estar mental, emocional, psicológico e mesmo espiritual.

Devendo proporcionar nestes trabalhos realizados com os pastores da Assembleia de Deus, a construção teórica dos resultados da produção de material com textos, vídeos, folders e outros materiais com *layouts* que ajudem a divulgar os sintomas da síndrome de *burnout*, suas consequências, métodos de prevenção e de apoio no tratamento coletivo e pessoal, tanto em trabalhos clínicos individuais como em atividades de grupo. Pois o acolhimento, apoio, cuidado e orientações na promoção da saúde mental dos pastores assembleianos, ampliam tanto o saber científico, como geram práticas de saúde que colaboram no avanço das técnicas e ampliação da rede de cuidados com pastores frente a saúde mental e emocional dos integrantes da liderança da maior denominação *evangélica-pentecostal* da América Latina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos esta pesquisa, considerando que os objetivos foram alcançados, tanto nos aspectos da pesquisa bibliográfica, como na coleta de dados em campo e nos resultados alcançados nas análises realizadas. No material teórico levantado e analisado, conseguimos agregar textos importantes para produção das análises a partir dos dados coletados, como ainda dispor de um maior leque de textos científicos para futuras produções na temática estudada. Nos objetivos traçados para as entrevistas, consideramos que obtivemos um grande resultado, mesmo havendo os contratempos por conta da pandemia, que exigiram uma reorganização de cronograma, tanto nas atividades na universidade, ações extracurriculares e na produção da pesquisa. Ainda assim, conseguimos ter êxito em entrevistar 6 pastores, que se encaixaram nos pré-requisitos para coleta de dados.

Registramos que esta pesquisa alcançou todas suas propostas, resultando na produção dos seguintes resultados a partir das problemáticas pesquisadas nesta dissertação:

1-Que o trabalho desenvolvido pelos pastores da Assembleia de Deus em São Paulo, exerce grande influência na saúde psíquica dos ministros religiosos, pois além das demandas com a igreja, os pastores têm suas responsabilidades de trabalho secular, nas questões relacionadas ao cuidado e atenção familiar e suas próprias necessidades pessoais, emocionais, psicológicas e espirituais. E buscando ajudar e apoiar os membros e pessoas das comunidades que pastoreiam, dedicam-se além de suas forças no trabalho religioso, e por consequência de tantas atividades, ficam esgotados tanto fisicamente, psicologicamente, emocionalmente e espiritualmente. Todas estas variáveis contribuem para que os pastores desenvolvam a síndrome de *burnout*;

2 – Concluimos conforme os dados obtidos nas entrevistas e na análise dos dados, que os pastores da Assembleias de Deus em São Paulo, não recebem instrução ou preparo psicológico para lidar com as exigências do trabalho e de como organizar seu tempo, como separar tempo para família, descanso e estudo. Ressaltamos, que os entrevistados pontuaram que não conhecem nenhuma igreja pentecostal ou de outro credo evangélico, que forneça uma instrução mais robusta que proporcione qualificação para os pastores terem de maior preparo psicológico. Porém, alguns dos pastores entrevistados, afirmaram que a formação no seminário teológico e nas instruções em livros e aconselhamento com pastores mais experientes,

proporciona um apoio e orientação para lidar com as tarefas no ministério, servindo como algo de auxílio frente a essa maior necessidade teórica e técnica, porém a ausência de um preparo antes do pastorado, é algo que sentem faltam e entendem ser necessário;

3 – Ainda segundo 5 pastores entrevistados, não existe um apoio para saúde psicológica, emocional ou para ajudar os pastores a tratarem de questões fundamentais na sua vida pessoal, familiar e econômica. E por essa ausência, existem pastores que desistem de pastorear igrejas, alguns chegando o pastorado, e alguns adquirem stress e o *burnout*, ficando doentes por não terem um apoio para lidar com as pressões do trabalho pastoral. Esta ausência registrada no trabalho, se trata tanto no âmbito de ações para prevenção, como do cuidado com os pastores, para que estes não venham a adquirir a síndrome do esgotamento ou outras patologias. Apenas 1 pastor, afirmou que o ministério oferece assistência aos pastores, porém este pastor possui um plano de saúde pago pela igreja, um familiar seu, que também foi pastor, recebeu um valor em dinheiro até seu falecimento. Benesses e assistências estas, que nenhum dos demais pastores entrevistados, nunca receberam;

4 – Constatamos que os pastores entrevistados não possuem nenhum apoio psicológico, que os pastores dirigentes de congregações, não recebem nenhuma ajuda financeira, 4 pastores ainda acrescentaram em suas falas, que pagam para ser pastor¹⁰. Pois os mesmos pontuaram que a ausência de cuidado com os pastores dirigentes de congregação é corriqueira em todos os ministérios assembleianos que eles conhecem, não apenas na AD Belém. E sobre o cuidado com os pastores que estão sofrendo de cansaço ou fadiga, os pastores pontuaram que existem pastores setoriais que entendem, porém outros não. E, assim cada um se responsabiliza por si mesmo, e não existe um projeto ou instruções mais elaboradas sobre o cuidado com os pastores.

5 – Consideramos que os pastores enxergam suas demandas sempre como responsabilidade, trabalho, exercício da vocação e obrigatoriedade. Porém, as exigências da liderança do ministério e da igreja, muitas vezes, se sobressai sobre as responsabilidades do pastor com sua família e vida pessoal. Dos 6 pastores entrevistados, 3 pastores mencionaram ter pelo menos 15 dias de folga pelo menos 1 vez ao ano, os outros três, tem buscado sempre ter um período de descanso, porém sem dias específicos.

10 Neste momento das entrevistas, quando percebi que as falas se repetiram, perguntei por quê? Os mesmos me trouxeram motivos semelhantes, como: “Recebo apenas ajuda de combustível para os cultos, mas tenho que visitar os membros, ir ao hospital, em velórios, visitar outros pastores do setor, reunião do ministério, culto de ensino na sede do setor, ajuda irmãos que estão desempregados ou doentes, compro produtos ou ofereço oferta para as atividades que os departamentos fazem, etc. (alguns dos motivos se repetiram, outros fizeram parte da fala de cada pastor entrevistado).

6 – O enfrentamento dos pastores frente a sintomas ou a síndrome de *burnout*, é ainda um tema que precisa ser mais bem elaborado e compreendido pelos pastores. Nos resultados obtidos, concluímos que os pastores ainda temem em relatar que estão sofrendo do esgotamento físico e mental a liderança e a igreja, pois alguns pastores trazem opiniões desprovidas de saber técnico, mas baseada na ignorância e na ausência de compreensão da necessidade de cuidado com a saúde mental e emocional dos ministros. Segundo 3 (três) pastores, estes não falam de seu cansaço ou dificuldades para a liderança ou outros pastores, por já terem ouvido às falas de líderes, que isso é: frescura, falta de oração, está em pecado, precisa buscar mais a Deus, ou coisas do gênero. E assim, o apoio dos mesmos é restringido a esposa ou como disse um entrevistado: “Ficamos para nós mesmo os nossos problemas e dificuldades” (PASTOR 4, entrevista pessoal, 01. jul. 2020).

7 – Constatamos que os pastores entrevistados têm um tempo extremamente limitado, que devido o trabalho secular e às atividades da congregação, não existe um tempo ideal para assistência a família. Sendo ainda relatado por 5 entrevistados, que durante muito tempo dedicaram-se tanto à igreja que esqueceram de cuidar de suas famílias. E somente após cobranças da família, do agravamento de sintomas da síndrome de burnout, eles perceberam que deveriam dedicar mais tempo para si e para suas esposas, filhos e filhas. E atualmente 3 pastores tem um dia dedicado a família, todos confessaram que algumas vezes ainda tem obrigações da igreja que os fazem ainda atenderem às demandas do trabalho nesta data, porém já existem momentos de folga, mesmo que realizado por eles mesmos, para darem atenção à família e cuidarem da própria saúde.

8 – Concluímos ainda, que os pastores não têm um cuidado maior com sua saúde, nenhum dos entrevistados chegou a ter acompanhamento terapêutico, fazer exames de rotina, ou ter férias remuneradas ou apoio do ministério para viajar com a família e ter dias de repouso. Mas todos entendem ser importante a assistência aos pastores e o apoio à saúde mental e psíquica dos ministros pentecostais. E ainda relatam 5 entrevistados, que a igreja e o ministério não têm mecanismo ou práticas para oferecer uma assistência para descanso e cuidado com a saúde dos ministros. 1 (um) pastor entrevistado disse que: “No estatuto do ministério diz que o pastor tem que ter 1 (um) mês de descanso obrigatório” (PASTOR 4, entrevista pessoal, 30. jun. 2020). Porém, na pesquisa feita no estatuto da convenção e do ministério citado pelo Pastor 4, não foi achado este item que ele citou. O mesmo pastor, é o único em ter auxílio de saúde fornecido pelo ministério no grupo de pastores entrevistados (percebemos que este auxílio recebido pelo referido pastor é por conta de ter sido filho de pastor, e em suas falas sempre demonstrou

agradecimento a igreja, indicamos que é um tema que merece ser mais bem pesquisado, pois produz falas positivas a respeito do trabalho realizado).

Apresentamos como um registro importante nos resultados desta pesquisa, que 4 (quatro) pastores entrevistados, prontamente, sem serem perguntados, ao fim de suas palavras, trouxeram a informação que o momento da entrevista foi algo que os deixou muito bem, que somente em participar da entrevista e poderem falar, sem temer que poderiam ser corrigidos ou mal interpretados, serviu como um momento de desabafar, que os deixou mais leve (fala trazida por todos os 4 entrevistados, parafraseando-os). Um dos pastores disse: “Participar desta conversa me deixou mais aliviado” (PASTOR 2, entrevista pessoal, 8. mai. 2020).

Os outros 2 (dois) pastores entrevistados, se colocaram à disposição de participar mais vezes de outras entrevistas e disseram que também foi muito proveitoso para eles participarem da pesquisa. Analisamos que o momento que foi dedicado para ouvir os pastores, representou para os mesmos um tempo de apoio, acolhimento e escuta atenta e exclusiva aos pastores, mesmo sendo em ambiente virtual a maioria das entrevistas, os resultados coletados e os efeitos naquele momento para os entrevistados, foi considerado de grande importância, e pode proporcionar bem-estar e promoção da saúde mental dos referidos pastores.

Na introdução deste trabalho está registrado o levantamento de hipóteses sobre motivos e causas que resultavam no esgotamento físico e mental dos ministros da Assembleia de Deus entrevistados, com base no projeto de pesquisa desta Dissertação. E conforme os resultados obtidos a partir das análises dos dados, conseguimos perceber e confirmar que: as altas demandas de trabalho do pastor e suas responsabilidades frente à família, ministério, igreja e trabalho secular, são fatores causais para o surgimento de sintomas da síndrome do esgotamento e prejuízo da saúde dos pastores entrevistados.

Que a ausência do cuidado com a saúde psicológica dos pastores, o torna uma figura frágil em todo o processo de trabalho do ministério e de sua vida pessoal. As exigências superam à capacidade física, mental, emocional e psicológica deles. Chegando ao ponto de o pastor não conseguir atender todos os apelos das diferentes áreas de atuação que desempenha. Pois todas suas atividades nunca são para si, sempre para os outros, como por exemplo: comprar roupa, não é pensando em si, mas como a igreja o percebera com aquela roupa, estudar, ele estuda o que a igreja precisa, sua organização de suas atividades é com bases nos cultos ou datas definidas pelo ministério, e não com base no seu interesse de viajar ou até mesmo ficar em casa

para descansar; havendo ainda às demandas familiares e do trabalho secular do pastor, onde estas exigem tempo, esforço físico, mental e emocional dos pastores.

A família, que é uma base de grande importância na igreja, sendo uma das exigências do ministério, que o pastor seja casado, e tanto ele, como sua esposa devem gozar de boa reputação (CONFRASDEP, 2016). É uma área que o ministério não oferece o apoio necessário para o pastor, pois o pastor tem que aconselhar pais, mães, esposos, esposas, filhos e filhas. Porém os quatro pastores entrevistados trouxeram a mesma preocupação em uma pergunta: “quem cuida da família do pastor?”. O pastor além de cuidar das famílias que compõe a igreja, ainda tem que trazer todo suporte para sua família, ficando uma lacuna de como o pastor dará conta da sua família e dos familiares dos membros da congregação.

Tornando-se um elemento a mais nas preocupações e demandas do trabalho pastoral. Assim como às necessidades do emprego, pois este é o que fornece o sustento do pastor, e após o cumprimento do expediente na empresa, o pastor segue para o trabalho na congregação, estando exausto, com preocupações e ainda pensando no dia seguinte das suas responsabilidades no serviço, ficando sobrecarregado com todos os trabalhos que terá que realizar, sendo componentes para mais desgastes do pastor e potencializador para crises psíquicas.

Uma perspectiva hipotética que se confirmou, foi a ausência de conhecimento da necessidade de prestar assistência psicológica aos pastores, por haver uma satanização das doenças e síndromes psicológicas dentro das congregações, os pastores que sofrem da síndrome de *burnout* não falam de suas necessidades e dos seus sofrimentos psíquicos. E assim, sofrendo silenciosamente, os ministros pentecostais não obtêm apoio da liderança e da maioria das igrejas, e por conta disso, os pastores aumentam a probabilidade de sofrerem da síndrome do esgotamento e de outras patologias.

Apontamos ainda com hipótese, que existem demandas que são trazidas aos pastores que estes não conseguem realizar, ou são extremamente difíceis de resolver, e estas causam um desgaste por deixar o pastor preocupado ou triste por não poder ajudar o membro que o buscou com um problema que naquele momento não está ao alcance do pastor, como questões financeiras. Existindo ainda, questões pessoais dos pastores que exigem um auxílio externo do seu dia a dia, como o apoio de um profissional da saúde mental, na assistência psicológica, psiquiátrica e de outras áreas da saúde para contribuir na promoção de bem-estar psíquico, físico, mental e espiritual. Sendo o apoio de suporte espiritual, percebido pela ausência de amigos de confiança dos pastores para estes conversarem, orarem juntos a respeito daquele problema ou de outra questão que tem afligido o coração do pastor.

Por fim, apontamos que por não haver uma distinção do espaço profissional e privado do pastor, a síndrome do esgotamento alcança a vida dos pastores, devido às altas demandas do trabalho do pastor que os levam a ficarem exaustos e esgotados de suas responsabilidades. Neste aspecto, os pastores falam não apenas de si, mas das reclamações da família, que em muitas vezes têm que acompanhar o pastor nas atividades da igreja ou de terem que ficar no templo esperando o pastor concluir um aconselhamento ou ainda, de estar em casa, e à esposa, filhos e filhas, não se movimentar com liberdade e sem privacidade, enquanto o pastor atende uma pessoa na sala ou em outro cômodo da residência. Tais circunstâncias, os levam a sofrerem por verem a família ter seu espaço e tempo resumido devido as demandas do trabalho pastoral dentro do próprio lar, que deveria ser um espaço exclusivo da família, porém tem sua intimidade violada pelas exigências do trabalho na igreja.

Nos objetivos propostos nesta pesquisa, buscamos identificar, descrever e analisar as causas e consequências da síndrome de *burnout* em pastores da Assembleia de Deus Ministério do Belém em São Paulo, tanto no âmbito do pastoreio, como nas questões de sua vida social, familiar, profissional e pessoal. E apontar medidas para prevenção e cuidado com a classe pastoral. E conforme o objetivo geral e os objetivos específicos, conseguimos realizar neste trabalho de pesquisa, os seguintes objetivos elencados nesta conclusão:

1 – Construimos e elaboramos o estado da arte nos três capítulos da Dissertação e realizamos as respectivas análises nos capítulos dois e três conforme os respectivos temas tratados nestas partes da pesquisa. Considerando os aspectos históricos no primeiro capítulo, com intuito de apresentar o campo onde o pastor assembleiano realiza o seu trabalho. Valorizando os aspectos referentes a origem, formação, análise institucional e às relações do pastor e a Igreja nos aspectos sociológicos e organizacionais na segunda parte do trabalho. No capítulo três, apresentamos aspectos teóricos do *burnout* e perspectivas de prevenção e cuidado com os pastores que sofrem da síndrome do esgotamento. A partir da lente da Logoterapia. Em todas estas parte do trabalho, buscou-se apresentar, discorrer e analisar o pastor em sua integralidade, ou seja, nos aspectos pessoais, sociais, familiares e ministeriais;

2 – Buscamos apresentar em todo o trabalho, que às demandas do trabalho pastoral são amplas e históricas, e que o trabalhador eclesiástico na Assembleia de Deus, tem no constructo social e pessoal de sua vida, uma gama de obrigações nas suas muitas atividades. Havendo um esgotamento de suas forças frente às atividades do pastoreio, e assim prejudicando sua capacidade de saber lidar com às exigências da família, do trabalho secular e no próprio

desempenho das funções pastorais, que potencializam os sintomas da síndrome de *burnout* e possibilitam o adoecimento psíquico dos pastores pela ausência de preparo e prevenção desta síndrome psicossomática;

3 – Realizamos este trabalho a partir da combinação de lentes de pesquisa e analíticas de variadas ciências, sendo um trabalho multidisciplinar, com ênfase na Psicologia, Ciência da Religião, Sociologia, História, Antropologia e Filosofia. Porém, ainda contando com contribuições de outras ciências para construção textual do texto Dissertativo;

4 – Sendo este trabalho após sua defesa, um material teórico de valia para outros pesquisadores e pesquisadoras, que buscam mais informações sobre a síndrome de burnout em pastores da Assembleia de Deus, ou líderes religiosos. Possibilitando ser também uma fonte para apoiar novas propostas temáticas, sejam no campo da Ciência da Religião, Psicologia, Psiquiatria, Sociologia, História, Saúde e análise do campo religioso assembleiano. Tendo sido produzida com rigor acadêmico e apresentando-se como um trabalho de fonte de referência a referida área pesquisada. Podendo colaborar também como um material para prevenção e apoio de pastores no enfrentamento da síndrome de *burnout* e para conhecimento mais amplo de membros de instituições religiosas sobre a necessidade de cuidar dos seus líderes e de fornecer o apoio necessário para promoção de saúde mental desta classe de trabalhadores;

5 – E por fim, concluímos esta Dissertação, alcançando o objetivo de produzir um material que serviu como uma preparação de terreno para a Tese de Doutorado e futuro trabalhos acadêmicos e científicos sobre essa área de pesquisa, e ainda para outros temas de interesses na área de Psicologia Social e do Trabalho e Saúde mental, seja no foco do cuidado ou prevenção de trabalhadores do campo religioso assembleiano

Apontamos que a proposta de desenvolver esta pesquisa com enfoque na transdisciplinaridade foram um dos objetivos e propostas que mais enriqueceram este texto dissertativo. Consideramos que a construção teórica e analítica a partir de variadas lentes de pesquisa, variados aspectos do saber, havendo registros históricos, contribuições da sociologia, análise a partir da Ciência da Religião e os enfoques da Psicologia realizados no tema pesquisado, colaboraram muito para a produção de um texto que serviu tanto para pesquisa do objeto proposto, como para preparação do terreno para novas empreitadas científicas e de pesquisas acadêmicas.

Como aponta Kuhn (2006), às revoluções científicas são alcançadas por meio da construção do saber coletivo, ou seja, o desenvolvimento da ciência não é individual ou único, mas desenvolvido e realizado por interação de saberes e unidade de variedades de pensamentos

e estudos. As pesquisas que pretendem ter existido na contemporaneidade, devem ser elaboradas por saberes múltiplos, valorizar variados arcabouços científicos e propostas de integração e promoção de conhecimento que apresente diferentes lentes de compreensão e análise do objeto estudado. Promovendo estudos que em seus resultados alcançam o respectivo objeto e ainda ampliar novas visões pela apresentação de novas perspectivas do tema estudado.

Na pesquisa com pastores da Igreja Assembleia de Deus em São Paulo, a integração dos saberes é fundamental e necessária, tanto para a pesquisa, análise dos resultados e produção dos textos científicos. No desenvolvimento da produção deste trabalho, como já relatamos, houve a integração das ciências e saberes da: Ciência da Religião, Psicologia, Psicologia da Religião, Sociologia, Antropologia, Filosofia e outras perspectivas teóricas e abordagens científicas. Porém o enriquecimento destas ciências não se encontra apenas no uso destas perspectivas teóricas em si, mas no ajuntamento e nas discussões realizadas pela construção simultânea do trabalho com o uso de cada tijolo destas ciências e da fundamentação pela argamassa do saber que juntas estas abordagens científicas proporcionam na construção, organização e a conquista do êxito na pesquisa realizada.

A partir dos resultados obtidos, concluímos que a pesquisa de pastores da Assembleia de Deus frente aos sintomas da síndrome de *burnout* é ainda um campo que merece grande esforço e um longo se debruçar científico. Sendo necessário recorrer a revisitação de outras temas como o *stress*, *coping* e resiliência e outras perspectivas teóricas que tratam do cuidado com a saúde mental nas questões da psicologia do trabalho, com o propósito de apresentar alternativas para auxiliar os pastores na prevenção e nos cuidados com o enfrentamento da síndrome do esgotamento, com o objetivo de ampliar as pesquisas teóricas destas áreas e assim oferecer um material teórico mais amplo para ser estudado e possibilidade de produzir uma práxis das pesquisas desenvolvida e assim colaborar na promoção de saúde e bem-estar na vida de indivíduos e grupos que farão uso do material elaborado, como para divulgação de praticas preventivas e propostas de cuidados para pastores que esteja sofrendo dessa síndrome ou de profissionais da saúde interessados em se aprofunda neste tema para colaborar no auxílio de outras pessoas.

Consideramos que a proposta da Logoterapia, desenvolvida a partir dos estudos de Viktor Frankl, pode ser uma importante ferramenta na pesquisa e na produção de material teórico, tanto para ampliação da pesquisa neste campo, como no tratamento e cuidados com pastores das Assembleias de Deus. Apontamos a temática da resiliência e do sentido da vida tão amplamente discutido por Frankl (2019a), e apontado como possibilidade para maior compreensão do individuo a partir de sua necessidade e situações de vida em todas suas partes

o qual ainda considera os aspectos espiritual-existencial, como um campo que deve ser necessariamente valorizado e jamais ignorado nos aspectos de cuidados da vida humana (FRANKL, 2011).

A labuta dos pastores assembleianos em suas tarefas pastorais é um combate amplo e que exige do ministro pentecostal grande esforço e dedicação para o exercício de suas tarefas. Seja no cuidado com os membros, na realização dos cultos, na ministração da mensagem bíblica, no aconselhamento, na visita as casas das pessoas, no auxílio social, no apoio aos obreiros, nos trabalhos de construção ou reforma de templos ou nas muitas funções desempenhadas pelo pastor. Todas estas exigem tempo, força física, atenção mental, esforço psicológico e dedicação de apoio espiritual para ter êxito no trabalho realizado. Não havendo uma preparação do pastor para realizar essas tarefas, o pastor corre o risco de ficar esgotado e sofrer da síndrome do esgotamento, risco este, que é iminente e sempre muito próximo dos pastores que se dedicam com grande esforço ao trabalho do pastoreio.

Somado a função pastoral, o pastor ainda é responsável do cuidado do lar, como colaborar ou muitas vezes fornecer os rendimentos da família, tendo ainda responsabilidades com os filhos e/ou filhas junto às questões escolares e nos afazeres domésticos e fornecer apoio, assistência e companheirismo a esposa. Havendo então o trabalho secular, onde parte dos pastores entrevistados e conforme informações de outros pastores, mais de 90% dos ministros religiosos da AD Belém em São Paulo, que pastoreiam congregações, tem o trabalho secular como a fonte de renda que sustenta as despesas da família. Sendo assim, se confirma que os pastores têm expediente triplicado, como disse um dos entrevistados. Revelando que estas altas demandas de pastoreio, trabalho secular e assistência familiar, são motivadores suficientes para levarem o pastor na Assembleia de Deus a sofrer da síndrome de *burnout*.

Consideramos que outros temas relacionados a síndrome do esgotamento ainda devem ser explorados de uma melhor maneira, dentro do arraial assembleiano, como a pesquisa com pastores presidentes de campo ou igrejas, para saber como eles lidam com a carga de trabalho imposta pela responsabilidade do ministério? Se estes pastores mesmo tendo dedicação exclusiva, também enfrentam sintomas semelhantes no desempenho do ministério pastoral? E quais são os agentes *stressores* que estão mais presentes no exercício da presidência de igrejas? E ainda, apontar os métodos de *coping* frente às dificuldades impostas no ministério pastoral e quais as influências das crenças nas práticas de resiliências destes pastores?

O estudo do *burnout* representa ainda um campo com muitas dificuldades, porém possibilita muitos aprendizados e possibilidades de atuação na área acadêmica, onde estudar o campo religioso no meio pentecostal a partir da lente do *burnout* como objeto teórico é um

ótimo instrumento para conhecer o campo mais íntimo e ainda desconhecido deste espaço religioso, a liderança. Esta que é responsável por dirigir centenas e até milhares de pessoas no caminho da respectiva fé. Mas ao mesmo tempo que é nobre, excitante, detentora de poder, honra e benesses, é também causticante, pesada, cansativa e angustiante em alguns momentos. Exigindo do pastor o que o mesmo tem de mais precioso, que é sua vida e de sua família.

Compreender o campo dos agentes da pastoral na igreja Assembleia de Deus, é perceber a partir de um olhar científico, suas motivações, perspectivas e aspirações. É suspender alguns conceitos já conhecidos e focar na análise do trabalho pastoral, ampliando a percepção da pesquisa pelas necessidades trazidas por estes pastores, e assim, compreender o sofrimento do trabalho pastoral e seus desdobramentos na integralidade de suas vidas. Para os membros das igrejas da Assembleia de Deus, os pastores são aqueles que detém toda a possibilidade de ajuda, são o auxílio frente aos seus sofrimentos, o socorro para resolver seus problemas e os *anjos* enviados por Deus para conseguirem mudar de vida. Mas, para estes pastores, o resultado do trabalho é cansativo, duro e às vezes muito caro, tanto pelo que tem que fazer, como por terem poucos (ou ninguém) para ajudar, parafraseando o apóstolo Paulo, os oprime a cada dia o trabalho da igreja.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- AD BELÉM. 90 anos das Assembleias de Deus na cidade de São Paulo. In: **Bíblia Sagrada edição comemorativa dos 90 anos da Assembleia de Deus Ministério do Belém - São Paulo - Capital (1927-2017)**. Barueri, SP: SBB, Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911 - 1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleia de Deus 1911-2011**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.
- ALMADA, Roberto. **O cansaço dos bons: a logoterapia como alternativa ao desgaste profissional**. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2019.
- ARAUJO, Isael (Org.). **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BERG, Daniel. **Enviado por Deus: memórias de Daniel Berg**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- BELZEN, Jacob. Constituição histórica da Psicologia da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2016, p. 319-331.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BÍBLIA SAGRADA**. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOMFIM, M.; FILIPPE, M. B. BURNOUT. **Revista Exame**, São Paulo, Ed. 1203, Ano 54, n.3, p. 18-29, fevereiro, 2020.
- CAMPOS, Bernardo. **O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia**. Tradução David Mesquiat de Oliveira. São Paulo: Editora Recriar, 2018.
- CID-10 – **Classificação dos Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas** – Organização Mundial da Saúde, trad. Dorgival Caetano, Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CGADB. **Convenções**. Disponível em: <<http://www.cgadb.org.br/2018a/>> Acesso em: 26. Ago. 2019.
- CONFRADESP. **Estatuto**. Várzea Paulista, SP: Gráfica da CPAD, 2016.
- CONFRADESP. **Ministérios Filiados**. Disponível em: <<https://confradesp.com.br/ministerios-filiados/>> Acesso em: 26 de ago. 2019.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. **A operação do carisma e o exercício do poder:** a lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil. São Paulo: Recriar, 2018.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil.** Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

COHEN, Eliézer. **História da Assembleia de Deus no Estado de São Paulo.** Diágron: São Paulo, 1991.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil:** Os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do movimento pentecostal brasileiro. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho:** estudo de psicopatologia do trabalho. Tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. São Paulo: Cortez, 2015.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas.** Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>>. Acesso em: 30. Mar. 2020.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa:** O sistema totêmico na Austrália. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAJARDO, Maxwell. **Onde a Luta se Travar:** uma história das Assembleias de Deus no Brasil. Curitiba: Editora Prisma, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população:** curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus.** São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2011.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido.** Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019a.

FRANKL, Viktor E. **O sofrimento humano:** fundamento antropológicos da psicoterapia. Tradução Renato Bittencourt, Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações, 2019b.

FRANKL, Viktor E. **A vontade de sentido:** fundamentos e aplicações da logoterapia. Tradução Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2020.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. Et al. **Nem Anjos nem Demônios:** interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GARCIA, Silvana Canalhe. **A resiliência no indivíduo especial:** uma visão logoterapêutica. Revista Educação Especial. n. 31, p. 25-36, 2008, Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista>>. Acesso em: 10. jul. 2020.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes,

2002. Cap. 3, p. 64-89 Weiner, I. B. (2000). **Princípios da interpretação do Rorschach**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à Pesquisa Qualitativa E Suas Possibilidades. **ERA**, v.35, n.2, mar./abr., 1995.

GUIMARÃES, Joaquim Giovani Mol. Apresentação: Cuidando de si e dos outros. In: PEREIRA, William Cesar Castilho. **Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional**. Petrópolis, RJ: Vozes; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

HYATT, Eddie. **2000 anos de cristianismo carismático: um olhar do século 21 na história da Igreja a partir de uma perspectiva carismático-pentecostal**. Tradução de Rafael Resende. Natal: Carisma, 2018.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LAURENTI, Ruy. **Pesquisas na Área de Classificação de Doenças**. Saúde e Sociedade 3 (2): 112-126, 1994. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/sausoc/1994.v3n2/112-126/pt>> Acesso em 21. jun. 2019.

LOTUFO NETO, Francisco; LOTUFO Jr, Zenon; MARTINS, José Cássio. **Influências da Religião sobre a Saúde Mental**. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2003.

MARCEL, Gabriel. **Revolução da Esperança**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1961.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Introdução à administração**. São Paulo: Atlas, 2000.

MÉZERVILLE, Helena López. **O desgaste na Vida Sacerdotal: prevenir e superar a síndrome de burnout**. São Paulo: Paulus, 2018.

PEREIRA, William Cesar Castilho. **Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional**. Petrópolis, RJ: Vozes; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

PESSOA, Jimmy Barbosa. **Assembleia de Deus Bela Vista: Uma igreja, muitas histórias e milhares de vidas**. Fortaleza: Editora Eleal, 2016.

PINTO, Ênio Brito. Ciência da Religião aplicada à psicoterapia. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2016, p. 677-689.

RODRIGUES, Cátia Cilene L.; GOMES, Antônio Máspoli de A. Teorias clássicas da Psicologia da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2016, p. 333-345.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **O que é Pentecostalismo**. São Paulo: Brasilinse, 1987.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**. São Paulo: Cortez, 2011.

SERRA, Adriano Vaz. **O Stress na vida de todos os dias**. Coimbra: Dinalivros, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

SILVA, Esequias Soares da (Org.); *et al.* **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: CPAD; CGADB, 2017.

STORNILO, Ivo. **Como ler os Atos dos Apóstolos: o caminho do evangelho**. Paulus: São Paulo, 2012.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. *Stress, coping, burnout*, resiliência: troncos da mesma raiz. In: JUNIOR, Nelson da Silva; ZANGARI, Wellington (Org.). **A Psicologia Social e a questão do hífen**. São Paulo: Blucher, 2017.

VINGREN, Ivar. **Diário do Pioneiro**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

WACH, Joachim Ernst Adolphe. Os ramos da Ciência da Religião. Tradução Fábio L. Stern. **REVER**. v.18, n.2, mai/ago, 2018.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Vol.1. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Vol. 2. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e participar na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado: Anjos cansados: O sofrimento de pastores com sintomas da síndrome de *burnout* na Assembleia de Deus ministério do Belém em São Paulo. Desenvolvido por Jimmy Barbosa Pessoa. Fui informado, ainda, de que a pesquisa é coordenada e orientada pelo Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone 11-9.9292-0815 ou e-mail: edin.abumanssur@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é colaborar para agregar mais informações sobre os sintomas da síndrome de burnout em pastores da Assembleia de Deus e para desenvolver um material que trate dessa temática com o objetivo de análise, estudo, prevenção e cuidado desse respectivo grupo frente a síndrome do esgotamento.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada, a ser gravada e registrada em relatório a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e o seu orientador e coordenador.

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São Paulo, ____de ____de_____.

(Participante): _____

Data de nascimento: / / - RG:

Jimmy Barbosa Pessoa - Pesquisador: _____

Assinatura da testemunha: _____

ANEXO B

PERGUNTAS TEMAS PARA A REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA NO MODELO SEMIESTRUTURADA COM OS PASTORES DA AD BELÉM EM SÃO PAULO – SP.

- 1 - Como o ministério pastoral influencia na saúde psíquica dos pastores no tocante ao desenvolvimento de sintomas da síndrome de burnout?
- 2 - O adoecimento psíquico e o surgimento de sintomas da síndrome de burnout em pastores da Assembleia de Deus, são resultados da alta demanda dos trabalhos da Igreja?
- 3 - A figura do pastor tem preparo psicológico para conciliar os trabalhos eclesiais e sua vida pessoal, familiar e social?
- 4 - Existe um cuidado do pastor com sua saúde psicológica, havendo ações preventivas e possibilidades de cuidado com os pastores que eventualmente sofram da síndrome de burnout? E ao ser tocado no assunto de saúde psíquica, como é entendido esse assunto?
- 5 - Como o pastor enxerga as demandas colocadas pela Igreja, família e liderança institucional aos pastores assembleianos? Quais os maiores desafios para o pastor no cuidado da saúde psicológica?
- 7 - Como você pastor organiza seu tempo? Você tem momentos de descanso e repouso?
- 8 - Qual o cuidado com os pastores que tem sofrido da síndrome de burnout? Quais ações são tomadas tanto pela liderança do ministério como pela igreja?